ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TANGARÁ DA SERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – MESTRADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Missão da UNEMAT: "Garantir a produção e a difusão do conhecimento através do ensino, pesquisa e extensão, visando o desenvolvimento sustentável."

CÁSSIA SILVA MATIOLEVITCZ

HERLAND: UTOPIA E FEMINISMO EM CHARLOTTE PERKINS GILMAN.

TANGARÁ DA SERRA, MT.
2018

CÁSSIA SILVA MATIOLEVITCZ

HERLAND: UTOPIA E FEMINISMO EM CHARLOTTE PERKINS GILMAN.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Helvio Gomes Moraes Júnior

TANGARÁ DA SERRA, MT.

2018

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

M433h

MATIOLEVITCZ, Cássia Silva .
Herland: Utopia e Feminismo em Charlotte Perkins Gilman. / Cássia Silva Matiolevitcz – Tangará da Serra, 2018.
98 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Estudos Literários, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Linguagem, Câmpus de Tangara da Serra, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.
Orientador: Helvio Gomes Moraes Júnior

1. Herland. 2. Charlotte Perkins Gilman. 3. Utopia Feminista. 4. Sociedade Separatista. 5. Narrador Personagem. I. Cássia Silva Matiolevitcz. II. Herland: Utopia e Feminismo em Charlotte Perkins Gilman.: .

CDU 81'4

Cássia Silva Matiolevitcz

***HERLAND*: UTOPIA E FEMINISMO EM CHARLOTTE PERKINS GILMAN.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Examinada por,

Prof Dr. Helvio Gomes Moraes Junior (UNEMAT)

Prof. Dr. Aroldo José Abreu Pinto (UNEMAT)

Profª. Drª. Ana Cláudia Romano Ribeiro (UNIFESP)

Em Tangará da Serra, no dia 25 de maio de 2018.

A todos aqueles que me inspiraram e aqueles
a quem nesta jornada inspiro.

Agradecimentos

Agradeço a todos que colaboraram de alguma forma para tornar esta pesquisa possível, em especial;

Aos meus pais, Valdir e Zelinda, por estarem sempre presente e me incentivarem a ser sempre melhor.

A minha pequena e doce Cecília, por ter trago mais esperança aos meus dias.

Ao meu companheiro Eduardo, por ser sempre presente.

Ao meu orientador, Helvio, por todo suporte necessário para a descoberta e conclusão desta pesquisa.

A banca, Dra. Ana Cláudia Romano Ribeiro e Dr. Aroldo José Abreu Pinto, pelas significativas contribuições.

Aos amigos pelas inúmeras conversas e conselhos que me fortificaram ao longo desta jornada.

Ao PPGEL, por proporcionar esta oportunidade.

E por fim, agradeço a mim, por em muitos momentos ter buscado forças e não desistir.

"La utopía está en el horizonte. Camino dos pasos, ella se aleja dos pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá.
¿Entonces para que sirve la utopía?
Para eso, sirve para caminar."

Eduardo Galeano

MATIOLEVITCZ, Cássia Silva. *Herland*: utopia e feminismo em Charlotte Perkins Gilman. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL/UNEMAT, Tangará da Serra, 2017. Orientador: Prof. Dr. Helvio Gomes Moraes Júnior.

Resumo

Esse texto pretende construir uma análise interpretativa do romance *Herland*, publicado em 1915 pela norte-americana Charlotte Perkins Gilman e traduzido para a língua portuguesa em 1979, por L.Ibañez; *Herland, A Terra da Mulheres*. Propomos como objetivo principal um estudo sobre a sociedade separatista construída nesta obra, levando em consideração o ponto de vista do narrador-personagem, Vandyck Jennings, que ao longo do romance faz comparações entre essa realidade encontrada na sociedade feminina descoberta e a realidade vivida em seu país (Estados Unidos da América), ainda que de forma direta ou indireta na narrativa, propondo sempre uma perspectiva de aprendizagem e não de julgamento em relação a uma sociedade construída por mulheres, diferentemente de seu companheiro de viagem, Terry. Inicialmente, traçamos um breve perfil sobre a autora, explorando em especial o alcance de suas obras e discursos pelos quais lutava, no intuito de contextualizar a obra aqui estudada. Após é abordado o conceito de Utopia, gênero literário que se pode perceber nesta obra, caracterizada pela proposta de uma sociedade separatista feminista. Nesta parte do trabalho, nos apoiamos nas perspectivas críticas de, Claude-Gilbert Dubois (2009), Luigi Firpo (2005) e Gregory Clayes (2013). E finalmente, no último capítulo realizamos a aplicação das abordagens feitas no suporte teórico em paralelo com o romance e o contexto histórico de Charlotte Perkins Gilman em relação a obra. O grande destaque se dá a descrição dessa sociedade utópica feminina na voz de um narrador personagem masculino, Vandyck que está afrente dos fatos narrados durante a expedição.

Palavras-chave: *Herland* - Charlotte Perkins Gilman - utopia feminista – sociedade separatista – narrador-personagem.

MATIOLEVITCZ, Cássia Silva. Herland: utopia and feminism in Charlotte Perkins Gilman. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL/UNEMAT, Tangará da Serra, 2017. Orientador: Prof. Dr. Helvio Gomes Moraes Júnior.

Abstract

This text intends to construct an interpretative analysis on the novel *Herland*, published in 1915 by the North American Charlotte Perkins Gilman and translated into the Portuguese language in 1979, by L. Ibanez; *Herland, The Land of Women*. As a main objective, a study of the separatist society constructed in this work, taking into account the point of view of the character narrator Vandick Jennings, who throughout the novel makes comparisons between this reality found in the female society discovered and the reality lived in his country United States), although directly or indirectly in the narrative, always proposes a perspective of learning and not judgment in relation to a society built by women, unlike his traveling companion Terry. Initially, we draw a brief profile on the author, exploring in particular the scope of her works and speeches for which she struggled, in order to contextualize the work studied here. I after the concept of Utopia is approached, the literary genre that can be perceived in this work, characterized by the proposal of a feminist separatist society. In this part of the paper, we rely on the critical perspectives of Claude-Gilbert Dubois (2009), Luigi Firpo (2005) and Gregory Clayes (2013). And finally, in the last chapter we apply the approaches made in theoretical support in parallel with the novel and the historical context of Charlotte Perkins Gilman in relation to the work. The great highlight is the description of this female utopian society in the voice of a male character narrator, Vandyck who is aware of the facts narrated during the expedition.

Key words: *Herland* - Charlotte Perkins Gilman - feminist utopia - separatist society – character narrator.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1. CHARLOTE PERKINS GILMAN 22
1.1 Vida e engajamento político: um percurso por sua trajetória **22**
1.2 Da vida à ficção: Charlotte Perkins Gilman na terra *dela* **24**

2. SUPORTE TEÓRICO 44
2.1 Utopia **44**
2.2 *Herland*: uma narrativa que reconfigura o mito das Amazonas **48**

3. *HERLAND*, UMA UTOPIA FEMINISTA 57
3.1 Autoria e narrativa: um paralelo necessário **57**
3.2. *Herland*: uma utopia feminista **60**
3.2 Vandyck: a voz do romance **72**

CONSIDERAÇÕES FINAIS 86
REFERÊNCIAS 94

INTRODUÇÃO

O romance aqui em pesquisa, *Herland*, foi publicado em capítulos em 1915 no *The Forerunner*, um jornal mensal estadunidense, editado por Charlotte Perkins Gilman (1860-1935), sobre o tema dos direitos das mulheres e assuntos a ele relacionados. O romance em questão relata uma viagem, com uma série de aventuras vividas por três amigos exploradores estadunidenses: Terry O. Nicholson, Jeff Margrave e Vandick Jennings, este último o personagem principal e também o narrador. Nessa aventura, conhecem uma terra absolutamente impensada, Herland, um país habitado apenas por mulheres há mais de dois mil anos depois de um grande desastre.

Ainda quanto à apresentação dos três personagens protagonistas, é importante esclarecer que ao longo deste trabalho estes serão chamados ora pelo nome completo, ora apenas pelo primeiro nome. Com exceção do narrador-personagem que na maioria das citações será tratado apenas como 'Van', do mesmo modo como faz o próprio narrador, que na maioria das vezes, tanto de forma direta ou indireta, cita seu nome de forma reduzida.

Quando os estadunidenses chegam a esta comunidade só de mulheres, permanecem por pouco mais de um ano como prisioneiros, até ficarem mais "civilizados" para compreenderem as diferenças ali presentes e conviver tranquilamente com as mulheres do local, sem repulsas. Durante esse tempo, num processo de 'civilizá-los', recebem instruções sobre o funcionamento e a organização do lugar, que na visão dos personagens surpreende pela organização e tecnologia empregada num lugar exclusivamente habitado por mulheres. Neste espaço de tempo, eles também contam a suas anfitriãs como é o lugar de onde vieram – os Estados Unidos da América.

Ao longo da obra, passamos a considerar esses dois locais, o 'lugar de onde vieram' (Califórnia - EUA) e o 'não-lugar' (Herland), sendo impossível não compará-los nos discursos e apresentações dos personagens desses dois 'lugares', o que que nos leva a acreditar que o objetivo principal, além de distinguir a sociedade utópica presente na obra da sociedade existente, é deixar bem claro a distinção quanto à participação das mulheres nos dois locais. Percebe-se que o futuro projetado é mais imparcial quanto à participação do gênero feminino na sociedade, isso por meio das críticas aos costumes vigentes, sem distinguir homem ou mulher, mas buscando mostrar as vantagens da igualdade de valores

em respeito às diferenças e buscando destacar o que de positivo foi encontrado nos feitos de cada um dos gêneros.

É necessário observar também a desigualdade na sociedade da época em que a obra foi escrita, o momento e contexto histórico que tem como referencial os Estados Unidos do início do século XX. Uma época onde as mulheres reivindicavam o direito ao voto. Essa desigualdade é percebida na narração do romance, quando na sociedade utópica há uma troca de informações entre os exploradores e as moradoras de Herland.

Porém, mesmo em Herland há divisões de trabalho. Como exemplo, podemos citar a maternidade: só as mulheres com certa capacidade são eleitas para gerar as crianças; já no que se refere a educá-las, é uma missão de todo o grupo. Este é um tema que arrasta-se ao longo do romance devido à dificuldade dos prisioneiros em entendê-lo, pois no "nosso" mundo isso é um direito de todas as mulheres, praticamente a principal função da mulher numa sociedade patriarcal, criar e educar os filhos.

Essas são algumas observações e questionamentos que respondemos ao longo desta pesquisa. Afinal, quais aspectos que tornam essa obra centenária ainda tão atual e tão compreensível às inquietações dos movimentos feministas?

Na obra, composta por doze breves capítulos, cujos detalhes mais significativos explanaremos mais adiante, a autora expõe os acontecimentos por meio das memórias do personagem-narrador, como podemos observar no discurso de Vandick Jennings: "Infelizmente, para escrever este livro, tive que me basear apenas em minhas recordações" (GILMAN, 1981, p. 21).

Quando a autora utiliza este recurso literário das memórias nas linhas da narrativa, identificamos bem no início do romance uma das características comumente presentes no gênero utópico. E assim, pelas memórias do narrador-personagem, a narrativa inicia-se de um lugar afastado e de um espaço diferenciado, isto é, há um narrador que experimentou um espaço e um tempo que não são mais aqueles de onde ele se situa no momento e proporciona ao leitor a oportunidade de experenciar outras dimensões. Isso, partindo do discurso em primeira pessoa, evidenciando um fenômeno que Gerárd Genette (2000) chama de "anacronia", que é uma narração que se dá "mais ou menos longe do momento 'presente'", marcando uma interrupção da narrativa principal, cedendo lugar para secundárias, e pode acontecer inclusive inversão ou alteração de ordem cronológica.

No primeiro capítulo há o predomínio da anacronia, que se deve à função da caracterização dos três personagens principais, no que refere-se ao período antes de iniciar a trama da narrativa, descrevendo a maneira como eles agiam, seus hábitos e costumes, locais de origem, profissão e o mais significativo é que o narrador se atém com mais detalhes sobre a maneira como eles pensavam o "sexo frágil". Esses detalhes buscam além dessa contextualidade, eles dão ênfase à veracidade dos fatos à frente narrados durante a viagem.

Ann J. Lane em Gilman (1981) evidencia na introdução de *Herland* que, apesar da autora em geral não ser considerada uma humorista, esta utopia feminista tornou-se uma obra divertida pela forma com que seus personagens utilizam da ironia para reconstruir situações cotidianas no convívio entre homens, mulheres e os estereótipos já construídos. Esta obra em estudo é um de seus melhores exemplos imaginativos, pois a autora consegue reunir muitos elementos e situações características do universo feminino e torná-las cômicas e estimulantes ao riso franco que se embala no constatar de que o fato narrado é uma verdade que a sociedade patriarcal dita ou impõe.

Lane é uma grande estudiosa de todo o trabalho de Gilman e defende que grande parte de seu trabalho possui humor nos comentários sociais absurdos que são expostos de modo irônico, em especial quando aplicados à "eterna natureza" da mulher. A facilidade com que ela vai do humor à seriedade da análise social construída na obra é admirável, visto que as obras que possuem caráter crítico raramente conseguem estabelecer uma distância entre a obra, autora e contexto, fazendo-se ainda motivo de riso. Gilman propõe esse humor em *Herland*, quando utiliza-se de um narrador masculino a expor uma sociedade feminina, e consegue isto de maneira com que os outros também riam ao lê-la.

É observado ainda o processo de polifonia (BAKHTIN) nos discursos que circulam a obra através dos personagens Terry, Jeff e o narrador-personagem Vandick – um coeso movimento discursivo de diferenças ideológicas que relaciona as reminiscências em torno do problema abordado e o desenvolvimento de algo que se assemelha a uma tese, ainda que mascarada pela narrativa ficcional.

Quando os personagens têm um diálogo preconceituoso, ainda que compreendendo e entendendo-se o comportamento da época, podemos observar os traços de ironia e sarcasmo representados pelo machismo por parte do personagem Terry, cheio de preconceitos e visões caricaturais quando os três aventureiros passam a imaginar uma sociedade só de mulheres logo no início do romance, como podemos observar no seguinte fragmento:

> Em vista de nosso pouco conhecimento, chegavam a ser divertidas as nítidas ideias que expúnhamos, sobre como deveria ser um país só de mulheres.
> (...)
> - Elas devem lutar entre si – insistia Terry. – Mulheres sempre brigam. Não creio que encontraremos algum tipo de ordem ou organização.
> - Está redondamente enganado – disse Jeff. – Deve ser como um convento, dirigido por uma abadessa. Uma irmandade pacífica e harmoniosa.
> (...)
> Então, nenhum de nós não é nem um pouco "avançado" no tocante à questão da mulher. (GILMAN, 1981, p. 29-30)

Outro fator importante é a construção dos três personagens na obra. Toda a viagem só é possível pelo dinheiro que Terry possui, graças a sua posição social tudo se torna possível. O que também torna-se um dilema, ter como líder da expedição à uma terra de mulheres um homem que não valoriza ou mesmo respeita o sexo oposto. Pelo discurso do narrador e amigo, ao descrever que Terry não possui ponto de vista sobre as mulheres tão polido quanto os seus ideais, descobrimos se tratar de "um homem muito viril, talvez um tanto exagerado – generoso, ousado e inteligente. (...) parecia considerar as mulheres bonitas apenas como um divertimento, não se dando ao trabalho de considerar as demais. (GILMAN, 1981, p. 30)" e podemos concluir do tipo de sujeito que estamos nos referindo, àquele que se assemelha ao popularmente chamado 'playboy' em nossa sociedade. Terry desejava ser o rei da "Feminilândia", sendo sempre claro que seu propósito na aventura era gozar da experiência de ser o único homem, chegando até a cogitar a morte ou fim de seus amigos quando questionado por Jeff:

> - E onde nos encaixamos na história? – exigi. – Não vamos ser vizires ou coisa semelhante?
> - Não posso correr o risco – afirmou ele, solene. – Vocês poderiam iniciar uma revolução – claro, é o que fariam. Enfim, teriam que ser degolados, flechados ou executados de alguma forma, pelo método mais popular do local.
> - Lembre-se que teria que fazer isso pessoalmente – sorriu Jeff. – Não haveria brutais escravos negros ou mamelucos! E então, seríamos nós dois contra você sozinho – hem, Van? (GILMAN, 1981, p. 30)

Já Jeff, que questiona como iria participar dessa aventura, era poeta e botânico, representava o oposto de Terry, ele "idealizava as mulheres no melhor estilo sulista. Era um sujeito impregnado de conceitos cavalheirescos, sentimentalistas e coisas assim. Era também um excelente rapaz, que vivia segundo seus ideais. (GILMAN, 1981, p. 30)", ou seja, um

‘romântico à moda antiga’ em termos de descrições atuais, representava atos gentis e idealistas de uma igualdade, porém tratava a mulher como o ‘sexo frágil’.

E não existia ninguém melhor para expor as opiniões sobre duas sociedades tão distintas quanto Vandyck, coincidentemente este o narrador-personagem, que é pensadamente um sociólogo e considera que nenhum deles estejam avançados no tocante à questão da mulher; apresenta-se como um meio termo entre os personagens masculinos, porém admitindo que “com toda a minha aparência de superioridade sociológica, eu não estava mais perto da verdade que qualquer deles” (GILMAN, 1981, p. 29).

Vamos observando a construção desses personagens pelo discurso e constatando por meio dos diálogos elaborados no romance e pelas comparações que fazem sobre o “lugar da mulher” na sociedade, que cada personagem representa um determinado discurso social quanto à busca pela igualdade dos gêneros.

Logo, na obra, o papel da mulher na passagem do século é questionado na manutenção do *status quo*: delicada, feminina, mãe – um lugar preestabelecido a ser ocupado por ela. Outra problematização derivada da noção tradicional de mulher do século XX é a restrição da liberdade humana em virtude dos conceitos impostos. Em tal contexto, a androginia proposta por Gilman é uma forma de libertação e equidade:

> Eram garotas, evidentemente. Nenhum rapaz poderia exibir uma beleza tão resplandecente, mas, ainda assim, no início ficamos em dúvida. Vimos cabelos curtos, livres e brilhantes, em cabeças que não ostentavam chapéus. O traje era em tecido leve e encorpado, compondo algo o mais aproximado possível de uma túnica e calções até os joelhos, complementando-se a indumentária como uma espécie de bem cuidadas botas. (GILMAN, 1981, p. 37-8).

Para Molina (2017) a imagem andrógina volta à tona em discursos e na literatura para ser utilizada como ferramenta para manifestações concretas como é explicado a seguir:

> É trazida novamente do âmbito imaterial para o material em forma de rituais, costumes, lendas, festas populares, práticas médicas, dogmas, leis e aparatos políticos e artísticos. Esses dispositivos normatizam a atividade sexual, a forma de vestir e as interações sociais ditando regras e estabelecendo os pontos onde a divisão dos gêneros pode ser obscurecida, aqui e ali, conforme as necessidades de determinada época, lugar ou costume. (MOLINA, 2017, p. 2)

Isto nos faz entender que a androginia foi e será sempre uma manifestação, até em escalas diferentes, em sua exposição ou representatividade como personagens que já estão inseridos na imaginação da humanidade.

Embora viva numa sociedade patriarcal, por meio de uma narrativa organizada, conduzida por vozes que apresentam o problema, Charlotte Perkins Gilman denota nos discursos do romance, propostas de intervenção para a questão, problematizando vários aspectos importantes sobre a visão que se tem dos gêneros, especialmente acerca da mulher, propondo ainda alguns questionamentos relevantes sobre como ela é induzida pela sociedade a tornar-se uma representação de gênero feminino, e sobre os fatores sociais que imputam à mulher e posturas comportamentais que a reconheçam como tal.

Desse modo é possível observar discussões em torno de temas bem polêmicos à época, ainda que atuais, como a liberdade de expressão feminina, pela qual as mulheres pudessem colaborar ou ocupar cargos profissionais importantes na sociedade e na política, sustentabilidade e respeito pelo meio ambiente, consumismo. Um relevante e estereotipado exemplo abordado por Gilman, são as profissões e feitos ligados à força física, que se inicia quando os três exploradores chegam em Herland e Terry afirma que seria impossível um lugar tão perfeito e planejado, com arquitetura elegante e eficaz ser construído somente por mulheres, se questionando onde estariam os homens do local.

Porém, o mais significante, polêmico e controverso questionamento que é enfatizado no romance é o "lugar" que as mulheres ocupam na sociedade, sua missão quanto à maternidade, a função de cuidar e educar os filhos como uma obrigação e a mulher, sendo ela a responsável pela manutenção do lar.

Isso não acontece na terra delas. O trecho a seguir pode exemplificar não somente a postura tradicional da mulher quanto ao que destina-se à função social já pré-estabelecida na realidade, mas também ao não papel do homem quanto a paternidade quando Terry questiona o quanto um homem deseja ser pai:

> A grande questão palpitante entre nós e nossas esposas era, como pode ser facilmente imaginado, a própria natureza do relacionamento.
> - esposas? Não me falem de esposas! - bradava Terry. – Elas nem sabem o que significa tal palavra!
> Era exatamente este o fato – elas não sabiam. E como poderiam saber? Em seus registros pré-históricos de poligamia e escravagismo, não havia nenhuma ideia sobre a vida de uma esposa, da maneira como a conhecemos e, em vista disso, era vã a possibilidade de que elas assentissem em semelhante vida.

> - O único que elas pensam em relação a um homem é *paternidade*! – exclamou Terry, rabugento. – *Paternidade*! Como se um homem vivesse pensando em ser *pai*! (GILMAN, 1981, p. 157)

Questiona-se os porquês de uma mulher ser educada e pensar na maternidade como algo essencial e não como uma escolha, enquanto o perfil machista de Terry afirma em tom irônico que esse não é um pensamento natural do homem. É desta maneira que surgem mais diferenças quanto ao papel do homem e da mulher num relacionamento e seguem, os três 'casais', assim colocado pelo narrador, enfrentando adaptações num convívio com duas realidades muito distintas.

Esse grande tema proposto pela autora, a maternidade, traz comparações, colocações, ideias e curiosidades que giram em torno desta questão. A começar por como numa sociedade construída somente por mulheres há o processo de reprodução?

Justifica-se e acontece por meio da partenogênese, a preparação e o desejo de gerar uma filha que prepara o corpo que concebe uma criança. Assim ocorre a reprodução da vida humana daquela comunidade. Logo, como uma preparação, esse processo não é a realização pessoal de uma mulher, mas um processo de opção e escolha, sendo uma ação estruturada, que só é possível pelas mulheres mais preparadas para isso, em todos os termos; físicos, psicológicos e intelectuais.

Quando liberados pelas anfitriãs para o convívio externo, os três exploradores se encontram com as três jovens que os viram inicialmente. Cada um identifica-se com uma das jovens e acabam transformando aquele primeiro encontro tumultuado numa situação de caráter mais amigo, como podemos resumidamente compreender neste trecho de forma resumida como o narrador observava o convívio das duplas:

> Gostei de Ellador, naquele dia em que se balançou no galho da árvore à minha frente e apresentou o trio. Pensei mais nela. Depois, procurei-a como amiga, ao nos encontrarmos pela terceira vez, e prossegui com a amizade. Enquanto a impressionante devoção de Jeff deixava Celis perplexa, realmente adiando o seu dia de felicidade, enquanto Terry e Alima discutiam e rompiam, voltavam às boas e tornavam a separar-se, eu e Ellador ficávamos cada vez mais amigos.
> Conversávamos incessantemente. Fizemos longos passeios juntos. Ela me mostrou coisas, explicou-as, interpretou muito do que eu não entendia. (GILMAN, 1981, p. 121)

É por meio dessa convivência entre os três exploradores e as jovens, na formação dos três casais, que podemos observar a interação que acontece e também a aproximação do

narrador-personagem com as práticas daquela terra, com o modo como elas vivem. Afinal, não são mais as histórias registradas nos livros.

Os estrangeiros saem das aulas de 'socialização' daquela terra para a vivência entre as mulheres e tornar o convívio rotineiro, marcado pela construção do respeito por todo aquele espaço construído e sustentado por elas.

Ao término, os exploradores acabam expulsos de Herland por um conflito gerado por Terry, que se envolve com Alima, sua "preceptora", mas deseja satisfazer seus 'desejos de homem', agarrando-a e tentando forçar uma situação que não é comum naquele espaço povoado por virgens. Expulsos, acabam por propor que Ellador, que envolveu-se afetivamente com Van, visite os Estados Unidos da América.

Essa viagem de Ellador à terra dos exploradores acontece num segundo romance, *With Her in Ourland* [1] , continuação da saga publicada também sequencialmente no *The Forerunner* em seguida, em 1916, para o qual não existe uma tradução na língua portuguesa. Esta obra delineia a visão de Ellador ao conhecer a terra de seus antigos hóspedes pouco após a explosão da Grande Guerra. De acordo com Mary Jo Deegan, na introdução do romance publicado em livro em 1997, trata-se de um romance não menos espirituoso, não menos sábio, havendo nele uma longa e ignorada crítica sociológica, que não sugere o separatismo feminista, nem escapismo quixotesco, mas exige raciocínio, ação social e cooperação entre os sexos.

No âmbito geral, essa pesquisa visa estudar a obra *Herland* detalhadamente, mostrando, principalmente com base no foco narrativo, a contribuição que Gilman ofereceu ao engajamento político em prol dos direitos das mulheres. Pensando esses aspectos já expostos, seguimos para o detalhamento de como este estudo constitui-se.

Por tratar-se de uma autora pouco conhecida no Brasil, o primeiro capítulo deste estudo apresentará Charlotte Perkins Gilman conjuntamente com a sua obra, abarcando ainda as suas principais publicações e informações relevantes sobre a obra aqui mencionada, que foi inicialmente publicada no *The Forerunner*, revista em que a autora atuava e foi a principal responsável. Abordaremos também o contexto em que viveu. Lembrada na Women's Studies encyclopedia (1999. p. 1.492) por Carrie Chapman Catt como *"the most original and challenging mind which the (women's) movement produced"* [2] – Gilman era filósofa, teórica,

1 *Com Ela em Nossa Terra* - Tradução nossa.

2 "a mente mais original e desafiadora que o movimento (das mulheres) produziu". - Tradução nossa.

escritora, educadora e ativista - suas obras de ficção e não ficção deixaram como legado uma afortunada visão da história do feminismo nos Estados Unidos da América. Ela exigiu o mesmo tratamento para as mulheres como o melhor meio para promover o progresso da sociedade.

A vida de Charlotte Perkins Gilman fascina os leitores ainda hoje, como aconteceu com seus contemporâneos - os pontos de vista e as atividades de Gilman eram comentados frequentemente nos jornais diários, sua coragem, carisma e sua inteligência impressionante e penetrante, além de seu suicídio preventivo quando diagnosticada com câncer terminal, são em grande parte responsáveis por esse fascínio e que assim veremos.

Já no segundo capítulo, trataremos do suporte teórico que embasou nossas argumentações. Segundo Silvia Ghibaudi (1976), analisar uma utopia implica diretamente em estudar o contexto histórico, para esclarecer as críticas apontadas na obra. No intuito de preparar o leitor para a abordagem que desenvolvemos no último capítulo, apresentaremos aqui algumas abordagens sobre o gênero utópico, sobre o foco narrativo e também sobre uma proposta de releitura da temática do mito das Amazonas na obra.

Ainda que tracemos um paralelo entre autoria e narrador, que se fez necessário para evitar uma confusão sobre tais termos, o intuito não é afirmar que Charlotte retrata-se no personagem principal, mas, sim, afirmar que a utopia representa uma fuga da realidade do contexto histórico. A autora propõe uma crítica a uma sociedade patriarcal, partindo desse contexto, e retrata essa luta, que justificamos com a elucidação de algumas pesquisas em relação à autora em sua terra.

No último capítulo será realizada a aplicação das abordagens feitas no suporte teórico em paralelo com o romance e o contexto histórico de Charlotte Perkins Gilman em relação a obra. Nossa análise de *Herland* apresenta os elementos utópicos em sua narrativa, com destaque para a construção de uma sociedade utópica feminina. Tentaremos compreender o que propõe a autora ao levantar esses temas numa sociedade patriarcal.

No estudo desta comunidade feminina ideal, veremos também como se dá o conceito de maternidade construído no romance, pela visão narrador e em contraponto com a realidade vivida. Evidenciaremos os elementos comparativos encontrados entre as sociedades descritas na obra: a comunidade utópica feminina encontrada pelo narrador-personagem em sua expedição guiada pelo amigo Terry, e a vivida pelo mesmo em sua terra natal, os Estados Unidos da América.

Enfatizaremos também a reação dos personagens masculinos quando, entre as descobertas, constatam que aquela terra só de mulheres é mais desenvolvida que os Estados Unidos da América.

Ao enfocar a reação de Van, Terry e Jeff constatamos a construção de três perfis masculinos impostos em nossa sociedade. A maneira como os visitantes impõem a sua verdade e a sua forma de ser e pensar, nos permite uma reflexão de forma indignada, irônica e humorada das três visões de compreender o universo feminino quando os três viajantes se deparam com a realidade do lugar encontrado e a primeira impressão na incrédula constatação de que não há homens, como observamos neste trecho:

> - No entanto, parecem... Bolas, este é um país civilizado! – protestei. – Deve haver homens!
> - É claro que há homens – disse Terry. – Muito bem, vamos encontrá-los. (GILMAN, 1981, p. 33)

Evidenciamos que diálogos como esses são comuns em toda a narrativa e deixam subentendido que não se deva esperar grandes feitos de uma sociedade em que não exista homens. Eles passam o tempo tentando compreender como as mulheres se organizam tão perfeitamente e o porquê de não existir homens naquela sociedade, além de questionarem a função das mulheres na realidade viver em função dos filhos e do lar.

A autora fez indagações e expressou os desejos de muitas mulheres de serem ouvidos, ainda que na voz de um narrador-personagem do sexo masculino, que em muitos trechos do livro exprime ter vergonha de contar como as mulheres são na realidade vivida em seu país (EUA) em contraponto com a realidade construída na sociedade encontrada (Herland). Todo esse discurso estampa o que a autora idealizava nas suas lutas pelo direito das mulheres e que de determinada forma não era ouvido por ser dito por uma mulher.

Quanto à sociedade criada, podemos definir como a representação com excelência de um espaço idealizado por mulheres, sendo este lugar um "não-lugar", um espaço de fuga por todos aqueles ideais que almejavam, definindo como uma "válvula de escape" de todas as desigualdades que vivenciavam. Lá podiam fazer valer todos os valores e princípios que tinham como verdade e que hoje podemos observar nas mulheres que são líderes e possuem os mesmos cargos e funções que o homem possui dentro de uma sociedade organizada, podendo assim executar as mesmas tarefas.

Logo, esta comunidade representada estava supostamente livre de características machistas e representa a luta por um espaço de realização, de liberdade para executarem suas

atividades como desejarem e mostra que podem ser alcançadas com excelência, independente do gênero que a produz.

Portanto, se um pouco desses feitos realizados por mulheres hoje são possíveis, é fruto de muitas lutas e reflexões que se iniciaram por mulheres com Charlotte Perkins Gilman.

1. CHARLOTE PERKINS GILMAN

1.1 Vida e engajamento político: um percurso por sua trajetória

Harvard University, Schlesinger Library on the History of Women in America, W371156_1

Figura 1: Charlotte Perkins Gilman aos 24 anos - 1884. (Fotógrafo Arthur Hurd)

Charlotte Perkins Gilman nasceu em Hartford, Connecticut, em 3 de julho de 1860 e suicidou-se em 1935, quando aos 75 anos foi diagnosticada com um câncer na mama inoperável e incurável. Quando terminou sua autobiografia *The Living of Charlotte Perkins*

Gilman [3] e tomou as devidas providências para que os direitos ficassem em nome de sua filha, despediu-se dos familiares e pôs fim à vida com clorofórmio. Deixou esta nota nas últimas páginas de sua autobiografia:

> Nenhum pesar, dor, infortúnio ou "coração despedaçado" é desculpa suficiente para acabar-se com a vida, enquanto permanecer algum resto de utilidade pessoal. Entretanto, quando toda essa utilidade se esgota, quando está assegurada uma morte inevitável e iminente, torna-se o mais simples dos direitos humanos escolher que ela seja rápida e fácil, ao invés de lenta e terrível [...]. Eu preferi o clorofórmio ao câncer. (GILMAN, 1935)

Ainda na adolescência, completou seus estudos em uma escola adiantada que lhe deu a precoce formação aos 15 anos de idade. Aos 18 anos, com a ajuda financeira do pai ausente, se matriculou na *Rhode Island School of Design*, faculdade de artes plásticas, onde teve apoio e incentivos de alguns professores.

Depois de passar algum tempo como vendedora ambulante, Gilman mudou-se para Pasadena onde deu início a sua vida como defensora dos direitos das mulheres nos movimentos das reformas sociais, representando o Estado da Califórnia em 1896 em um congresso socialista e trabalhista ocorrido na Inglaterra. Em 1890, ela iniciou sua participação nos clubes nacionais contra o capitalismo. Nesse mesmo ano, ela começou a escrever, no entanto sua carreira só teve início quando começou a ministrar palestras.

Como escritora, foi reconhecida como líder feminista, lutou incansavelmente pela emancipação da mulher na sociedade, sendo uma das primeiras mulheres a usar batom vermelho pelas ruas para reivindicar o direito ao voto.

Gilman era uma professora muito procurada, e ela continuou a escrever, produzindo seis obras de não ficção, oito novelas, quase 200 histórias curtas, centenas de poemas com foco nas mesmas temáticas, peças e ensaios. Gilman estava frequentemente envolvida diretamente nos movimentos sociais de seu tempo.

Encontramos muitas informações e definições de tudo que ela foi ao longo de sua vida: filósofa, vendedora, romancista, palestrante, mãe, divorciada, editora, sufragista, jornalista, esposa, inválida. Sendo a representação de uma figura feminina pública popular com grande influência que trabalhou incansavelmente contra a desigualdade das mulheres dentro e fora da casa, ela escreveu sobre as mudanças sociais que ela achava necessárias para se alcançar a igualdade de gênero.

---

[3] A Vida de Charlotte Perkins Gilman – Tradução nossa.

Figura 2: Charlotte Perkins Gilman

Na última década de sua vida, quando o movimento dos direitos das mulheres caiu em tempos difíceis, Gilman era uma personalidade um tanto esquecida. Porém, graças à próxima onda de feminismo, ativistas e estudiosos a redescobriram e vem ainda hoje ganhando respeito e admiração pela representação feminina inovadora que desempenhou um papel importante na formação da opinião pública, divulgando ideias radicais para sua época e incentivando as mulheres (e os homens) a mudar seus pensamentos sobre os papéis de gênero. Ainda que as suas ações não condissessem com as atitudes das mulheres daquela época, serviu de modelo para futuras gerações feministas por causa de seus conceitos e estilo de vida.

1.2 Da vida à ficção: Charlotte Perkins Gilman na terra *dela*

Antes de adentrar na relação que se estabelece entre a obra e narrador é preciso atentar para o tratado da autora, com a intenção de conhecê-la. No trecho a seguir Ghibaudi afirma que se faz necessário estudar o autor e sua obra para compreender uma obra utópica.

> A utopia literária, enquanto se limita a apresentar como operativo o projeto, assume a forma de projeto absoluto e verdadeiro, excluindo outros; mas

> não necessariamente este único elemento formal remete no autor a uma concepção epistemológica substancial de verdade absoluta. Para valorizar a existência de tal conotação é necessário estudar o autor da utopia, seja ela romance, tratado ou ensaio, na totalidade de sua obra. Raramente, e quase nunca para as utopias mais importantes, o autor é apenas autor de utopias. Para compreender o seu projeto é, portanto, necessário analisar toda sua obra. Apenas assim se pode evitar erros de interpretação. Além disso, ligando a utopia à produção precedente e seguinte, se compreende com nitidez a intenção da redação da utopia, ou seja, um programa que se insere no dinamismo histórico, com uma aparente suspensão da realidade, tendo por objetivo a retomada do discurso político na sua totalidade, ou seja, premissas e finalidades, para uma tensão prática em direção ao futuro mais imediato. O futuro pode ser delineado apenas em linhas gerais, como um ideal, um incentivo à ação, até mesmo um sonho. O ideal é por certo subjetivo, mas através da persuasão pode obter o consenso de poucos ou de muitos. (GHIBAUDI, 1976, p. 255)

Com respaldo nessa afirmação, neste tópico pretendemos fazer uma abordagem das obras publicadas pela autora e de alguns acontecimentos que são importantes para elucidar passagens da obra. Suas obras mais reconhecidas são *The Yellow Wallpaper (1892)* e *Women and Economics (1898*). De 1909 a 1916, Gilman editou *The Forerunner*, uma revista feminista mensal (neste período ela escreveu todas as edições - editoriais, artigos críticos, resenhas de livros, ensaios, poemas, histórias e sete romances serializados). Já no final de sua vida, ela escreveu sua autobiografia, *The Living of Charlotte Perkins (1935).*

O conto O *Papel de Parede Amarelo*, traduzido em várias línguas, foi escrito no início do século XIX, quando a "ideologia das mulheres do lar" as representava como líderes espirituais e morais de sua casa, sugeria que o lugar de uma mulher era no domínio privado da casa, lá ela deveria desempenhar seus papéis prescritos de esposa e mãe. Já os homens, por outro lado, dominariam o espaço público através do trabalho, da política e da economia. O conto descreve a descida de uma mulher para a insanidade como resultado de cuidados médicos psiquiátricos patriarcais e coincide com os momentos vividos pela autora na mesma época

> For many years I suffered from a severe and continuous nervous breakdown tending to melancholia-and beyond. During about the third year of this trouble I went, in devout faith and some faint stir of hope, to a noted specialist in nervous diseases, the best known in the country. This wise man put me to bed and applied the rest cure, to which a still good physique responded so promptly that he concluded that there was nothing much the matter with me, and sent me home with solemn advice to 'live as domestic a life as possible,' to 'have but two hours' intelligent life a day,' and 'never to

> touch pen, brush or pencil again as long as I lived.' This was in 1887…, Why I Wrote the Yellow Wall-paper. (GILMAN, 1913.)
>
> Every kind of creature is developed by the exercise of its functions. If denied the exercise of its functions, it can not develop in the fullest degree.[4] — (GILMAN, from Hearing of the National American Woman Suffrage Association. Committee on the Judiciary, House of Representatives, Washington, D.C., January 28, 1896.)

Charlotte foi duramente criticada pela sociedade quando sua filha nasceu e ela não adaptou-se à maternidade, sendo acusada de "abandonar" a recém-nascida. Uma das possibilidades é que ela tenha tido depressão pós-parto, uma situação que sempre existiu, mas estaria longe de ser diagnosticada. Esse é um dos fatores que nos levam a acreditar que seu famoso conto pode ser visto como autobiográfico, pois, assim como acontece com a protagonista, também foi indicado à autora repouso em casa, uma pausa em sua atividade de escrita e um esforço para não estimular a sua mente após ser diagnosticada com depressão.

Sua obra mais apreciada e renomada é *Women and Economics* [5] (1898), livro em que ela deixa claro que, até que as mulheres aprendam a ser economicamente independentes, a verdadeira autonomia e igualdade não podem ser encontradas. Um *best-seller*, o livro foi traduzido para sete idiomas e trata-se de um alerta de Gilman para a romanticização da domesticidade, questiona porque os homens não precisam ficar em casa para amar o lar. Logo, uma mulher que buscasse a independência não amaria menos seus filhos e seu lar só por trabalhar fora ou buscar seus estudos.

De 1909 a 1916, publicou *The Forerunner*, uma revista socialista dedicada à emancipação das mulheres e a mudanças sociais radicais, de periodicidade mensal. Neste período, ela atuou como editora e autora dos textos dessas edições - editoriais, artigos críticos, dramas, resenhas de livros, ensaios, poemas, sátiras, contos e sete romances serializados, entre eles, *Herland*, que aqui estudamos.

---

[4] Durante muitos anos, sofri de uma colisão nervosa severa e contínua que tende à melancolia e além disso. Durante quase o terceiro ano deste problema, fui, com fé devotada e um pouco de esperança, a um notável especialista em doenças nervosas, o mais conhecido no país. Este sábio me colocou na cama e aplicou a cura de descanso, para o qual um físico ainda bom respondeu tão prontamente que concluiu que não havia nada comigo e me enviou para casa com um conselho solene de "viver uma vida tão doméstica como fosse possível "ter", com duas horas de vida inteligente por dia "e" nunca tocar na caneta, no pincel ou no lápis novamente enquanto eu viver. Isso foi em 1887 Motivo de eu ter escrito "O Papel de Parede Amarelo".
Todo tipo de criatura é desenvolvida pelo exercício de suas funções. Se negado o exercício de suas funções, não pode desenvolver-se no grau mais completo. - Tradução nossa.

[5] As mulheres e a Economia – Tradução nossa.

Neste projeto, pretendia mudar a ideia de que as mulheres deveriam ser passivas e que seu único papel estava ligado as tarefas domésticas. Gilman queria atrair a mulher comum para se tornar uma leitora e ajudar a persuadi-los a lutar por uma mudança justa na sociedade. Precursora, seu discurso não apenas lutou para contradizer a mídia popular da época, mas também propor novas ideias sobre o lugar das mulheres na sociedade.

Os escritos que foram publicados por Gilman em *The Forerunner* eram muito distintos dos textos que estavam disponíveis para as mulheres durante o início do século XX, pois esperava-se que as mulheres lessem sobre as regras de etiqueta, deveres no casamento e em suas casas. Fato que podemos ver, por exemplo, nos arquivos do *Ladies' Home Journal*, o principal veículo de mídia impressa do início dos anos 1900, que retratava as mulheres como passivas, focadas em questões de casamento e família, e estava preocupado em alcançar o público específico de mulheres brancas de classe média. Gilman retratava o oposto dessa linha nos objetivos de seu editorial, que existia para contrapor imagens populares das mulheres e tais limitações pessoais em suas vidas cotidianas que os meios de comunicação de massa promulgaram. E não há como exemplificar de melhor forma a linha editorial da *The Forerunner* senão com a amostra da linha editorial da revista já em sua primeira edição:

Quadro: Linha editorial da Revista *The Forerunner*

• Private Morality and Public Immorality • The Beauty Women Have Lost • Our Overworked Instincts • The Nun in the Kitchen. • Genius: Domestic and Maternal. • A Small God and a Large Goddess. • Animals in Cities. • How We Waste Three-Fourths Of Our Money. • Prize Children • Kitchen-Mindedness • Parlor-Mindedness • Nursery-Mindedness	• Moral Privada e Imoralidade Pública • A beleza que as mulheres perderam • Nossos Instintos sobrecarregados • A freira na cozinha. • Gênio: Doméstico e maternal. • Um deus pequeno e uma grande deusa. • Animais nas cidades. • Como desperdiçamos três quartos do nosso dinheiro. • Crianças-prêmio • – Mentalidade de cozinheira? • – Mentalidade de salão de beleza • Mentalidade de berçário
There will be short stories and other entertaining matter in each issue.	Haverá histórias curtas e outras questões divertidas em cada número.

The department of "Personal Problems" does not discuss etiquette, fashions or the removal of freckles.	O departamento de "Problemas pessoais" não discute etiquetas, modas ou a remoção de sardas.
Foolish questions will not be answered, unless at peril of the asker.	As questões insensatas não serão respondidas, a menos que sob o risco do consulente.

Fonte: *The Forerunner* Vol. 1 (1909-1910) (Tradução nossa)

A seguir, as figuras ilustradas da capa do volume 6 da revista *The Forerunner* em 1915 e também a primeira página do volume 1 em seu primeiro ano, onde Charlotte se credita como editora e proprietária da publicação.

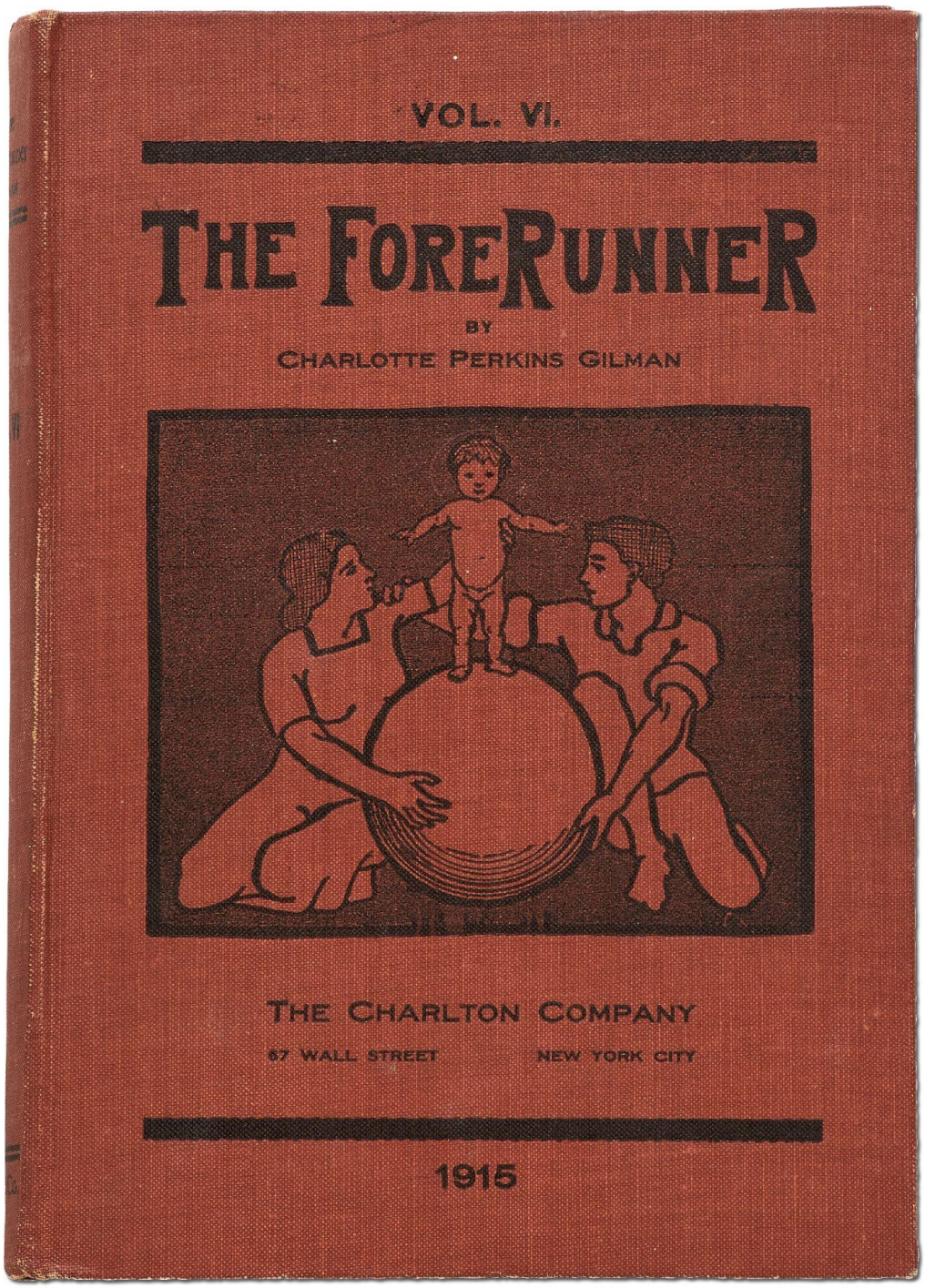

Figura 4: Capa do *The Forerunner*. Uma revista mensal. (Vol. VI Ano 1915)

Volume I. No. 1 NOVEMBER, 1909

THE FORERUNNER

A MONTHLY MAGAZINE

BY

CHARLOTTE PERKINS GILMAN

OWNER AND PUBLISHER

1.00 A YEAR .10 A COPY

THE CHARLTON COMPANY, 67 WALL STREET, NEW YORK

COPYRIGHT FOR 1909, C. P. GILMAN

SAID the New Minister: "I shall not give you a text this morning. If you listen closely, you will discover what the sermon is about by what I say."

A SMALL GOD AND A LARGE GODDESS

THE ancient iconoclast pursued his idol-smashing with an ax. He did not regard the feelings of the worshippers, and they, with similar indifference to his, promptly destroyed him.

The modern iconoclast, wiser from long experience, practices the kindergarten art of substitution; enters without noise, and dexterously replaces the old image with a new one.

Often the worshippers do not notice the change. They never spend their time in discriminating study of their idol, being exclusively occupied in worshipping it.

The task herein undertaken is not so easy. We can hardly expect to remove the particular pet deity of millions of people for thousands of years—an especially conspicuous little image at that, differing from all other gods and goddesses; and substitute another figure, three times his size, of the opposite sex, and thirty years older—without somebody's noticing it.

Yet this is precisely what is required of us, by the new knowledge of to-day. We are called upon to dislodge what is easily the most popular god in the calendar, albeit the littlest; that fat fluttering small boy, congenitally blind, with his haphazard archery playthings; that undignified conception, type of folly change and irresponsible mischief, which so amazingly usurps the name and place of love. Never was there a more absurd misrepresentation.

Suppose we worshipped Fire, the great sun for our over-lord, all lesser lights in varying majesty, each hearth-fire as the genius and guardian of the home. So worshipping, suppose we chose, as ever present image of the great idea, to be pictured and sculptured far and wide, to fill all literature, to be accepted even by science as type and symbol of the Fire Divine—a match-box!

So slight, so transient, so comparatively negligible in importance, is the flickering chance-sown spark typified in this pretty chimera of flying immaturity, compared with the majestic quenchless flame of life and love we ought to worship.

We have taken the assistant for the principal, a tributary for the main stream; we have exalted Eros, the god of man's desire, and paid no heed to that great goddess of mother love to whom young Eros is but a running footman.

We are right to worship love, in all its wide, diverging branches; the love that is gratitude, love that is sympathy, love that is admiration, love that is gift and service; even the love that is but hunger—mere desire.

Digitized by Google Original from UNIVERSITY OF MICHIGAN

Figura 5: The University of Michigan Libraries: Radical Periodicals in United States 1890-1960. Primeira página da Revista *The Forerunner*

Como afirmamos acima, foi nesta revista periódica mensal que Charlotte Perkins Gilman publicou o romance utópico aqui estudado, sequencializado no ano de 1915 em exatamente 12 capítulos. Porém só em 1979 foi publicado como livro. Este romance combinou estudos econômicos e sociológicos com ficção e pensamento utópico, dando-lhe um grande apelo que transcende o seu tempo, é base para muitos estudos e pesquisas, e em seu país vários trabalhos foram desenvolvidos tendo como tema a autora e sua obra.

Sobre a figura da mulher e o universo feminino, a obra de Charlotte Perkins é uma espécie de clamor que se sobrepõe a fria análise histórica que nos remete a uma reflexão acerca do tempo. As mulheres da época, criadas em berço patriarcal, conformavam-se com a situação imposta pelo pai ou pelo marido, um formato que perdurou durante muitos anos. Com as avalanches de transformações iminentes — nas esferas social e econômica —, a mulher foi se rebelando contra o estado em que se encontrava. Essa busca resultou em uma batalha desigual e amarga.

A norte-americana viveu num contexto um pouco mais propício para a escrita do que muitas escritoras pelo mundo, estando inserida na luta pelo movimento feminista. Foi considerada uma utopista feminista, em uma geração em que suas ideias não condiziam com o que era aceitável para uma mulher, além de inúmeras publicações, Charlotte atuava como palestrante sobre as causas sociais pelas quais lutava, dentre elas, a reforma social, reivindicando a igualdade de classes e os direitos das mulheres.

O professor Peter Dreier estima que entre o final de 1800 e início dos anos de 1900 ela tenha sido a feminista mais importante dos Estados Unidos da América, a voz mais influente na época e que falar sobre esta luta sem reconhecer as suas realizações extraordinárias seria uma injustiça. Ela colocou as bases para feministas posteriores, como Simone de Beauvoir, Kimberly Crenshaw, Bell Gros, Gloria Steinem, Kate Millett, Shulamith Firestone, Susan Brownmiller, Rita Mae Brown, Germaine Greer, Barbara Ehrenreich e Betty Friedan.

Suas palestras, romances, histórias curtas, artigos de revistas e os livros de não-ficção desafiaram as ideias dominantes sobre o papel das mulheres na sociedade e ajudaram a moldar o movimento pelo sufrágio feminino e os direitos das mulheres. Algumas de suas ideias radicais são agora consideradas de bom senso, mas mesmo hoje algumas das opiniões de Gilman testam nossa vontade de pensar diferentemente sobre gênero, família e trabalho.

Figura 06: Charlotte Perkins Gilman. Fonte: Schiesinger Library.

Finalizando acerca do que há sobre Gilman em seu país, temos um relato de Krompinger (2004) sobre como na década de 1960, as ideias e trabalhos da autora foram resgatados

> Charlotte Perkins Gilman was a well-known woman in the late nineteenth and early twentieth centuries. She was accepted as a feminist in the 1910s, during the first wave of feminism. However, her reputation as a prominent feminist really began in the late 1960s with the second wave of feminism; her work was then resurrected and held up as an exemplary selection of feminist literature. During this phase of the movement, feminists took all of the works that Gilman had published, and the serialization of her novels in magazines, and published them in book form. It is in this book form, which people currently read Gilman. Included in these books are the introductions that were written by these feminists who wished to present Gilman, and her ideas, as central to the continuing women's rights movement. These introductions to the texts may have colored the reading of Gilman and may be the reason why so many of her texts have been sustained as feminist works.[6] (KROMPINGER, 2004, p. 47)

[6] Charlotte Perkins Gilman era uma mulher bem conhecida no final do século XIX e início do século XX. Ela foi aceita como feminista na década de 1910, durante a primeira onda de feminismo. No entanto, sua reputação como feminista proeminente começou realmente no final da década de 1960 com a segunda onda de feminismo; seu trabalho foi ressuscitado e sustentado como uma seleção exemplar de literatura feminista. Durante esta fase do movimento, as feministas tomaram todas as obras que Gilman publicou, e a serialização de suas novelas em revistas, e as publicou em forma de livro. É nesta forma de livro, que as pessoas atualmente leem Gilman. Estão incluídas nestes livros as apresentações escritas por essas feministas que desejavam apresentar Gilman, e suas ideias, tão importantes para o contínuo movimento de direitos das mulheres. Essas apresentações aos

Com esta contemporaneidade, Gilman atrai olhares para sua obra como um todo, mas é sua biografia que também mostra a maneira como viveu para despertar nas pessoas um sentimento de sociedade igualitária e fazer com que seu sentimento feminista se perpetuasse ao longo dos tempos.

> Gilman used her lectures and publications deliberately to teach present and future generations about the possibilities that lay open to them. Her educational efforts were twofold: she wrote about education, and she wrote to educate. All of her works focused on women; some of them commented on schooling, but almost all included her critique of the informal education women received within the home and the community. Though written a century ago, Gilman's critique of womanhood and education remains potent as society continues to struggle with issues of gender and women continue to struggle for equality, independence, and autonomy.[7] (DE SIMONE, 1995)

Figura 07: Charlotte Perkins Gilman on Seattle Sufrage Trip, CA. (1900) Fonte: Schiesinger Library.

textos podem ter dado um colorido à leitura de Gilman e pode ser a razão pela qual muitos de seus textos foram tidos como obras feministas. – Tradução nossa.

[7] Gilman usou suas palestras e publicações deliberadamente para ensinar as gerações presentes e futuras sobre as possibilidades que lhes são abertas. Seus esforços educacionais eram duplos: ela escreveu sobre educação, e ela escreveu para educar. Todas as suas obras focadas nas mulheres; Alguns trabalhos comentaram sobre a escolaridade das mulheres, mas quase todos incluíram sua crítica à educação informal recebida no lar e na comunidade. Embora escrita há um século atrás, a crítica de Gilman sobre a feminilidade e a educação permanece potente à medida que a sociedade continua a lutar com questões de gênero e as mulheres continuam a lutar pela igualdade, independência e autonomia. – Tradução nossa.

Seu estilo de vida e as bandeiras que foi precursora ainda hoje são alvos, em A Country (2017), um blog voltado para ficção científica, o autor em meio à análise da obra de Gilman, também discorre sobra a autora e destaca características de personalidade:

> Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) was a suffragist, a socialist, a writer on women in society eg *Women and Economics*, and a poet, amongst many other things. She defied social convention by leaving her husband and getting a divorce, earning her own living by running a boarding house and later by travelling the country as lecturer.
> […]
> Gilman suggests that "masculinity" and "femininity" are entirely social constructs which could be changed so that we could become human beings who happen to be of different genders. [8] (DE SIMONE, 1995)

Para entendermos melhor as ideias que Gilman defendia, vamos nos ater aos escritos de sua grande obra, depois de *"The yellow papers"*, o livro *Women and Economics*, publicado em 1898. Um livro que repensava o comportamento das mulheres em relação a posição social da mulher contemporânea. Esta faz se necessário pela importância na análise no último capítulo deste estudo.

Gilman lutava e participava ativamente dos movimentos pelos direitos femininos, tinha consciência da predominância de uma cultura androcêntrica, que possui construções estereotipadas dos papeis masculinos e femininos numa sociedade, esta obra dá teoria ao modo como ela observava a sociedade.

Segundo Oliveira (2000, p. 10), esta obra apresenta exatamente aquilo que está implícito no subtítulo *A Study of the Economic Relation between Men and Women as a Factor in Social Evolution*[9].

Suas indagações começam a ser levantadas pela argumentação de que *"...The economic status of the human race in any nation, at any time, is governed mainly by the*

[8] Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) foi uma sufragista, uma socialista e escritora sobre mulheres na sociedade, por exemplo, *Mulheres e Economia*, e uma poetiza, entre muitas outras coisas. Ela desafiou a convenção social deixando o marido e se divorciando, ganhando a vida por manter uma casa de pensão e depois viajando pelo país como conferencista.
[…]
Gilman sugere que a "masculinidade" e a "feminilidade" são inteiramente construções sociais que podem ser mudadas para que possamos nos tornar seres humanos que sejam de gêneros diferentes. – Tradução nossa.

[9] *U*ma análise da relação econômica entre homem e mulher enquanto fator determinante para a evolução social. – Tradução de Ana Cristina Amaral Oliveira (Porto,2000).

activities of the male: the female obtains her share in the racial advance only through him." [10] (GILMAN, 1898, p. 5).

Oliveira (2000, p. 47) infere que Gilman inicia a obra argumentando que aquilo que distingue o ser humano das outras espécies é a dependência econômica da mulher, o fato da mulher ser impedida de participar das atividades públicas, ou ainda limitada a não ter o direito de realizar determinadas tarefas por serem consideradas masculinas, determina a sua postura e limita os seus comportamentos sociais. E essas restrições não estão relacionados a falta de força, competência ou habilidade, mas a sua condição do 'ser mulher'.

Logo, as mulheres nascem condicionadas a um comportamento já estabelecido na sociedade que de certo modo as privam de liberdade de escolhas, como casar, ter filhos, ter uma profissão reconhecida e renomada, pensar e discutir os problemas sociais ou econômicos.

Gilman defende que pensar que as mulheres tem a responsabilidade de zelar pelo lar enquanto seu marido trabalha para produzir o sustento é trata-las como empregadas, porém sem receber propriamente um salário pelo trabalho, apenas o sustento para manter-se no lar. Comparando ainda a função social da mulher as máquinas e aos animais que são usados no trabalho que auxiliam na geração de renda e recebem em troca o necessário para manterem fornecendo lucro. Como podemos constatar no trecho abaixo:

> The labor of horses enables men to produce more wealth than they otherwise could. The horse is an economic factor in society. But the horse is not economically independent, nor is the woman."[11] (GILMAN, 1898, p. 6).

Essa comparação irônica vem posterior a afirmação de que, ainda que pelo trabalho de manter o lar, educar os filhos e agradar o marido, as mulheres deveriam ser consideradas parceiras de seus maridos e não submissas:

> If the wife is not, then, truly a business partner, in what way does she earn from her husband the food, clothing, and shelter she receives at his hands? By house service, it will be instantly replied. This is the general misty idea upon the subject, —that women earn all they get, and more, by house

[10] (...) O status econômico da raça humana em qualquer nação, a qualquer momento, é governado principalmente pelas atividades do homem: a fêmea obtém sua participação no avanço racial apenas através dele. – Tradução nossa.

[11] O trabalho dos cavalos permite que os homens produzam mais riqueza do que poderiam. O cavalo é um fator econômico na sociedade. Mas o cavalo não é economicamente independente, nem a mulher. – Tradução nossa.

> service. Here we come to a very practical and definite economic ground. Although not producers of wealth, women serve in the final processes of preparation and distribution. Their labor in the household has a genuine economic value. (GILMAN, 1898, p. 5).[12]

Desta forma, Gilman defendia que o progresso econômico ficava basicamente em torno do homem, que consequentemente fez com que eles fossem mais evoluídos à frente do mundo dos negócios. Já as mulheres estagnaram neste processo. Fator que prejudica o processo de evolução de qualquer raça, pois deveriam evoluir juntos, uma vez que todos os indivíduos dependem um do outro obter uma sociedade equilibrada.

Essas distinções sexuais que deixaram as mulheres para trás, permitiram ainda que os homens conquistassem as glórias pelo progresso humano e a sociedade estabelecesse a ele o papel de protagonista da evolução da raça.

Uma temática indispensável para a compreensão da nossa pesquisa quanto as ideias arrojadas de Gilman ainda na obra *Women and Economics* e parafraseada de modo muito claro por Oliveira (2000) é a de que:

> ... para se assegurar a proliferação da espécie, é necessária a existência de um equilíbrio entre aquilo que Gilman designa por *"self-preservation"* e *"race-preservation"*. A auto-preservação, desenvolvimento das qualidades que mantêm o indivíduo vivo, evolui através da selecção natural, que actua sobre o ser, dotando-o de características próprias. Por sua vez, o processo de preservação da raça, desenvolvimento das qualidades necessárias para garantir a sobrevivência da espécie, pode ser prejudicial para a satisfação das necessidades individuais, sendo produzida pela selecção sexual. Esta selecção, específica de posturas de género, actua sobre o indivíduo e beneficia, directa ou indirectamente, o progénie. Neste sentido, cada espécie deve criar, entre os sexos, diferenças que assegurem a reprodução. Uma vez provada a veracidade destes factos, Gilman atesta uma dupla funcionalidade do ser humano. Se, por um lado, enquanto macho e fêmea, os membros da espécie desempenham funções diferentes, desenvolvendo-se, por isso, de forma distinta, por outro, enquanto espécie humana, macho e fêmea cumprem funções idênticas e, como tal, evoluem da mesma forma (GILMAN, 1898, pp. 34-7 *apud* OLIVEIRA, 2000, p. 51).

Este equilíbrio entre a preservação e a seleção da espécie nos remete as suas precursoras discussões de repensar a educação infantil no intuito de obter uma melhor

[12] Se a esposa não é, então, realmente uma parceira de negócios, de que maneira ela ganha do marido a comida, a roupa e o abrigo que recebe em suas mãos? Por serviço de casa, será respondido instantaneamente. Essa é a ideia geral e nebulosa sobre o assunto: que as mulheres ganham tudo o que recebem, e mais, pelo serviço de casa. Aqui chegamos a um terreno econômico muito prático e definido. Embora não sejam produtoras de riqueza, as mulheres servem nos processos finais de preparação e distribuição. Seu trabalho no lar tem um valor econômico genuíno. – Tradução nossa.

evolução da espécie, pois desde a infância as crianças já são educadas numa cultura patriarcal, que consequentemente será carregada até a vida adulta e repassada de geração em geração.

Logo, sendo a mãe a primeira responsável pela formação social da criança, Charlotte Perkins Gilman discorre amplamente sobre a maternidade, a função de dona do lar e mãe incumbida em grande responsabilidade uma pessoa somente. Alega que os progenitores tem a responsabilidade de criar um filho para ser melhor do que os mesmos, podemos observar no trecho seguinte:

> The duty of the mother is first to produce children as good as or better than herself; to hand down the constitution and character of those behind her the better for her stewardship; to build up and improve the human race through her enormous power as mother; to make better people. This being done, it is then the duty of the mother, the human mother, so to educate her children as to complete what bearing and nursing have only begun. She carries the child nine months in her body, two years in her arms, and as long as she lives in her heart and mind. The education of the young is a tremendous factor in human reproduction. A right motherhood should be able to fulfil this great function perfectly. It should understand with an ever-growing power the best methods of developing, strengthening, and directing the child's faculties of body and mind, so that each generation, reaching maturity, would start clear of the last, and show a finer, fuller growth, both physically and mentally, than the preceding. That humanity does slowly improve is not here denied; but, granting our gradual improvement, is it all that we could make? And is the gain due to a commensurate improvement in motherhood? [13] (GILMAN, 1898, pp. 46-7)

Gilman coloca a educação como a grande responsável pela conquista de uma sociedade onde haja igualdade e equilíbrio, onde todos possam contribuir para dignidade da vida humana. Como declarado que no processo de educação de uma criança sempre foi a mãe a grande responsável, se esse processo tem sido falho ou não tem se apresentado

[13] O dever da mãe é primeiro produzir filhos tão bons ou melhores que ela; para entregar a constituição e o caráter daqueles que estavam atrás dela, melhor para sua mordomia; construir e melhorar a raça humana através de seu enorme poder como mãe; para fazer pessoas melhores. Isso sendo feito, é então o dever da mãe, o humano mãe, para educar seus filhos a fim de completar o que o rumo e a amamentação só começaram. Ela carrega a criança nove meses em seu corpo, dois anos em seus braços, e enquanto ela vive em seu coração e mente. A educação dos jovens é um tremendo fator na reprodução humana. Uma maternidade certa deve ser capaz de cumprir perfeitamente essa grande função. Deve compreender com um poder cada vez maior os melhores métodos de desenvolver, fortalecer e dirigir as faculdades de corpo e mente da criança, para que cada geração, atingindo a maturidade, comece clara e mostre um crescimento mais fino e pleno, tanto fisicamente e mentalmente, do que o anterior. Que a humanidade lentamente melhore não é aqui negada; mas, concedendo nossa melhora gradual, é tudo o que podemos fazer? E o ganho é devido a uma melhora proporcional na maternidade? – Tradução nossa.

eficazmente para obter uma sociedade melhor, visto que a evolução é uma condição natural do ser humano, Gilman indaga;

> But no one presumes to suggest that the mothering of mankind could be improved upon; and yet there is where the responsibility really lies. If our human method of reproduction is defective, let the mother answer. She is the main factor in reproduction. If our human method of education is defective, let the mother answer. She is the main factor in education.[14] (GILMAN, 1898, p. 46)

E ainda seu ponto de vista, quando afirma que não há nenhuma preparação para exercer a função:

> The education of young women has no department of maternity. (…) And if, still further, we are to honor the race-preservative processes most in their highest and latest development, which is the only comparison to be made on a natural basis, we should place the great, disinterested, social function of education far above the second-selfishness of individual maternal functions. Maternal instinct, merely as an instinct, is unworthy of our superstitious reverence. It should be measured only as a means to an end, and valued in proportion to its efficacy.[15] (GILMAN, 1898, p. 48)

Logo, permitir que uma educadora, devidamente preparada, fosse responsável por essa função seria quebrar o ciclo dessa cultura patriarcal repassada de geração em geração. Não que a mãe não seja capaz também desempenhar essa função com eficiência, porém ela é também responsável por outros afazeres que lhe tomam muito mais tempo e não são tão importantes quanto a educação de seus filhos.

Segundo Oliveira (2000), consequentemente, essa mudança no conceito de maternidade seria uma boa razão para alargar à esfera social, pois, as mães assim teriam um tempo vago, que sendo bem administrados só trariam o benefício da liberdade:

---

[14] Mas ninguém presume sugerir que a maternidade poderia ser melhorada; e, no entanto, é aí que reside a responsabilidade. Se o nosso método humano de reprodução é defeituoso, deixe a mãe responder. Ela é o principal fator na reprodução. Se o nosso método humano de educação for defeituoso, deixe a mãe responder. Ela é o principal fator na educação.

[15] A educação de mulheres jovens não tem departamento de maternidade. (...) E se, ainda mais, devemos honrar os processos de preservação de raça mais em seu mais alto e último desenvolvimento, que é a única comparação a ser feita em uma base natural, devemos colocar a grande função desinteressada, social da educação muito acima o segundo egoísmo das funções maternas individuais. O instinto maternal, meramente como um instinto, é indigno de nossa reverência supersticiosa. Deve ser medido apenas como um meio para um fim e valorizado em proporção à sua eficácia. – Tradução nossa.

> Por outras palavras, esta liberdade, este crescimento, este poder, fariam da mulher uma mãe mais inteligente, mais forte e mais nobre, que não seria excluída da função de educadora, mas poderia ser ajudada pelos professores e pela escola nessa função (1898:288-9). A autora conclui destas premissas que a mãe economicamente independente, transformada pelo serviço social, fará um serviço mais produtivo como mãe, e que nada pode ser melhor para o desenvolvimento dos interesses da humanidade do que os cuidados correctos e o amor alargado da maternidade organizada (1898:294). Paralelamente a este alargamento das funções de mãe, Gilman propõe também uma libertação do sexo feminino dos trabalhos domésticos, reestruturando a casa e transformando a mulher numa empregada do mundo. A primeira sugestão relaciona-se com a modificação dos hábitos androcêntricos que, em consequência da natural divisão do trabalho em linhas sexuais, assumiram o processo de nutrição como sendo uma prerrogativa feminina. (OLIVEIRA, 2000, p. 73)

Mesmo após expor os males de uma cultura patriarcal em *Women and Economics*, Gilman já observava um significativo número de mulheres buscando por sua independência e liberdade para alcançar outros sonhos que não o casamento

> The women whose splendid extravagance dazzles the world, whose economic goods are the greatest, are often neither houseworkers nor mothers, but simply the women who hold most power over the men who have the most money. The female of genus homo is economically dependent on the male. He is her food supply. [16] (GILMAN, 1898, p. 8).

Gilman acredita que a transformação social é necessária, tanto as mulheres, quanto os homens teriam que mudar. Essa mudança viria a proporcionar um mundo melhor, onde todos sairiam ganhando, as mulheres com a possibilidade de ampliar os horizontes profissionalmente, ajudando no sustento do lar e os homens ganhando a possibilidade de experimentar participar do que chamada de sustento emocional do lar, da vida familiar.

Sendo assim, podemos concluir que o livro foi um apelo um tanto radical para a época e clama pela independência econômica das mulheres, pois as suas noções de redefinir as tarefas domésticas e maternais como uma responsabilidade social destinada aqueles que são adequadamente preparados e treinados para desempenhar a função sabendo dos seu compromisso, noções que foram retomadas em obras posteriores, mais fielmente em *Concerning Children* (1900), *The Home* (1903) e *The Man-Made World* (1911).

[16] As mulheres cuja esplêndida extravagância ofusca o mundo, cujos bens econômicos são os maiores, muitas vezes não são trabalhadores domésticos nem mães, mas simplesmente as mulheres que detêm maior poder sobre os homens que têm mais dinheiro. A fêmea do gênero homo é economicamente dependente do macho. Ele é seu suprimento de comida. – Tradução nossa.

É necessário compreender do que se trata *Woman and economics,* pois ela representa as raízes do legado de Charlotte Perkins Gilman, traz temas que foram defendidos por ela nas suas conferências, escritos e manifestos. Essas temáticas são abordadas na narrativa aqui em estudo, em *Herland*, Gyory (2017) ressalta críticas contundentes:

> The most striking parts of Gilman's novella lie in her direct critiques of the lingering Victorian gender distinctions that dictated a rigid code of gendered behavior. She uses fiction to critique the same injustices that Susan Brownmiller tackles in *Femininity*: the inescapable feminine standard.[17]

Além de nunca mostrar submissão às ideias da sociedade patriarcal em que vivia, como Ann J. Lane (1981) nos aponta na introdução da tradução de *Herland*,

> Charlotte Perkins Gilman alcançou enorme reputação enquanto foi viva, mas é quase desconhecida para nós. Como uma crítica inflexível da sociedade e da história, cujas ideias intrigantes nunca tinham sido examinadas à altura, ela tentou criar corpo coeso e integrado de pensamentos, combinando feminismo e socialismo [...]. Ela viveu em uma época de debates sobre as ideias de Charles Darwin e suas aplicações à sociedade. A teoria evolucionista de Darwin não se aplicava diretamente à teoria social, mas os intelectuais transferiram as próprias ideias de seleção natural para uma linguagem social. (GILMAN, 1981, Introdução por LANE, Ann J., p. 5-6)

Existem muitos ensaios, artigos e estudos sobre *Herland* nos Estados Unidos, neste breve relato, vamos elencar alguns como exemplo de opiniões diversas sobre esta novela que atravessa gerações com sua mensagem feminista.

Herland pode ser considerado um romance que mostra um outro mundo possível, em seu breve ensaio, Lagacé (2013), com o título *Men are from Mars, Women are from Herland*[18] descreve de forma sucinta o ambiente e o escopo daquela sociedade:

> In Herland the physical size of the country itself, nested in the mountains, limits what population it can accomodate. In response, Herlanders improved sustainability and resource efficiency as far as they could, and developed rules to limit their own birth rate to what the land can support.

[17] As partes mais impressionantes da novela de Gilman residem em suas críticas diretas às persistentes distinções de gênero vitorianas que ditavam um código rígido de comportamento de gênero. Ela usa ficção para criticar as mesmas injustiças que Susan Brownmiller aborda em *Femininity*: o padrão feminino inescapável. – Tradução nossa.

[18] Homens são de Marte, Mulheres são de Herland. – Tradução nossa.

> The society is nurturing and tries to maximize not only the survival rate of offspring, but how productive and well-adapted their young will be.[19]

Simone (2016), também destaca o feminismo em *Herland* de uma maneira bem peculiar, destacando a autonomia total das mulheres:

> Perhaps one of the most forthcoming feminist aspects is the fact that the women of Herland reproduce without the assistance of men. This feature of the novel helps to create a truly self -supporting society of women that our narrators cannot seem to grasp. This makes these women superhuman in a sense. The male race is unnecessary to their existence. I believe that this story was told with the purpose of making the gender roles of most of the world look like children's games. It is clear that this story was intended to show that women were and are self-supporting human beings and not objects to be possessed and kept.[20] (SIMONE, 2016)

Também existem críticas a *Herland*, não por seu conteúdo, mas por discutir assuntos que atualmente não se aplicam de forma tão contundente, ou, pelo menos, não na proporção que atingiam a sociedade da época de sua primeira edição. É quando West (2015) publica um artigo no jornal The Guardian com sua exclusiva opinião:

> Being a product of its time, Herland is also excruciatingly antiquated – rife with gender essentialism, white supremacy and anti-abortion rhetoric. Gilman was born in 1860, a fiercely independent firebrand who chafed against the 19th-century expectations of her gender. She drew vitality and purpose from work in a way that was coded, at the time, as distinctly masculine; and when, consumed by her writing, Gilman eventually sent her daughter away to be raised by her ex-husband, she was labeled an "unnatural" mother. With that in mind, Herland's de personalisation of motherhood – which becomes, instead, a collective effort, a sort of ambient magical gift, a religion – feels somewhere between atonement and rationalization.[21] (WEST, 2015)

---

[19] Em Herland, o tamanho físico do próprio país, aninhado nas montanhas, limita a população que pode acomodar. Em resposta, Herlanders melhorou a sustentabilidade e a eficiência dos recursos, na medida do possível, e desenvolveu regras para limitar sua própria taxa de natalidade ao que a terra pode suportar. A sociedade está nutrindo e tenta maximizar não só a taxa de sobrevivência da prole, mas também a produtividade e adaptação dos jovens. – Tradução nossa.

[20] Talvez um dos mais importantes aspectos feministas seja o fato de que as mulheres de Herland se reproduzem sem a ajuda dos homens. Esta característica do romance ajuda a criar uma sociedade de mulheres realmente auto-suficiente que nossos narradores não conseguem entender. Isso torna essas mulheres super-humanas em certo sentido. A raça masculina é desnecessária para a existência deles. Eu acredito que esta história foi contada com o objetivo de fazer com que os papéis de gênero da maioria do mundo se parecem com jogos infantis. É claro que esta história teve como objetivo mostrar que as mulheres eram e são seres humanos autoportantes e não objetos a serem possuídos e mantidos. – Tradução nossa.

[21] Sendo um produto de seu tempo, *Herland* também é excruciantemente antiquado - repleto de essencialismo de gênero, supremacia branca e retórica anti-aborto. Gilman nasceu em 1860, uma arma de fogo ferozmente

Para Johnson (2009) a autora usou de subterfúgios para transmitir sua mensagem, "In Herland, instead of overtly and negatively criticizing society, she used sarcasm and humor to enlighten society to the frustrations and prejudices surrounding them."[22]

Herland é um grito de liberdade que ecoa até hoje. Uma válvula de escape para uma geração e obteve resposta mais significativa nos anos seguintes. Visto que as mulheres sempre carregaram a responsabilidade e as penas por males sociais, foram presas, exiladas, não podiam assumir cargos e, na Idade Média, foram perseguidas como subversivas e queimadas em fogueiras, faz sentido a obra ganhar cada vez mais repercussão numa sociedade que vinha cedendo espaço para discussões nessas temáticas e que ainda não fechou seu ciclo, motivo pela obra ainda hoje causar impacto no modo de pensar. Recentemente saíram mais duas novas traduções em língua portuguesa de *Herland*, ambas em 2018, uma da Editora Rosa dos tempos, tradução de Flávia Yacubian e a outra da Editora Via Leitura, tradução de Lígia Azevedo, ambas edição feita apenas por mulheres, .

E com a análise de Raney (2011) fechamos este tópico

> Perkins Gilman creates a utopian women society to satirize the common view in her day that men were needed; however, through showing what industrious women can do, she challenges this assertion, informing her readers that women can show ortitude and endurance to create a perfect society.[23] (RANEY, 2011)

Para conhecermos um pouco do pensamento contemporâneo do americano sobre Gilman, vamos analisar extratos de alguns textos e sites que discorrem, analisam e procuram entender a vida e obra desta feminista. Sua obra, parece estar relacionada à ideia de utopia

independente que criticou as expectativas do século 19 sobre seu gênero. Ela desenhou vitalidade e propósito do trabalho de uma maneira que foi codificada, na época, como distintamente masculina; e quando, consumado por sua escrita, Gilman finalmente enviou sua filha para ser criada por seu ex-marido, ela foi rotulada como uma mãe "não natural". Com isso em mente, a despersonalização da maternidade de Herland - que se torna, em vez disso, um esforço coletivo, uma espécie de presente mágico ambiental, uma religião - sente-se em algum lugar entre expiação e racionalização. – Tradução nossa.

[22] Em *Herland*, em vez de criticar aberta e negativamente a sociedade, ela utilizou do sarcasmo e humor para iluminar à sociedade as frustrações e preconceitos que as rodeavam. – Tradução nossa.

[23] Perkins Gilman cria uma sociedade feminina utópica para satirizar a visão comum de sua época quando os homens eram necessários; No entanto, ao mostrar o que as mulheres industriosas podem fazer, ela desafia essa afirmação, informando seus leitores que as mulheres podem mostrar força e resistência para criar uma sociedade perfeita. – Tradução nossa.

de um "novo mundo" como Simone (2016) publica em uma matéria no Public Radio International,

> But even Gilman couldn't have foreseen that 100 years after she wrote her sci-fi novella about a feminist paradise deep in the jungle of a distant continent, the hive-mind of the internet would decide to bring it to life.
>
> "It wasn't just 'Oh, here's a book. Let's pretend we're in the book.' It's using the book as sort of a design document," says Kate White. She's a pioneer of Herland, a Facebook group of over 5,000 members interested in creating an eco-commune in South America inspired by the "land without hims" that Gilman described.[24] (SIMONE, 2016)

Simone (2016), afirma ainda que Gilman é uma autora reconhecida como da vanguarda e discorre sobre a obra:

> Perkins Gilman was way ahead of her time when she wrote this book and her insights were as such that we are still battling all of them today. One could easily transplant this book into the 2000s and it would not feel antiquated in the least. The issues that strike me the most are the ones concerning gender assumptions and relationships between masculine and feminine personalities.[25] (SIMONE, 2016)

Pode se entender que para os estudiosos e admiradores de Gilman, em seu país, seu legado transcende o tempo, a possível evolução política e social, sendo suas obras objeto de estudo, ponto de referência e tornando-se inclusive base para um projeto de construir uma nova Herland dos tempos atuais.

---

[24] Mas mesmo Gilman não poderia ter previsto que mais de 100 anos depois de ela ter escrito sua ficção científica, o romance sobre um paraíso feminista no fundo da selva de um continente distante, e a mente coletiva da Internet estaria decidida a dar vida.

"Não foi apenas 'Oh, aqui está um livro. Vamos fingir que estamos no livro." Está usando o livro como um documento com propósito específico (algo assim) ", diz Kate White. Ela é pioneira de Herland, um grupo do Facebook de mais de 5.000 membros interessados em criar um comunidade ecológica (cidade ecológica) na América do Sul inspirada na "terra sem eles" que Gilman descreveu. – Tradução nossa.

[25] Perkins Gilman estava muito à frente de seu tempo quando ela escreveu este livro e suas ideias eram. Pode-se facilmente transplantar este livro para os anos 2000 e não se pareceria em nada antiquado. As questões que mais me surpreendem são aquelas relativas de gênero e às relações entre personalidades masculinas e femininas.

2. SUPORTE TEÓRICO

2.1 Utopia

Herland, foi considerada por muitos, na época, uma história carregada por uma ideia um tanto quanto fantasiosa e presunçosa, enquadrando-se como no gênero da utopia.

> O conceito de utopia tem tradicionalmente assumido contornos conflituais em relação à ideia de história. Tem-se por vezes pretendido que a utopia marca o fim da história ou a sua suspensão, que está para além dos conflitos históricos, num lugar intermédio entre história e eternidade. Esse momento imaginário que liga intimamente história e eternidade na ideia de utopia está próximo da ideia de história natural, entendida sobretudo como uma história congelada, purgada de conflitos e contingências. Contudo, outra acepção da expressão, uma que a considere como transitoriedade eterna, pode ajudar a desbloquear algumas das ansiedades próprias do gênero da utopia e das suas ramificações filosóficas, ao colocar a utopia firmemente do lado de cá da história. Do ponto de vista da contingência, tanto distopias como utopias são fenômenos provisórios. (GOMES, 2011)

Entendemos por isso que definir utopia ainda é motivo de debates entre historiadores, sociólogos, filósofos e pesquisadores dos estudos literários, justo por essa amplitude e ambiguidade do termo desde o seu surgimento. Claude-Gilbert Dubois, em seu livro *Problemas da Utopia*, conclui que:

> A utopia nasce sob o duplo signo da esperança e da ilusão. A esperança se exprime na recusa de uma realidade que não assegura ao espírito sua necessidade de plenitude. (...) Mas a utopia é também uma ilusão, e frequentemente ilusão consciente. É o que explica o tom de ironia ou de humor que toma amiúde o criador de sociedades ideais. Falta-lhe o que faz da esperança uma virtude: a paciência e o esforço para crer. Em realidade, ela não propõe exatamente um futuro, mas outra ordem, em outro tempo. Há um abismo entre real e o ideal que ela apresenta: ela propõe apenas um mundo onde as coisas não são o que elas são. (DUBOIS, 2009, p. 64)

Faz-se então necessário estabelecer como o conceito de utopia aqui será empregado. Ao tratarmos da etimologia da palavra utopia, em grego, temos "OU", não, e "TOPOS", lugar, logo, o *não-lugar*. Porém, desde o seu surgimento no século XVI, na célebre obra de Thomas Morus, a palavra utopia teve seu campo semântico ampliado. Assim, o "não-lugar", termo esse que foi atribuído a uma ilha imaginária, Ilha de Utopia, representa uma forma ideal de Estado, realizando, nesta obra especificamente, uma crítica à Inglaterra e

descrevendo o plano desejável de uma sociedade em extrema harmonia, comprometida com o bem-estar coletivo. Plano e desejo que se misturam com o sonho e a fantasia, entre o homem e o lugar que vive.

Ainda no século XVII, a palavra assumiu o sentido de "lugar ou situação perfeita, por isso inexistente". Racault (2009, p. 29) explica que a utopia pode ser entendida tanto como "forma literária codificada das representações sociais imaginárias (gênero utópico) ou, ainda em uma perspectiva histórico-sociológica, aspiração, realizável ou não, a uma sociedade perfeita, de um modo imaginário político, frequentemente um programa radical de transformação social da realidade inexistente (modo utópico)."

> Exteriormente, a *Utopia* é uma obra sem pretensões, algo como memórias de viagem. As pessoas, os lugares e os acontecimentos que ocupam as primeiras páginas pertencem à história e todos os leitores poderiam verificar a exatidão dos detalhes. À primeira vista, seríamos tentados a classificar a *Utopia* no gênero histórico.
> Mas, a história, nesta obra, não é mais do que um manto que esconde outra coisa, bem diferente – pelo menos esta apresentação pseudo-histórica desperta a atenção do leitor para o travestimento dos gêneros, no qual a *Utopia* se compraz. Ela mistura incessantemente detalhes plausíveis ao relato fictício e ao inverossímil. (PRÉVOST, 2015, p. 439)

A noção também é abordada por Firpo (2005) quando afirma que "a utopia se apresenta portanto, desde o início, como meta-geográfica e meta-histórica" (p. 230), portanto, obras que se propõem a tal feito devem sair fora tanto da geografia quanto da História.

Nesses termos, podemos entender que a utopia nasce, sim, de um desejo de transformar uma realidade existente, como uma maneira de reivindicar uma transformação e crer num futuro melhor, mesmo sabendo que não possa acontecer, motivo da presença da ironia. Dessa forma podemos pensar na utopia como algo hipotético e criado pelo homem de acordo com o que lhe convém. É neste sentido que Dubois afirma que:

> Todas as contradições, trágicas ou ingênuas, que emanam da construção utópica correspondem a uma só, imensa, que poderíamos definir pelas palavras *humanismo* e *desumanização*. A recusa do real se faz em nome da dignidade do homem ultrajada por uma engrenagem social que corrompe suas faculdades e impede seu completo desenvolvimento. O mundo real é um mundo ao contrário: a propriedade privada cria a alienação social; a opressão se funda na liberdade dos tiranos; a repressão estabelece a extensão do crime ao qual ela dá direitos. A utopia é uma recusa da incoerência, mesmo que essa recusa se torne irrealismo. (DUBOIS, 2009, p. 63)

Trata, pois, de uma questão extremamente complexa que mantém sua atualidade, considerando nosso contexto neoliberal. Portanto, o gênero da utopia sempre propõe uma reflexão de caráter crítico sobre algum aspecto, ou vários, de um determinado momento histórico, através da criação de um outro mundo, não raro ideal. Ou seja, uma realidade construída e produzida em contraponto com uma realidade vivida. Esta última é função dos valores dominantes na sociedade em contexto.

Podemos mencionar a referência a um sonho, traduzindo esperança para o futuro, ou ainda uma manifestação que propõe outros mundos, sociedades alternativas onde possa se viver o bem-estar físico, espiritual e mental. A utopia faz projeções sobre grandes transformações da sociedade e cabe a quem a descreve como que deverá visualizar a possibilidade de alcançar essas melhorias, já que a narração objetiva construir uma crítica ao contexto social vivido ou apresentado. Em seu estudo, Gregory Clayes afirma que: "O conceito de utopia, ao longo dos tempos, é uma variação de um presente ideal, de um passado ideal e de um futuro ideal, e da relação entre os três. Todos eles podem ser míticos ou imaginários, ou ter algum fundamento real na história".

Sob outra perspectiva Dubois diz que:

> A utopia é o ponto extremo de uma reivindicação que pode também se manifestar sob as formas mais realistas de uma mística ou de uma ideologia. Ela estabelece o direito de o homem ter um porvir, dando uma forma pensável ao possível e ao impossível. A utopia é uma maneira – a mais abstrata, é verdade – de crer no futuro. (DUBOIS, 2009, p. 64)

Nesse conceito de Dubois observamos o fenômeno utópico, como se quisesse nos dizer que devemos transmitir essa ideia do "lugar nenhum" às nossas necessidades e aspirações cotidianas.

Agnes Heller (2008) também faz uma abordagem interessante e significativa para esta discussão, quando coloca que essas acepções e desejos de transmitir nossas crenças para o futuro como uma necessidade para acreditar em dias melhores:

> A moral e o sistema das exigências e costumes que permitem ao homem converter mais ou menos intensamente em necessidade interior – em necessidade moral – a elevação acima das necessidades *imediatas* (necessidades de sua particularidade individual), as quais podem se expressar como desejo, cólera, paixão, egoísmo ou até mesmo fria lógica egocêntrica, de modo a que a particularidade se identifique com as exigências, aspirações e ações sociais que existem para além das casualidades da própria pessoa, *"elevando-se"* realmente até essa altura. (HELLER, 2008, pp. 17-18)

Logo, a utopia é vista também como uma condutora da negação de determinado modo de pensar individual, como um esmorecimento da moral e dos bons costumes. Assim, a utopia surge como uma possível resolução e portadora dessa falha, enfatizando a negação que se faz à sociedade, pautando tentativas de fazer ser ouvido valores ainda inexistentes ou até mesmo esquecido pela sociedade.

No entanto, Prévost tem um pensamento complementar quando nos alerta que:

> Arte consciente dela mesma, o gênero utópico tal como Morus o pratica exige que o leitor, portanto, mantenha sua inteligência perfeitamente lúcida e nunca se deixe levar pela fabulação do relato: a utopia é um exercício da inteligência tanto quanto um jogo da imaginação. (PRÉVOST, 2015, p. 439)

Assim, podemos entender que as ideias contidas em uma obra utópica podem servir para o cotejo com o mundo real, e devemos ser argutos no momento de identificarmos o jogo proposto entre o real e o imaginário, separarmos o que é realmente possível no nosso mundo do que só pode ser praticado no mundo utópico. A poesia da utopia não lhe tira o valor crítico de acordo com Prévost:

> Sem esquecer a aura poética da utopia, sem minimizar seu valor crítico, após sua viagem no mundo imaginário, o homem retorna com o espírito claro e purificado. Finalmente lhe são abertas as vias que lhe permitirão chegar à altura das virtudes morais e políticas: finalidade da existência, liberdade do coração, amor pelo trabalho, cultura do espírito, sentido do sagrado, que lhe trarão serenidade e paz. (PRÉVOST, 2015, p. 446)

Usando o valor crítico da utopia, o homem retorna com novas ideias que poderão fazer com que ele alcance certas virtudes que estão faltando na sociedade atual. Para finalizarmos essa parte referente a conceitos e entendimento do termo "utopia", vale ressaltar outra característica do gênero. Assim, Prévost, em seu texto "A utopia: o gênero literário", afirma:

> Até aqui a Utopia ofereceu ao leitor apenas elementos muito díspares, frouxamente reunidos no "discurso utópico". Porém, uma obra de arte precisa de uma unidade de forma. Este caráter, que aqui não se pode tomar emprestado da lógica, será conferido à Utopia pelo gênero literário do romance. (PRÉVOST, 2015, p. 442)

Firpo (2005) em suas abordagens sobre o termo Utopia, ressalta que a palavra sofre um certo 'modismo' benéfico, ou seja, uma atenção concentrada naquela projetividade proposta, porém, ainda que muitas propostas interessem as discussões sociais utópicas, nem

tudo é de fato relevante as discussões. Logo, diz estar "convencido que uma utopia, para poder ser definida como tal, para poder ingressar neste "gênero", deva ser global, radical e prematura.". Ainda que pareça sintética essa afirmação, ele passa a esclarecer cada uma delas:

> A utopia deve ser global porque o projeto de reforma, sendo substancial, sendo perturbador, mas limitado a uma pequena instituição, a um aspecto singular da nossa vida em comum, não pode, penso eu, aspirar ao nome de utopia.
> [...]
> um projeto "global" deve ser de tal forma que envolva na sua totalidade o modo de viver dos homens em sociedade, isto é, um projeto que não seja voltado para um único fim, mas que seja porém importante e significativo, um pormenor que seja, mas que ao contrário envolva a sociedade no seu complexo.
> Em segundo lugar a utopia deve ser radical, porque um projeto que implique leves variantes, pequenos retoques, um deslocamento quase imperceptível das estruturas da sociedade em um ou outro sentido, é assunto de todos os dias. [...] Portanto, se um projeto não é global, isto é, não envolve uma mudança substancial das estruturas sociais, não considero que possa aspirar ao nome de utopia.
> Enfim a característica mais importante de todas, aquela que realmente, na minha opinião, distingue o "gênero" utópico dos programas de reforma e do reformismo em geral, é a lúcida consciência do seu caráter prematuro. (FIRPO, 2005, pp. 228-229)

O romance que será analisado neste trabalho, *Herland*, vincula-se ao gênero literário da utopia, como será melhor explanado no último capítulo desta dissertação. Podemos citar ainda como exemplo semelhante *El país de las mujeres* de Giconda Belli, que mesmo ocorrendo em um espaço e tempo considerado o nosso, em um país chamado Faguas, governado apenas por mulheres, trata de uma realidade utópica, mas não impossível de acontecer.

2.2 *Herland*: uma narrativa que reconfigura o mito das Amazonas

A relação entre a utopia e o mito é abordada por vários estudiosos[26]. Segundo Elliott (1970, p. 6), a utopia se alimenta de mitos como o da Idade de Ouro e do País da Cocagna –

[26] Ver Frye (1965); Elliott (1970, capítulo I).

um mito medieval de uma terra encantada em que os homens vivem numa comunidade que desconhece as leis, propriedade privada e a necessidade de se trabalhar, uma vez que têm tudo o de que precisam ao alcance das mãos. Ambos resultam do medo, da angústia e do desejo humanos de superar as adversidades e os perigos da existência. Sendo assim, tanto a utopia quanto o mito contrastam a realidade e a fantasia, na imagem de um mundo onde os problemas humanos encontram solução.

É possível perceber resquícios de alguns mitos em *Herland*. O mundo do campo, cujos habitantes vivem uma vida simples, de forma igualitária, está presente no mito da Arcádia, por exemplo. Contudo, a reelaboração de outro mito antigo se faz perceber mais nitidamente: o mito das Amazonas, no que se refere a uma terra só de mulheres, organizada e defendida por mulheres e em que só nascem mulheres; além de uma comunidade ecológica e sustentável em comum acordo com a natureza.

Segundo Brandão (1991), numa versão do mito, as Amazonas são representadas como "mulheres fortes, hábeis na arte da guerra e da sedução", filhas da união do sangrento Deus da guerra Ares com a ninfa Harmonia, divindade da natureza.

Também existem várias versões quanto à etimologia do seu nome, significa "mulheres privadas de seios" (BRANDÃO, 1991, p. 58) e se deve ao fato que, desde a tenra infância elas cauterizavam o seio direito com instrumentos de bronze em brasa, impedido que se desenvolvesse e com o objetivo de acomodar melhor sua arma, o arco para atirar as flechas com mais perfeição.

O espaço da guerra, a destreza com a arma, a capacidade de liderança e força são elementos reelaborados a partir da estrutura do mito. No mito, a guerra é a questão maior, e não o espaço de uma sociedade mais justa. Por isso as Amazonas são, antes de qualquer coisa, guerreiras e em qualquer relato desde os mais antigos até os mais recentes, essas mulheres são vistas como guerreiras:

> Na crônica de Carvajal, Pizarro não embarca nessa aventura, pois só a construção da nau levou semanas de desgaste causando diversas mortes tanto de espanhóis quanto de índios aliados. Assim ele retorna a Quito e Orellana encara o rio na certeza que em algum momento chegaria ao Oceano Atlântico, mas, logicamente, nunca imaginou que houvesse tanta distância entre as nascentes andinas e a desembocadura desse rio que não parava de crescer. Nesse contexto, realiza uma travessia que no final terá poucos sobreviventes e nada de ouro, mas com um enorme território percorrido e a lenda das mulheres guerreiras revivida nas palavras do frade, fato este que dará o nome de um mito ocidental ao rio e a essa enorme região sul-americana: Amazonas. (FARJADO, 2015, p. 07)

Na citação retirada do texto o "Mito das Amazonas" de Farjado, diz que tamanha foi sua importância na história que a região mais conservada hoje de mata e o rio que corre nessa região leva o nome destas, que eram vistas como guerreiras. E até os dias de hoje, tais figuras são representadas em filmes sempre no formato de mulheres guerreiras que administravam seu próprio espaço sem a dependência masculina em mundo que podemos considerar utópico ou não.

No mito, usavam os homens para serem fecundadas, depois os expulsavam quando não os matavam e as desejadas meninas, que nasciam dessas relações, eram criadas e educadas de acordo com seus costumes, ao contrário dos meninos, que, "quando não eram entregues aos pais, eram mortos ou cegados, aleijados, emasculados e tornavam-se seus servos" (BRANDÃO, 1991). Afirmativa essa que pode ser reforçada nas palavras de Gerardo Andrés Godoy Fajardo, que nos diz que:

> Na antiguidade grega, o mito das amazonas volta a entrar nas narrativas de Hipócrates, no século V a. C., que diz que essas mulheres utilizavam os homens por alguns dias para se procriarem, procurando sempre o nascimento de uma filha com o intuito de educá-la nas artes da guerra. De fato, a garota aprenderia o domínio do arco, do escudo e do dardo, assim como a ser destra na montaria. Esse último domínio das amazonas, serve, até nossos dias, para nomear uma mulher que domina a montaria. Segundo Hipócrates, quando o filho das amazonas era um menino, ele era entregue para a cultura do pai. (FARJARDO, 2015, p. 03)

No mito, a guerra é a questão maior, e não o espaço de uma sociedade mais justa. Por isso as Amazonas são, antes de qualquer coisa, guerreiras e em qualquer relato desde os mais antigos até os mais recentes, essas mulheres são vistas como guerreiras:

> Na crônica de Carvajal, Pizarro não embarca nessa aventura, pois só a construção da nau levou semanas de desgaste causando diversas mortes tanto de espanhóis quanto de índios aliados. Assim ele retorna a Quito e Orellana encara o rio na certeza que em algum momento chegaria ao Oceano Atlântico, mas, logicamente, nunca imaginou que houvesse tanta distância entre as nascentes andinas e a desembocadura desse rio que não parava de crescer. Nesse contexto, realiza uma travessia que no final terá poucos sobreviventes e nada de ouro, mas com um enorme território percorrido e a lenda das mulheres guerreiras revivida nas palavras do frade, fato este que dará o nome de um mito ocidental ao rio e a essa enorme região sul-americana: Amazonas. (FARJADO, 2015, p. 07)

Na citação retirada do texto o "Mito das Amazonas" de Farjado, que tamanha foi sua importância na história que a região mais conservada hoje de mata e o rio que corre nessa região leva o nome destas, que eram vistas como guerreiras. E até os dias de hoje, tais figuras são representadas em filmes sempre no formato de mulheres guerreiras que administravam seu próprio espaço sem a dependência masculina em mundo que podemos considerar utópico ou não.

Gilman, ao trazer o mito para um contexto específico do século XX, propõe uma estreita relação com o movimento feminista que começa a ganhar forças. Essa estrutura do mito acaba por auxiliar na difusão das ideias centrais desse movimento, justamente pelo apelo ao imaginário popular em torno do mito das Amazonas por meio de uma releitura.

Logo no início do romance temos a questão central que origina-se da estrutura formal do mito, Vandyck Jennings descreve quando ele e dois amigos viajantes chegam a um lugar secreto, Herland. Os amigos haviam tomado conhecimento do lugar através de relatos contados pelos nativos que os guiavam pelo rio numa expedição científica a uma região montanhosa, região essa da qual não havia mapas. Esse é o meio pelo qual tomam conhecimento do lugar, por meio de lendas sobre um país misterioso, povoado só por mulheres. Quando chegam a determinado ponto do rio, próximo ao local, obtêm dos guias esta descrição contada pelas memórias do narrador-personagem:

> "Lá em cima", "No alto", "Nas alturas" – era a única direção que podiam fornecer, mas todas as suas lendas concordavam no ponto principal – havia aquela terra estranha, onde não moravam homens – apenas mulheres e crianças, todas estas meninas.
> Nenhum deles chegara a ver o tal lugar. Era perigoso, fatal para qualquer homem que fosse lá, respondiam. Entretanto, haviam também histórias de quando, muito e muito tempo antes, alguns ousados investigadores tinham ido lá e visto – um Grande País, Casas Grandes, Muita Gente – Só Mulheres.
> Ninguém mais tinha ido? Sim – muitos - mas nunca haviam voltado. Aquele não era um lugar para homens – e disso pareciam ter muita certeza. Falei a Jeff e Terry sobre tais histórias e eles riram. Eu também ri, claro. Sabia perfeitamente de que estofo eram feitos aqueles sonhos bizarros. (GILMAN, 1981, p. 23)

A questão que nos parece central é como ocorre uma complementaridade ambiguidade no romance em questão, que se tornou não apenas uma discussão de tema, mas a proposição de uma experiência estética. Nessa experiência, duas formas de conceber o mundo transformam-se os valores do romance: primeiro é a questão da sabedoria popular, a fonte

oral e a condição do mito; e a segunda questão é a da expedição científica, o discurso científico.

Um fato questionado pelos viajantes até meados do romance consiste em como é possível uma terra só de mulheres? Como não havia homens no lugar? Essa dúvida é sanada quando os aprisionados recebem a visita das tutoras que lhes dão direito a todo acervo bibliográfico do lugar à vontade. Assim, o sociólogo Van vai aos registros históricos, ansioso para entender a gênese daquele milagre feminino:

> Segundo seus registros, aconteceu o seguinte:
> No tocante à geografia, por volta da era cristã, aquela terra tinha passagem livre para o mar. Não direi onde, por bons motivos. Entretanto, era uma passagem razoavelmente fácil, através da muralha de montanhas à nossa retaguarda. Para mim, não resta dúvida de que aquela gente era de sangue ariano, que já tivera contato com a melhor civilização do mundo antigo. Eram de raça "branca", porém um tanto mais morenos que nossas raças do norte, em resultado de sua constante exposição ao sol e ao ar.
> O país então era mais extenso, incluindo muito terreno além da tal passagem, bem como uma faixa de litoral. Possuíam navios, comércio, um exército, um rei – pois, em tal época, eram – como nos classificavam com tanta naturalidade – uma raça bissexual.
> O que primeiro aconteceu a eles foi meramente uma sucessão de infortúnios históricos, como uma quase frequente derrota ante outras nações. Foram dizimados pela guerra, expulsos de seu litoral, até que, finalmente, a população reduzida, com muitos de seus homens mortos em combate, ocupara aquela terra interior, defendendo-a por anos, nos passos das montanhas. Onde houvesse uma abertura para algum possível ataque de baixo, eles reforçaram as defesas naturais de maneira a torna-las inescaláveis e seguras, como descobrimos.
> Aquele havia sido um povo polígamo e escravocrata, como todos os de sua época. Durante uma ou duas gerações em luta para defender seu reduto montanhoso, construíram as fortalezas, como aquelas que éramos mantidos, bem como alguns de seus prédios mais antigos, estando uns poucos ainda em uso. Apenas um terremoto poderia destruir tais edificações – enormes blocos maciços, mantidos unidos pelo próprio peso. Naquele tempo, certamente havia trabalhadores eficientes e com fartura.
> Tinham lutado bravamente pela existência, mas nenhuma nação pode levantar-se contra o que as companhias de navegação chamam de "um ato de Deus". Enquanto toda a força de combate lutava denodadamente para defender sua passagem pela montanha, houve uma explosão vulcânica, com alguns tremores de terra locais, cujo resultado foi um soterramento total daquela passagem – a única saída com que contavam. Então, no lugar dela, surgiu um novo contraforte, abrupto e altíssimo, separando-os do mar. Haviam ficado murados e, por baixo daquela muralha, desapareceu todo o seu pequeno exército. Poucos homens sobreviveram, excetuando-se os escravos. Estes últimos aproveitaram a oportunidade e rebelando-se, mataram os senhores remanescentes, até o menino mais novo. Mataram também as mulheres idosas e as mães, pretendendo apoderar-se do país com as restantes jovens e meninas.

> Entretanto, tal sucessão de desgraças foi demais para as desditosas virgens. Eram em grande número, mas bem poucas se tornariam donas de escravos. Então, ao invés de se submeterem, o desespero extremo atuou sobre aquelas jovens, fazendo com que se revoltassem e dominassem seus brutais conquistadores.
> Bem sei que tudo isso soa um pouco como Titus Andronicus, porém foi o relato que li. Imagino de elas estivessem à beira de uma loucura – e quem poderia censurá-las?
> Literalmente, naquela bela região de jardins, sobraram apenas um bando de jovens histéricas e algumas escravas idosas.
> Isso tivera lugar cerca de dois mil anos antes. (GILMAN, 1981, pp. 81-2).

Vandyck chega a chamar as herlandianas de ultra mulheres ao questionarem-se como elas conseguiram formar uma comunidade em total harmonia, realizando todos os serviços sem a presença de homens, perdendo as características não só masculinas, como femininas, do modo como estava acostumado a ver nos Estados Unidos da América.

Vejamos no trecho abaixo a resposta à indagação:

> Inquestionavelmente, eram seres humanos. Entretanto, o que custávamos a compreender foi como aquelas ultra mulheres, oriundas de uma única, haviam eliminado não apenas certas características masculinas – as quais, é claro, não nos interessava em absoluto -, mas também muito do que sempre consideravam essencialmente feminino. (GILMAN, 1981, p. 85).

A construção narrativa que reconfigura o mito das Amazonas é observada quando o narrador questiona o fato de elas serem mesmo seres humanos e mais à frente fazer a menção que "entretanto, não havia qualquer interesse por deidades guerreiras ou violentas" (GILMAN, 1981, p. 86). Logo, podemos subentender a referência a possíveis guerreiras Amazonas, que lutavam em defesa de sua terra e de si mesmas e eram extremamente violentas, chegando a matar os homens que tinham algum tipo de contato para reprodução.

A reconfiguração do mito no romance provoca uma desconstrução do discurso de uma sociedade patriarcal quando a configuração das personagens femininas problematizam a questão de gênero.

Retomar o mito das Amazonas implica em reconfigurar a imagem feminina diante da sociedade e a ligação de qual seria a função e a capacidade da mulher, pois o mito retrata uma completa inversão dos valores patriarcais, na maneira como elas conduziam os atos sexuais e o controle da natalidade, fato que também está presente em *Herland*, e representava uma afronta aos costumes.

O papel da mulher quanto à maternidade raramente foi questionado pela aceitação da função social atribuída às mulheres numa sociedade patriarcal, onde as mulheres tinham claramente prescrito o seu papel, dentre eles, a procriação, vista por elas como o sonho da maternidade, fato que ainda hoje levanta discussões polêmicas quando alguém discorda de tal ponto de ponto de vista e opta por não ter filhos.

Quando esse conceito é apresentado em *Herland*, certamente provoca um duplo questionamento quanto à função social da maternidade: o da busca de compreensão daquilo que elas representam como mulher que vive em função da família e no final se vê sozinha no ninho e o do questionamento de criar um filho para o mundo, um filho que é de todos e todos da comunidade têm dever de educá-lo – ponto de vista esse tão diferente que, à primeira vista, causa um estranhamento em relação a uma suposta ordem dos gêneros, isso para além de uma espécie de feminilidade "anormal" ou "masculina".

No romance, o narrador personagem ao descrever como descobriram o surgimento da sociedade, relata que isso aconteceu de maneira natural, no processo de partenogênese "algumas matronas mais jovens que sobreviveram tiveram filhos após o cataclisma – porém entre eles houve apenas dois meninos e ambos morreram" (GILMAN, 1981, p. 83).

No romance de Gilman, há a narração de uma invasão amiga, sem guerra, que não era jesuítica e se dizia científica, pois, embora os três viajantes tenham em comum um profundo apreço pelo meio científico e justificam essa aventura como uma expedição desse caráter, ela desenvolve-se no romance mais como uma aventura do que como uma exploração científica. De modo que os personagens são acolhidos e envolvem-se de tal maneira na sociedade que passam a viver ali, cogitam a fuga somente quando estão no singular confinamento, até ocorrer a expulsão de Terry, pela agressividade demonstrada em relação a Alima.

A configuração das personagens femininas no romance problematiza a questão de gênero. O espaço da guerra, a destreza com a arma, a capacidade de liderança e a força são elementos reelaborados a partir da estrutura do mito. De acordo com os registros históricos que as mulheres de Herland conservam sobre o início da comunidade,

> A princípio, houve um período negro de desespero. As montanhas alteavam-se entre elas e seus velhos inimigos, mas também lhes impediam a saída. Não havia a menor possibilidade de subirem, descerem ou saírem. Simplesmente, teriam que ficar ali. Algumas preferiam o suicídio, mas não a maioria. Deviam formar um grupo destemido e decidiram viver – enquanto isso fosse possível. Evidentemente, tinham esperanças, como a

> maioria dos jovens, de que sucedesse alguma coisa que lhes modificasse o destino.
> Assim, atiraram-se ao trabalho, enterrando os mortos, plantando, colhendo e cuidando umas das outras.
> (...)
> Continuando, aquele bando original de jovens atirou-se ao trabalho para limpar o lugar e tornar sua sobrevivência o melhor possível. Algumas, das escravas sobreviventes prestaram serviços inestimáveis, ensinando a elas o que sabiam. Dispunham de registros, como eram mantidos na época, além de ferramentas, utensílios atuais e uma terra muito fértil para ser trabalhada.
> (...)
> Durante cinco ou dez anos, elas trabalharam juntas, tornando-se mais fortes, mais sábias e cada vez mais unidas. (GILMAN, 1981, p. 82-3).

O que de fato tornara as mulheres de Herland "guerreiras", foram todas as circunstâncias às quais foram submetidas desde o início de seu país. As provações e as necessidades pediam atitudes, ao contrário o que as esperava era a morte. O sucedido nos chama atenção pela união das mulheres em defesa de um país, mesmo que inicie-se no desespero de não se tornarem submissas ao poucos homens que restaram, a união para transformar o local em um espaço bom para todas mostra uma irmandade entre elas. Evento descrito pelo narrador:

> Lá estavam quinhentas ou seiscentas criaturas, criadas para um harém; no entanto, desde algumas gerações anteriores, a luta heroica que vinha sendo mantida devia tê-las fortalecido de algum modo. Abandonadas naquela terrífica orfandade, uniram-se, apoiando-se como irmãs e desenvolvendo poderes desconhecido, pela tensão da nova necessidade. Para aquele grupo endurecido pela dor e fortificado pelo trabalho, sem não apenas o amor, mas os cuidados dos pais e perdida a esperança de jamais ter uma prole pessoal, surgia a alvorada de uma nova esperança.
> (...)
> Então todo o espírito do país substituiu o ânimo enlutado e a simples corajosa resignação, por uma orgulhosa alegria.
> (...)
> As mais velhas, as que se recordavam dos homens, haviam morrido. Morreram também as mais jovens do primeiro grupo e, quando isso aconteceu, havia cento e cinquenta e cinco mulheres partenogenéticas, fundando uma nova raça.
> Elas herdaram todo o devotado cuidado que lhes pudera legar o grupo original, que aos poucos ia desaparecendo. Seu pequeno país estava inteiramente a salvo. Suas lavouras e hortas produziam abundantemente, as indústrias que conseguiam manter permaneciam em cuidadosa ordem. Foram preservados todos os registros de seu passado e, durante anos, as mulheres mais velhas procuravam ensinar, da melhor maneira possível, tudo que pudessem transmitir ao pequeno grupo de irmãs e mães, quanto as próprias habilidades e conhecimento (GILMAN, 1981, p. 84).

Toda essa união permanecera com o passar das gerações, como de fato é relatado também no mito, por meio da irmandade entre as Amazonas em defesa da comunidade de guerreiras. A necessidade de salvar-se e a compaixão que tiveram umas em relação às outras as transformaram numa nova raça, apenas de mulheres. A irmandade e o orgulho por seus feitos faziam com que todo conhecimento fosse transmitido de geração para geração, feitos registros das memórias do lugar que eram arquivados em livros na biblioteca do local, como podemos observar pelo relato do narrador-personagem.

3. *HERLAND,* UMA UTOPIA FEMINISTA

3.1 Autoria e narrativa: um paralelo necessário

Antes de adentrarmos na análise do foco narrativo em *Herland*, faremos breves considerações sobre a narrativa, realizada por um personagem-narrador do sexo masculino, e a autoria da obra propriamente dita, realizada por uma mulher. A autora, feminista, busca mostrar Herland não somente como um mundo feminino que funciona, mas também toda a admiração dos homens que a visitam e narram sua experiência no contato com tal realidade.

Pode-se então criar em *Herland* um diálogo outro, no qual a análise literária ajuda a compreender o surgimento de várias vozes, como ocorre quando analisamos a construção das personagens, pela visão do narrador-personagem. Quando abordamos o termo várias vozes, estamos nos referindo às três representações masculinas de discursos da sociedade. Essas vozes são as representações dos personagens na narrativa, quando cada personagem masculino defende um ponto de vista diferenciado sobre a figura feminina. Isso numa sociedade que reforça um perfil feminino moldado, onde o homem tem o dever de manter o lar financeiramente e a maneira como faz isso pouco é questionada. Já a mulher, além de ter o dever de zelar da casa, servir ao marido, criar e educar seus filhos, deve fazer isso com exclusividade e não repartir ou partilhar suas funções domésticas para atrever-se num mundo profissional masculino, sendo sempre questionada caso fuja aos padrões impostos. Um pouco do que era a realidade na época do romance.

Esses três exploradores descritos pelo narrador-personagem, Van, possuem diferentes visões sobre o papel da mulher na sociedade, seja ela em Herland ou nos Estados Unidos da América.

Desse modo, é preciso atentar para estes caminhos a fim de ajustar o olhar para novas possibilidades de leitura, em especial no que tange à história das personagens deste romance, e mesmo o que o leitor teria a dizer, pois cabe a este, também, mostrar o seu ângulo de visão da obra literária: "[...] lendo-a, ele a cria; é o seu verdadeiro autor, é a consciência e a substância viva da coisa escrita" (BLANCHOT, 1987, p. 296).

Quanto à polifonia em *Herland*, vemos representadas as vozes de um mundo criado por homens para priorizar as necessidades masculinas, mantendo as relações de poder nas quais a mulher está subjugada a atender às suas vontades, tornando-se o gênero que,

socialmente, atende à continuidade desta organização social de poder e controle. De acordo com Bakhtin, os discursos estão intimamente ligados por relações dialógicas e sociointeracionais.

Não há como negar a existência de uma autoria que parte de enunciados outros, experiências de vida, mesmo porque alguém precisa assumir a autoria de um texto. No entanto, a tríade autor-narrador-leitor, segundo Bakthin, faz sentido, pois a palavra não é apenas do falante, o ouvinte, também, tem direito sobre ela. Há diversas formas de autoria para esse autor, como aquela que envolve:

> [...] enunciado /.../ que por sua vez é determinado pelo objeto, pelo fim e pela situação do enunciado. /... / o lugar (posição) ocupado na hierarquia pelo falante (líder, /.../ pai, filho) /.../de quem fala e a quem fala. Tudo isso determina o gênero, o tom, o estilo do enunciado: a palavra do líder,/.../ a palavra do pai, etc. É isso que determina forma de autoria. A mesma pessoa real pode manifestar-se em diversas formas autorais (BAKHTIN, 2003, p. 390).

Para Bakthin cabe ao leitor escolher que caminho tomar, pois é possível observar em *Herland* uma miríade de possibilidades de leitura. Este é um exemplo de como se construir e narrar uma história, em uma realidade em que a linguagem, em que o autor, o leitor e o escrever são dissolvidos, já que o narrador é personagem, o universo feminino é descrito na visão masculina, quem escreve é uma mulher e cabe ao leitor assimilar todas estas informações. Blanchot (1987) percebe o escrever como um "eterno recomeço", cuja "linguagem se dá sob o fascínio", algo que se repete em uma "disseminação infinita". Esse escrever transita em Derrida (1978), pois ele afirma que a escrita é um momento original, mas sem origem, porque a sua origem está na desconstrução de qualquer estudo. Torna-se assim a escrita o momento de profunda decomposição, continuação e insistência de inscrição. Deleuze (1992) entende o escrever como uma relação de "corrente, contra-corrente", podendo seguir novas linhas de escrita.

A abertura para se expressar física e intelectualmente é uma forma de igualar pessoas, oportunizando escolhas. Assim, Gilman problematiza os argumentos empregados para justificar a diferença entre os gêneros, levando em conta questões políticas, econômicas e as relações de poder. Ao longo da obra, a autora cria formas de reflexão, especialmente por meio dos diálogos, sobre as diferenças biológicas, culturais, sociais, repetidamente empregadas como instrumento de controle e estabelecimento das crenças sobre gênero.

Para defender o seu ponto de vista feminista, a autora possibilita que Van narre diferentes momentos em que homens e mulheres interagem, estreitando capacidades de cooperação mútua por meio de um diálogo imperceptível na sociedade real, ou seja, nos Estados Unidos do século XX, ou em qualquer outro lugar do mundo não ficcional.

Em *Herland,* a autora imprime um olhar feminino utilizando o olhar dos estrangeiros masculinos, que têm a oportunidade de experimentar essa nova perspectiva de uma sociedade organizada por mulheres, num processo contínuo de construção e desconstrução de elementos abstratos (relações) e concretos (gestão social). E, consequentemente, ao trabalhar vozes masculinas, especialmente a de Vandick, para narrar as ideias dos homens acerca desses papéis instituídos de gênero, a autora consegue com maestria ir além dos feminismos.

As partes que compõem o texto narrativo mergulham no mundo psicológico das personagens a partir do que se vê, "Terry parecia deprimido", (GILMAN, 1981, p. 55), mesmo que o modo de narrar adotado por Gilman possa dar a entender estar mais preocupado em descrever o comportamento delas "Todas as nossas professoras ficaram francamente interessadas", (GILMAN, 1981, p. 88).

Nas páginas de *Herland*, as falas se fundem na narrativa, de acordo com a necessidade daquele que conta a história, para tanto, a autora constrói um universo em que as mulheres vivem e se multiplicam, sem homens em absoluto.

No que diz respeito à linguagem, o romance utópico apresenta elementos da função conativa, uma vez que organiza ideias de forma argumentativa com o objetivo de convencer o leitor. Narra dissertando, ou seja, o diálogo entre os tipos textuais, que, como outros aspectos da obra, são referências da intencionalidade. Daí, a construção e defesa de seu ponto de vista.

> Na utopia é possível constatar uma inversão da tese: antes se impõe o direito, o direito da razão, ou direito natural e, depois, a força de um ordenamento real fundado sobre o direito interiormente reconhecido e, enquanto tal, incontrastável (GHIBAUDI, 1976, p. 251).

Há diferentes formas de organização da escrita utópica, a forma de organizar a argumentação, de defendê-la e apresentá-la também são recursos usados por escritores utopistas. A voz dada a Vandick traz uma característica que nos interessa neste contexto: a

exposição de ideias e a construção/desconstrução de valores sem explicações voltadas para estrangeiros que tornam óbvia a intenção do discurso.

A utopia de Gilman está intimamente ligada a uma visão que se baseia no seu tempo para escrever. Como dissemos anteriormente, a biografia da escritora dialoga com a sua obra literária, algo também comum entre os utopistas.

O projeto de vida de Gilman, defender o feminismo e a conquista de espaços pelas mulheres em todos aspectos da vida, levado a cabo no romance utópico, não o distância do literário, ao propor discussões acerca do cotidiano, das grandes questões sociais e de uma leitura de mundo em constante conflito de opiniões, cria valores e interesses que não se apartam da arte. Contudo, não intencionamos afirmar que tais escritores devem ou não ser avaliados pelas suas teses, assim como não ratificamos que a utopia é uma forma de distanciamento da literatura tradicional por buscar situações e personagens que tentam atingir um ideal além do que a realidade do seu tempo possibilite. Como afirma Ghibaudi (1976, p. 255), "para compreender o seu projeto é, portanto, necessário analisar toda sua obra. Apenas assim se pode evitar erros de interpretação". Ao que refere-se em analisar os textos de Gilman, encontramos escritos teóricos e ficcionais como o romance em análise em que a partenogênese[27], por exemplo, tem uma abordagem ficcional.

3.2. *Herland*: uma utopia feminista

Embora carregue poucos detalhes no que diz respeito ao gênero Utopia, o romance narra a história de uma sociedade isolada, composta apenas por mulheres. O resultado é uma nação livre de guerras, conflitos, dominações, crime, fome, desperdício, vaidade, ciúmes ou desgosto. A comunidade funciona como uma fraternidade familiar coesa. Todo mundo é valorizado, todos são cuidados. A tecnologia se expande, a educação cresce e a arte é de um refinamento sobre-humano.

Diante de todas as mensagens subliminares que garantem a ascensão da sociedade essencialmente feminina, uma delas está na condição de todas as moradoras serem

27 Modo de reprodução em algumas espécies, que consiste no desenvolvimento de novos seres a partir de um óvulo não fecundado.

vegetarianas, evitando assim, para sua alimentação, a morte animal. A ideia de um mundo povoado apenas por mulheres (homens eliminados, mesmo por procriação) não seria inocente, nem funcional, mas uma utopia impecável e socialista. Tem sombras do famoso comentário de Ruth Bader Ginsburg de que o Supremo Tribunal terá juízas femininas. Afinal, Ginsburg explicou: "Para a maior parte da história do país, havia nove e todos eram homens. Ninguém pensou que isso era estranho".

Como primeira característica de utopia, observamos a ação de viagem, de um Mundo Outro que não o nosso, quando o narrador-personagem relata que para escrever essa história baseia-se somente em lembranças, já que nada pode trazer do lugar, nem mesmo suas anotações e fotos, esta última, considerada a maior perda.

A descoberta do lugar, até então apenas narrado em contos populares, durante um passeio pelo rio e então planejam alcançá-lo apenas os três, este é o início da aventura. Chegam de helicóptero a um lugar isolado por penhascos, onde pelos últimos 2.000 anos, mulheres longe de qualquer contato com o sexo masculino construíram uma sociedade razoavelmente tecnológica e muito mais avançada em termos culturais, sociológicos e religiosos do que a sociedade dos homens (americanos) de 1915.

Em *Herland*, o estrangeiro experimenta um outro local e retoma suas práticas na realidade quando observa que as suas ações no seu lugar de origem são ou seriam diferentes sempre havendo uma retomada das observações das duas 'sociedades' e almejando um futuro onde esses problemas sejam solucionados, mas para ambas, em um processo de reconciliação entre gêneros. As menções ao cotidiano e o humor na narrativa são elementos que parecem incentivar a revisão de ideias desgastadas sem embate ou conflitos. Como a seguir:

> Naquele lugar, contudo, ante a calma sabedoria e humor serenamente contido de nossas acompanhantes, tendo como termos de comparação o bem-aventurado Jeff e minha inconspícua personalidade, Terry sobressaía de modo um tanto "indigesto". (GILMAN, 1981, p. 103)

A partir do momento em que os três viajantes passam a ser "prisioneiros" em *Herland*, a ilha também passa a ter a presença de homens como visitantes.

É importante ressaltar que nesta sociedade os homens não deveriam estar presentes, por um fator natural: o de não nascerem mais homens e da existência de um controle populacional para a sustentabilidade e sobrevivência. Para as mulheres, não é negativo ter

homens por lá, como Somel argumenta com Van: “Podem bem imaginar que constitui um maravilhoso evento termos homens aqui, junto a nós – depois de dois mil anos.” (GILMAN, 1981, p. 73).

Contudo, mesmo com as diferenças, se organizam perfeitamente desta maneira, sem aparentar qualquer sinal de inferioridade ou superioridade pelos postos ocupados, e este é um fator característico, típico das utopias. O fim pode nem ser o esperado já que até os desfechos utópicos podem não apresentar finais felizes e resolvidos. Em *Herland*, Terry é expulso por não conter seus instintos masculinos em busca do sexo, depois de invadir o cômodo de Alima é condenado a ser prisioneiro na terra das mulheres. Porém, em apreciação à boa convivência de seus dois amigos, lhe é oferecido voltar para os EUA e guardar esse segredo enquanto viver. Essa consumação do casamento como em nossa sociedade patriarcal, por meio da relação sexual, não acontece nem mesmo entre Van e Ellador.

Personagens esses que continuam como protagonistas na sequência desse romance, na obra *With Her in Ourland,* quando ela vem visitar os Estados Unidos da América, a terra deles e chega à conclusão de que quando o homem e a mulher forem adequadamente equilibrados, então o mundo será um legítimo e glorioso lugar. Que Herland não é assim como os viajantes constataram, como vemos pela maneira com que o narrador manifesta sua visão na fala “- Pretendo encontrar alguma mancha em toda esta perfeição” (p. 111), e na visão de Terry que em relação ao que vê e vive, em determinado momento deseja retornar ao seu mundo ao invés de ficar naquela sociedade onde tudo está organizado demais, não tem aventura, desencontros, incertezas, descrevendo-a como “perfeição demais”. Nesta viagem, Ellador possui a certeza de que este também não é um mundo melhor, como chegaram a pensar, e a razão desta afirmação não está nas diferenças entre homens ou mulheres, mas sim nas atitudes dos seres-humanos.

Ao entender a obra de Gilman, o local escolhido, além de uma sociedade totalmente feminista, análoga às Amazonas, também é possível se perceber claramente o viés separatista, tanto pelo fato de serem apenas mulheres como geográfica e politicamente possuírem características bem distintas de tudo até então conhecido pelos três visitantes.

Na reação dos personagens ao sobrevoar a área, encontramos outra característica da utopia, a descrição geográfica: “Parecia ser bem arborizada nas margens, porém no interior havia grandes planícies e, em todos os cantos, prados semelhantes a parques e extensas

clareiras. Havia cidades também insisti nisso. Pareciam – bem, pareciam iguais às de qualquer país – um país civilizado, quero dizer." (GILMAN, 1981, p. 32).

Para Firpo (2005, p. 230), essa contextualização do espaço, da geografia, é uma das três principais características de uma utopia. Segundo ele, "as pessoas tornam-se curiosas com relação aos relatos geográficos, consideram-nos fascinantes e críveis, mesmo estando todos eles encharcados de notícias lendárias, de fantasias irreais, de acréscimos que o narrador inseriu para aumentar a aventura da viagem, ou a própria coragem pessoal, ou a novidade de uma descoberta que vem se somar a tantas outras". E ainda prossegue em sua justificativa:

> Por que esta necessidade de evasão pela geografia? Porque, evidentemente, em um mundo conhecido surgiria instantaneamente o desmentido. Logo alguém diria: "Não é verdade que exista esta cidade ou esta ilha da qual você fala; eu estive lá, e não a vi, não existe; você é um mentiroso". O realismo da informação é um elemento fundamental do utopismo, porque é aquilo que assegura credibilidade enquanto, aos olhos de um leitor não particularmente astuto, dissocia o discurso político-utópico do puro e simples romance de aventura. A minúcia das descrições é um fator decisivo em vista da credibilidade. (FIRPO, 2005, p. 231).

O convívio pleno entre os gêneros, proposto por Gilman, é identificado como utopia. Esse conceito, para além do senso comum, contextualiza um lugar que não existe à ressignificação da ideia que se tem sobre mulheres e homens. É nesse lugar (utópico) que se estabelece uma linha tênue para fundamentar uma espécie de estatuto sobre os seres humanos, independentemente de uma sequência estanque mulheres/homens e seus referidos espaços sociais ou vice-versa. Conflitos ou necessidade de empoderamento pelo viés da superioridade dão lugar à cooperação. De acordo com Ghibaudi (1976):

> A utopia literária, enquanto se limita a apresentar como operativo o projeto, assume a forma de projeto absoluto e verdadeiro, excluindo outros; mas não necessariamente este único elemento formal remete no autor a uma concepção epistemológica substancial de verdade absoluta. Para valorizar a existência de tal conotação é necessário estudar o autor da utopia seja ela romance, tratado ou ensaio, na totalidade de sua obra. (GHIBAUDI, 1976, p. 255).

A configuração da utopia em *Herland* é fortemente articulada às questões sociais, como o socialismo, o papel da mulher em meio à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o direito ao voto e as decisões pessoais (casar-se ou não, ser mãe ou não).

Com a morte de milhões de soldados, faltava mão de obra nas fábricas, além de muitas famílias ficarem ausentes dos mantenedores devido às mortes de civis. Como consequência dessa tragédia, as mulheres, que até então não podiam trabalhar fora de casa, estudar sem sofrer com o preconceito da sociedade, foram praticamente escravizadas, essencialmente no Reino Unido, submetidas ao trabalho nas fábricas para manter artilharia, aviões, minas de carvão, máscaras, laboratórios químicos, cortiços e com salários muito inferiores aos pagos.

As mulheres deixam então de ocupar a função apenas de "Rainha do Lar" e passam a ser provedoras do lar. Isso pouquíssimo tempo depois do incêndio da fábrica têxtil que matou 130 mulheres em New York em 1911, data que instituiu o Dia Internacional da Mulher, pela representação das lutas pela causa.

Mesmo na atualidade, pensando os problemas enfrentados pelo gênero, há obras e contextos utópicos como crítica social. Logo, a utopia pode se apresentar a qualquer momento como bem exemplifica Faria:

> O que acontece é que a utopia de uma sociedade igualitária não desapareceu do cotidiano da maioria das pessoas. Antes, a tendência que se pode verificar é que esta utopia tende a crescer, ainda mais perante a crise global que hoje vivenciamos. Que o "comunismo histórico" ou o "socialismo realmente existente" não conseguiram realizar o ideal da igualdade, acredito que ficou bem claro. Porém, deve ficar claro também que as sociedades capitalistas nada fizeram de concreto para tentar realizá-lo. (FARIA, 2013, p. 145).

A sequência apresentada reflete a participação coletiva das mulheres nas diretrizes da sociedade. Como reflete Ghibaudi,

> Analisar uma utopia, a despeito da forma que assume, significa entrar nos problemas históricos direta ou indiretamente confrontados, esclarecer o contexto em que nasce e toma forma, ilustrar suas conclusões em relação aos debates contemporâneos (GHIBAUDI, 1976, p. 251).

Ao pensarmos nas etapas narrativas, no conflito e no clímax, por exemplo, vemos que a obra representa anseios das mulheres da época e a autora traduz pela utopia a oportunidade de luta e revisão dos direitos e valores individuais e coletivos. Como analisa Ghibaudi,

> A utopia seria uma corrente histórica de renovação da sociedade fundada sobre valores e necessidades considerados essenciais, tais como liberdade, igualdade, justiça, irmandade, valores e necessidades que a realidade demonstraria ter esquecido ou descuidado (GHIBAUDI, 1976, p. 249).

Em *Herland*, os viajantes se assustam ao verem a capacidade física das mulheres para subir em árvores, correr e trabalhar manualmente, assim como se surpreendem com a capacidade intelectual do grupo formado apenas por mulheres, idosas, jovens e crianças. Terry, quando afirma equivocadamente que haveria homens em Herland (dado o desenvolvimento e a civilização do lugar) e que eles deveriam ser muito mais velozes do que as mulheres, representa as vozes masculinas tradicionalmente disseminadas.

Todas essas comparações colocadas por certa superioridade dos homens em relação as mulheres são retratadas com certo humor. E para Alavarce (2009) "o humor é, assim, um processo de defesa que impede a eclosão do desprazer". Em *Herland*, a sua utilização pode evitar que a narrativa, do ponto de vista masculino, possa se transformar em uma crítica infindável. Com leveza, a tal ambiguidade do texto e a visão masculina sobre um universo de sucesso feminino flui com mais leveza e facilidade de entendimento ao leitor. Esse humor foi o recurso que Gilman explorou para aproximar o narrador-personagem masculino, que conhece uma sociedade só de mulheres, do universo masculino e o fez ser ouvido.

Conforme Nascimento (2010), o narrador é interlocutor da autora, mesmo utilizando a sua experiência "masculina" para descrever um universo totalmente feminino

> A linguagem de caráter dialógico não está relacionada ao diálogo face a face, mas a um processo interno do discurso em que este é orientado para outros discursos e para o Outro da interlocução. Nesse sentido, o dialogismo não aconteceria sem a interação verbal, ou seja, o sujeito falante é um sujeito situado que se define a partir do outro. (NASCIMENTO, 2010, p.10)

Ao confrontar dois pontos de vista diferentes, da autora e do narrador-personagem no que tange aos seus diferentes modo de ver o mundo é que se busca no humor diminuir o antagonismo de realidades presente ao longo de Herland.

Portanto, é possível perceber que a estrutura narrativa do romance, ou pelo menos boa parte de suas passagens, se filia ao princípio do *ridendo castigat mores*, ou seja, o emprego da comicidade, do riso, para fazer uma crítica social ou moral, na tentativa de "corrigir" certos costumes não comumente vistos como problemáticos pelo *status quo*.

> É precisamente o caráter de crítica à realidade social que é valorizado e posto em evidência pelos defensores do pensamento utópico. Para estes, a utopia é fundamentalmente um movimento do pensamento social vigente e chama a si uma ordem social alternativa. As utopias, nessa linha de

> interpretação, estão comprometidas com um processo significativo de mudança social. (STIELTJES, 2005)

Além desse discurso irônico, em toda a obra, observa-se que o discurso de Van, direta ou indiretamente, propõe uma perspectiva de aprendizagem e não julgamento em relação à referida organização feminina, diferentemente de um dos seus companheiros de viagem, Terry, que no primeiro capítulo nos é apresentado como um conquistador mulherengo, de julgamento apressado.

Essa descrição de Terry nos traz um certo humor ao pensar uma narrativa feminista apresentando concepções tão machistas sobre a figura feminina. Ghibaudi, por sua vez, ressalta que:

> Com relação à análise de uma obra tratadística, a análise da utopia romanceada requer decifrar o debate teórico escondido sob a sátira, a ironia, o paradoxo; particularizar os referentes teóricos de oposição e de convergência escondidos na trama romanceada, ainda que a utopia contemporânea, com relação à moderna, revele muitas vezes referências diretas com a inserção no romance de partes tratadísticas particularmente explicativas. (GHIBAUDI, 1976, p. 250)

Trata-se de um movimento cíclico que envolve a comparação e a preservação de uma pseudo superioridade masculina, a começar pelo tratamento em relação a terra delas:

Como se referiam a terra das mulheres (GILMAN, 1981)
“Feminísia” (p. 28) – na voz de Jeff. “Feminilândia” (p. 32) – na voz de Terry. “Herland! O Reino das Mulheres!” (p. 34) – na voz de Terry.

Essa superioridade é afirmada durante a narrativa pela maneira como no discurso direto ou indireto pela voz do narrador eles imaginaram, falaram ou ainda constataram Herland quando chegaram lá.

No quadro abaixo, temos de maneira bem representada e separadamente, para facilitar o jogo utilizado pela autora, os discursos apresentados pelos três personagens em relação a como imaginaram que era a terra delas:

O que diziam sobre as mulheres e ao conhecer Herland: (GILMAN, 1981)		
TERRY	**VAN**	**JEFF**
"Quanto a Terry, certamente acalentava visões ocultas de uma espécie de balneário celestial – apenas Garotas, Garotas e Garotas – onde ele se tornaria um... Bem, Terry era muito popular com as mulheres, mesmo existindo outros homens por perto. Assim, não era de estranhar que tivesse sonhos agradáveis, a respeito do que poderia suceder. Eu podia ler aquilo em seus olhos, enquanto contemplava os longos vagalhões azuis deslizando à nossa passagem e alisando seu elegante bigode." (p. 28) "- Elas devem lutar entre si – insistia Terry. – Mulheres sempre brigam. Não creio que encontraremos algum tipo de ordem ou organização." (p. 29) "- Não, senhor – elas lutam – teimou Terry. – Aliás, tampouco devemos esperar invenções e progresso; lá, tudo deve ser absurdamente primitivo." (p. 29) "- Vocês vão ver – insistia. – Ficarei unido com todas elas – mas jogarei um grupo contra o outro. Em pouco tempo estarei eleito rei – caramba! Garanto como Salomão ficaria para trás!" (p. 29-30) "Mesmo assim, em nossos tempos de universidade, não creio que ficaríamos muito satisfeitos, se ele rondasse nossas irmãs. Não que fossemos severos em absoluto! A verdade é que Terry "era o fim". Mantivemos a mesma posição mais tarde e nunca fazíamos perguntas porque, afinal, cada um é dono da própria vida. Entretanto, eliminando-se uma possível exceção em favor de uma não impossível esposa ou de sua mãe e, naturalmente, das parentas dos amigos,	"- Nenhuma das tribos locais é capaz de fazer um tecido como este – anunciei, examinando o farrapo, com a maior atenção. Em algum lugar, lá em cima, alguém sabe fiar, tecer e tingir – da mesma forma que nós." (p. 26) "- Estão enganados, rapazes – insisti. - Se houver tal lugar – e parece haver algum fundamento para acreditar-se em sua existência – descobriremos que se trata de uma espécie de matriarcado. Sem dúvida, os homens têm um culto em separado, são menos evoluídos socialmente que as mulheres e farão a elas uma visita anual – um tipo de convocação nupcial. Sabe-se que já existiu essa condição, sendo apenas uma medida de sobrevivência. É possível que, lá em cima, eles disponham de algum vale altiplano peculiarmente isolado, onde persistiram seus costumes primitivos. Nada mais há além disso." (p. 28) "- Freiras? Ora, francamente! Suas pacatas irmandades seriam compostas por celibatárias e sob votos de obediência, Jeff. Lá em cima há mulheres e mães. Onde há mães. Onde existir maternidade, não haverá irmandades, claro!" (p. 29) "- Oh, isso! As mulheres sempre foram fiandeiras, mas	"- Está redondamente enganado – disse Jeff. – Deve ser como um convento, dirigido por uma abadessa. Uma irmandade pacífica e harmoniosa." (p. 29) "Jeff idealizava as mulheres no melhor estilo sulista. Era um sujeito impregnado de conceitos cavalheirescos, sentimentalistas e coisas assim. Era também um excelente rapaz, que vivia segundo seus ideais." (p. 30) "De qualquer modo, Jeff também me fazia perder a paciência, com sua insistência em colocar as mulheres em um pedestal." (p. 30) "- Que estrada perfeita! Que lugar lindo! Vocês viram as flores? Os comentários eram de Jeff, um eterno entusiasta" (p. 41) "Jeff sentia o mesmo que eu. Eu podia perceber que sentia. Éramos como

O que diziam sobre as mulheres e ao conhecer Herland: (GILMAN, 1981)		
TERRY	**VAN**	**JEFF**
Terry parecia considerar as mulheres bonitas apenas como um divertimento, não se dando ao trabalho de considerar as demais. Confesso que, por vezes, chegava a ser desagradável refletir em seus conceitos quanto ao belo sexo." (p. 30) "O sorriso de Terry era irrepreensível, mas não gostei da expressão dos olhos – davam a impressão de ser ele uma criatura prestes a saltar sobre a presa. Eu já podia imaginar o desfecho." (p. 39) "- Pelo amor de Deus, rapazes... Grandes Garotas! Desceram de uma árvore daquele jeito! E correrem assim! Sem medo de nada! Acho que este lugar me convém perfeitamente. Vamos em frente!" (p. 40) "Terry, pelo contrário, não demostrava ter a mínima consciência disso. Notei como seus olhos dadejavam rapidamente, indo de um lado para lado, avaliando números, calculando distâncias e sopesando as probabilidades de fuga." (p. 43)	não passaram disso – vocês verão." (p. 29) "Não eram jovens. Tampouco eram velhas. Nem eram bonitas, em um sentido puramente feminino. Também não pareciam ferozes. No entanto, quando meus olhos passaram por aqueles rostos de expressão tranquila, solene, circunspecta, absolutamente sem medo, segura e decidida, tive uma sensação curiosíssima – uma sensação antiga – uma sensação que fui buscar cada vez mais no fundo da memória, até conseguir captá-la. Era aquele senso de estar inapelavelmente errado, que tantas vezes experimentara nos tempos de garoto" (p. 43)	meninos, meninos de pouca idade, apanhados em flagrante, fazendo alguma traquinada, na residência de uma dama benevolente." (p. 43)

Van, ao relatar a chegada na terra das mulheres, expõe a sua própria ideia e aquela que a sua sociedade tem acerca da condição das mulheres, como a forma de se portar, se vestir: "Eram garotas, evidentemente. [...] mas ainda assim, no início ficamos em dúvida". Isso mostra o estranhamento daquilo que estavam vendo. "Vimos cabelos curtos, livres e brilhantes, em cabeças que não ostentavam chapéus. O traje era um tecido leve e incorporado, compondo algo o mais aproximado possível de uma túnica e calções até os joelhos, complementando-se a indumentária com uma espécie de bem cuidadas botas" (GILMAN, 1981, pp. 37-38). Nesse caso, as mulheres não aparecem como fêmeas, surgem despidas de vaidade, são pessoas de todas as espécies, enfim, são seres humanos. Trata-se de uma reflexão que recai sobre as relações humanas.

Gilman se utiliza, assim, do que Bakthin (1993, p. 74) chama de discursos impregnados de "vozes sociais". Tais vozes são denominas por esse autor de "plurilinguísmo social" que surge impregnado no romance. É a partir daí que o romance orquestra "todos os seus temas, todo o seu mundo objectal semântico, figurativo e expressivo".

Esse contato do leitor com a obra se dá por meio das personagens da história que são os agentes da ação, revelam-se como eixo em torno do qual gira a ação, no qual se organiza toda a narrativa. Vivem a história, as ações da narrativa.

Os estereótipos problematizados por Gilman são modelos de sistemas de representação limitantes, restringindo a discussão das questões teóricas e práticas à subjetividade. Em tal sentido, a utopia é um instrumento de denúncia dos desejos humanos, explícitos ou implícitos na individualidade e na coletividade; uma forma de resistência ao que está predeterminado, em prol da justiça para todos. Daí a associação corriqueira entre utopia e algo inatingível.

É possível reconhecer sinais de relações dialógicas e sociointeracionais na obra de Gilman (havia também uma estreita ligação entre a escritora e o socialismo) por meio da proposta de discussão política e econômica do papel da mulher na sociedade, bem como por meio dos vários diálogos entre os amigos desde a chegada a Herland. Recuperam-se no discurso de Van, Terry e Jeff falas institucionalizadas e naturalizadas em diferentes épocas, o que torna a obra um enfrentamento aos preconceitos e ao machismo de seu tempo. Sobre as múltiplas linguagens instrumentalizadas pelo escritor, Bakhtin afirma:

> O diálogo do romance enquanto forma composicional está indissoluvelmente ligado ao diálogo as linguagens que ecoa nos híbridos e no pano e fundo dialógico do romance. Por isso, o diálogo no romance é um diálogo de uma espécie particular. Antes de tudo, como já dissemos, ele não pode se esgotar nos diálogos pragmáticos e temáticos das personagens (BAKHTIN, 2003, p. 161).

Charlotte Perkins Gilman apresenta em *Herland* um projeto ficcional de humanização social baseado num conceito que se aproxima da androginia, ao descrever mulheres e homens libertos de hábitos socialmente instituídos, sejam ações, sejam vestuários ou quaisquer outras práticas que tenham como objetivo único diferenciar homens e mulheres, atribuindo valores diferenciados por meio de crenças.

Tal conceito, atribuído ao ser humano como uma "qualidade do indivíduo que apresenta características convencionalmente associadas a ambos os sexos; ambiguidade

sexual" mas que no texto de Gilman é apresentado com mulheres exercendo papéis considerados masculinos (poder de decisão sobre o todo) e os homens como meros expectadores (visitantes).

A obra possui um caráter metalinguístico que permite ao diálogo falar sobre o próprio diálogo, isto é, concede a importância da voz a todos, o que, sem dúvida, é uma forma de enfrentamento das desigualdades.

O próprio título da obra em inglês, *Herland*, "terra dela" em tradução literal, e o porta-voz da narrativa sendo um homem, fazem com que se entenda o mais complexo e simultaneamente simples modo de pensar, pois ao observar uma sociedade perfeita, surpreendem-se ao constatar na experiência, como homens, assumindo o sucesso de uma sociedade sustentável gerida somente por mulheres e 'de volta à terra deles' relatar o constatado, ou seja, a voz masculina sendo utilizada para dar credibilidade à ação de mulheres.

Em virtude dos problemas questionados pelo romance utópico, rever e divulgar valores sociais, como comenta Ghibaudi (1976), é uma das práticas da utopia como (re)ação ao que deve ser mudado socialmente, especialmente em observação ao tipo de militância política e social de Gilman, que utilizou o trabalho na revista e a literatura como forma de propagação e perpetuação de suas ideias humanistas e feministas, às vezes se confundindo com sua história pessoal.

Questionando o porquê de as mulheres terem um papel socialmente estabelecido, incluindo posturas comportamentais, deveres e subalternização a um poder masculino instituído, Gilman empresta voz a outras mulheres.

Quando, por exemplo, Van diz: "Terry, caso seus pontos de vista acerca das mulheres fossem considerados tão polidos quanto suas ideias, seria um homem [...] generoso, ousado e inteligente", ou ainda, quando Van afirma que não gostaria de ter Terry como cunhado, pois "Terry parecia considerar mulheres bonitas apenas como um divertimento", Gilman está propondo uma revisão dos valores e dos incômodos que não atendem a homens e a mulheres no que se refere à concepção do ser.

Na obra, outro elemento passível de análise é a luta pelos direitos das mulheres, que não exclui os homens da sociedade. A ideia de gestão social por homens e mulheres que não limitem ou restrinjam a contribuição um do outro é recorrente, assim como a desconstrução

do que conhecemos por gênero através de espectros meramente comportamentais compartilhados ao longo dos tempos.

E no próprio texto, um intercâmbio começa a se delinear, quando Gilman (1981):

> - Queremos que nos ensinem tudo quanto puderem prosseguiu Somel, com as mãos firmes enlaçadas à sua frente, em cima da mesa. Seus calmos olhos claros fixaram –se nos nossos, abertamente. Por outro lado, queremos ensinar-lhes tudo que seja novo e útil entre nós, Podem bem imaginar que constitui um maravilhoso evento termos homens aqui, junto a nós - depois de dois mil anos (GILMAN, 1981, p. 73).

Herland questiona o território sexista, a divisão da sociedade por gênero que não intercambia os interesses e princípios humanos. A obra apresenta ao leitor um espaço em que os indivíduos podem agir e coagir sem pressupostos restritos ao gênero. Na terra das mulheres, separar-se dos homens não é uma proposta para provar a tese de superioridade feminina em resposta à pseudo-superioridade masculina.

A separação entre mulheres e homens que deu origem à sociedade feminina de Herland é importante para o reconhecimento da necessidade de pacificar conflitos e dar voz a todos os humanos, independentemente do gênero.

A partir desta separação/distanciamento, reconhecemos o ser humano mulher, respeitamos suas habilidades – um confronto entre o que estava predeterminado como papel feminino e uma libertação de mulheres e homens para um convívio plenamente humano.

Formula-se a proposição de que a mulher não nasceu para ser necessariamente mãe e que o papel materno pode ser assumido por escolha e identificação, ao invés de imposição ao gênero, como podemos perceber em "Não é de estranhar que estejam confusos. Nós somos mães – todas nós – porém não há pais. Imaginamos que iriam fazer tal pergunta há muito tempo" (GILMAN, 1981, p. 72).

Gilman remete sua obra a um direito raramente atribuído à mulher, inclusive na sociedade contemporânea: a identidade própria e descolada de estereótipos, por meio da desmistificação do que cabe à mulher ou ao homem na construção e na manutenção social. Se somos humanos, a referida construção não tem gênero, mas pertence a todos, que, com liberdade e direitos iguais, podem tornar o mundo um ambiente melhor.

3.2 Vandyck: a voz do romance

Cada capítulo se fragmenta em diferentes acontecimentos, comentários, relatos a partir da ótica de um dos personagens, um sociólogo chamado Vandyck Jennings.

Van projeta em sua voz o interesse pelo universo feminino, trazendo à cena ainda as visões de dois amigos acerca das mulheres. Assim, os três amigos se lançam ante os obstáculos do desconhecido passando por aldeias, caminhadas por entre a floresta para encontrar a terra delas, Herland. Apesar de o contexto narratológico evidenciar alternância do ponto de vista das personagens e dos acontecimentos, o enredo se dá de maneira ordenada e direta, ou seja, as "cenas" ao mesmo tempo estão vinculadas com um único propósito: encontrar a sociedade composta somente por mulheres, escondida por entre penhascos.

Estruturado na sua sintaxe em enredo episódico, esse romance recai sobre uma série de cenas justapostas, unidas pela temporalidade. Para Barthes (1971, p. 27) em sua obra *Introdução à Análise Estrutural da Narrativa*, a funcionalidade e a significação na narrativa devem se relacionar com outros elementos, isto é, a cada novo acontecimento será impulsionado por uma motivação anterior.

No romance, o tempo da narrativa se diferencia do tempo da escrita. No universo fictício de *Herland* é no presente que o passado entra em cena: "Estávamos de pé sobre um pequeno ressalto, estreito, irregular e bastante inclinado. Não fosse aquela trepadeira, bastante espalhada e de espessa folhagem, algo semelhante à ampelopse, teríamos escorregado ignominiosamente [...]" (GILMAN, 1981, p. 63). Aqui, o narrador impõe suas palavras e suas expectativas como se fossem regra para a boa leitura: "De nada me adianta tentar rechear este relato com aventuras. Se quem o ler não estiver interessado naquelas incríveis mulheres e em sua história, não se interessará por coisa alguma" (GILMAN, 1981, p. 76). Trata-se de uma reflexão que se utiliza da metalinguagem acerca da construção da própria história.

Assim, Angélica Soares fala sobre a importância do romance na contemporaneidade, e apresenta o homem (todos os personagens vistos na história) como sendo o fator principal:

> O romance vem a ser a forma narrativa que, embora sem nenhuma relação genética com a epopeia (como nos demonstram as teses mais avançadas), a ela equivale nos tempos modernos. E, ao contrário da epopeia, como forma representativa do mundo burguês, volta-se para o homem como indivíduo. (SOARES, 2007, p. 43)

Pensando em cada personagem como individuo importante para o desenvolvimento da história, Gilman pôs cada personagem masculino com características peculiares que podem ser observadas nos homens da vida real: um é o intelectual liberal que tenta compreender o mundo feminino, compará-lo com o seu mundo e tentar assimilar o que há de melhor nos dois; o segundo é um homem ingênuo totalmente apaixonado pelas mulheres; e o terceiro é o típico machista e conquistador acostumado a ser servido pelas mulheres. Uma descrição mais minuciosa destes três personagens pode dar ao detalhamento que Gilman imprimiu ao seu texto e personagens:

> Vandyck Jennings - One of the three explorers who discover Herland, and the novel's narrator. A sociologist by training, Van is the "philosopher" of the group—the one who understands Herland most fully and critically—and the one who is most convinced that Herland has much to teach the outside world. Van has some difficulty adjusting to a society in which women are simply "people" and not a protected and constrained "weaker sex," but once he makes the shift, Van sees the revolutionary implications of such a change more deeply than do his friends.
>
> Jeff Margrave - One of the three explorers who discovers Herland. A doctor and a botanist, Jeff is also a southern gentleman, with refined, romantic notions of idealized femininity, notions that are strongly challenged by the athletic, independent women of Herland. Jeff falls in love with Celis and puzzles her with his insistence that he take care of her, rather than simply treat her as an equal partner. Jeff soon comes to prefer Herland to any country on Earth, though his appreciation of Herlandian culture is tinged with his generally unrealistic, idealized vision of womanhood.
>
> Terry Nicholson - One of the three explorers who discovers Herland. Terry is the driving force behind the expedition to Herland and the most forceful of the three friends. A classic male chauvinist, Terry fancies himself quite the ladies' man and prides himself on his knowledge of and control over the female mind. Convinced that women like to be "mastered" both emotionally and physically by men, Terry is completely flummoxed by the women of Herland, who don't need men at all. Terry is unable to relate to women as equals. [...] [28] (SIMONE, 2016).

[28] Vandyck Jennings - Um dos três exploradores que descobriram Herland e o narrador da novela. Um sociólogo de treinamento, Van é o "filósofo" do grupo - aquele que entende Herland de forma mais completa e crítica - e aquele que está mais convencido de que Herland tem muito para ensinar ao mundo exterior. Van tem alguma dificuldade em se adaptar a uma sociedade em que as mulheres são simplesmente "pessoas" e não o "sexo frágil" protegido e constrangido, já que são elas que fazem as grandes mudanças, Van vê as implicações revolucionárias de Herland mais profundamente do que seus amigos.
Jeff Margrave - Um dos três exploradores que descobre Herland. Médico e botânico, Jeff também é um cavalheiro do sul, com noções refinadas e românticas de feminilidade pré-idealizada, noções que são fortemente desafiadas pelas mulheres atléticas e independentes de Herland. Jeff se apaixona por Celis e a manipula com a insistência de que ele pode cuidar dela, em vez de simplesmente tratá-la como parceira e igual.

Assim, podemos notar que um dos principais focos da autora foi o de apresentar três perfis comuns de homens existentes na sociedade estadunidense da época e sua forma de agir em uma sociedade, organizada pelo sexo feminino. O livro também aborda os ideais políticos da época, as teorias econômicas e sociais, constatando que a autora usava suas obras como meio de expandir suas mensagens como líder feminista.

E aqui aproveitamos para descrever as principais personagens femininas:

> Alima - One of the three young women the men meet when they first arrive in Herland. Alima is attracted to Terry and eventually marries him. Terry and Alima have a stormy relationship, which ends badly when Terry tries (unsuccessfully) to force himself on Alima soon after their wedding. Like all the women of Herland, Alima is strong and self-confident and would never consent to an unequal relationship with a man.
>
> Celis - One of the three young women the men meet when they first arrive in Herland. Celis and Jeff are drawn to one another and later marry. Celis is mild-mannered and kind, but she is puzzled by Jeff's courtly insistence on treating her as if she were weaker than she actually is. In general, however, they are happy, and Celis becomes the mother of the first "fathered" child in Herland's 2,000-year history.
>
> Ellador - One of the three young women the men meet when they first arrive in Herland. Ellador is the most intellectually curious of the group. The relationship between Ellador and Van is the most successful of the three couples, as it is based on a close friendship and mutual respect. Ellador takes a great interest in the world beyond Herland, convinced that there must be good in the world of men, despite the testimony of Van and Jeff. When Van and Terry are forced to return home, Ellador agrees to accompany them, motivated by love of Van, curiosity about the world, and a desire to act as Herland's representative.
>
> Moadine - One of the older women who tutors the three men in the ways of Herland. Moadine is charged with guiding Terry, a difficult task she approaches with a great deal of patience. Terry is convinced that he has Moadine outsmarted, but Van sees that Moadine is humoring Terry as she would a small child, concealing her amusement at his conceited ways.
>
> Somel - One of the older women who tutors the three men in the ways of Herland. Somel is a wise and knowledgeable guide to the history and customs of Herland. As she teaches Van, Somel is also gathering information from him regarding his own society. Though Van often sugarcoats or omits the truth, Somel is able to cut through his obfuscation and build an accurate—and ugly—picture of the modern world.

Jeff logo vem preferir Herland a qualquer país da Terra, embora sua apreciação sobre a cultura Herlandiana esteja tingida com sua visão geralmente não-realista e de forma idealizada sobre a feminilidade.

Terry Nicholson - Um dos três exploradores que descobre Herland. Terry é a força motriz por trás da expedição para Herland e o mais forte dos três amigos. Machista clássico, Terry acredita ser o homem das senhoras e se orgulha de seu conhecimento e controle sobre a mente feminina. Convencido de que as mulheres gostam de ser "dominadas" emocional e fisicamente pelos homens, Terry torna-se completamente irritado pelas mulheres de Herland, que não precisam de homens. Terry é incapaz de se relacionar com as mulheres como iguais [...] – Tradução nossa.

> Zava - One of the older women who tutors the three men in the ways of Herland. Zava deals with Jeff in particular, and she reminds him of one of his aunts.[29]. (SPARKNOTES, 2018)

Esta obra, em que mulheres que vivem em uma sociedade isolada demonstram sinais de possuírem uma tecnologia avançada e uma organização política superior confronta-se com o conhecimento da sociedade até então por três homens que descobrem o lugar, sendo um deles o narrador-personagem, que discorre de forma positiva toda a sua experiência nessa terra, comparando-a ao lugar de onde veio, os Estados Unidos da América.

É importante evidenciar as questões a partir do foco da narrativa, em Vandyck, já que além de personagem é dele que parte a interpretação e narração da história.

A autora faz com que Van utilize a sua voz, a sua consciência histórica e social, que incide sobre a percepção masculina do universo feminino, do que é culturalmente aprendido e do que é biologicamente determinado, no comportamento macho-fêmea. O fato de um dos homens ter sido um dos escolhidos pela autora do romance, resultou numa narrativa do ponto de vista masculino sobre o que se passa em uma sociedade livre de homens. Articulando três personagens masculinos de personalidade pontualmente diferentes e com formações acadêmicas também distintas, Gilman apresenta Herland ao leitor por meio de uma memória

---

[29] Alima - Uma das três mulheres jovens que os homens conhecem quando recém chegaram em Herland. Alima é atraída por Terry e eventualmente se casa com ele. Terry e Alima têm um relacionamento tempestuoso, que acaba mal quando Terry tenta (sem sucesso) se forçar em Alima logo após o casamento. Como todas as mulheres de Herland, Alima é forte e autoconfiante e nunca consentiria com um relacionamento desigual com um homem.
Celis - Uma das três mulheres jovens que os homens conhecem quando recém chegaram em Herland. Celis e Jeff são atraídos um para o outro e depois se casam. Celis é gentil e amável, mas fica confusa com a insistência cortesana de Jeff em tratá-la como se ela estivesse mais fraca do que ela realmente é. Em geral, no entanto, eles são felizes, e Celis se torna a mãe do primeiro filho de "pai" na história de 2.000 anos de Herland.
Ellador - Uma das três jovens que os homens conhecem quando chegaram pela primeira vez em Herland. Ellador é a mais intelectualmente curiosa do grupo. A relação entre Ellador e Van é a melhor entre os três casais, pois se baseia em uma estreita amizade e respeito mútuo. Ellador tem um grande interesse no mundo além de Herland, convencida de que deve haver algo de bom no mundo dos homens, apesar do testemunho de Van e Jeff. Quando Van e Terry são forçados a voltar para casa, Ellador concorda em acompanhá-los, motivada pelo amor de Van, sua curiosidade sobre o mundo e o desejo de atuar como representante de Herland.
Moadine - Uma das mulheres mais velhas que tutela os três homens nos caminhos de Herland. Moadine é encarregada de orientar Terry, uma tarefa difícil que ela exerce com muita paciência. Terry está convencido de que ele tem Moadine na mãos, mas Van vê que Moadine vê o humor de Terry como ele fosse uma criança pequena, escondendo nesta diversão seus caminhos presunçosos.
Somel - Uma das mulheres mais velhas que tutela os três homens nos caminhos de Herland. Somel é uma guia sábia e experiente sobre a história e os costumes de Herland. Ao ensinar Van, Somel também está coletando informações sobre ele em relação à sua própria sociedade. Apesar de Van, muitas vezes, desviar do assunto ou omitir a verdade, Somel é capaz de cortar seu ofuscamento e construir uma imagem precisa e feia do mundo moderno.
Zava - Uma das mulheres mais velhas que tute os três homens nos caminhos de Herland. Zava lida com Jeff em particular, e ela lembra a uma de suas tias. – Tradução nossa.

de viagem, narrada por Van. Inicia-se, assim, uma trajetória para a problematização dos estereótipos acerca das mulheres. O romance utópico está intimamente ligado às reminiscências, e em *Herland* não é diferente.

Desse modo, o que se vê são três amigos, vivenciando as mesmas experiências de formas diferentes, num universo em que pululam o machismo, o sexismo e os preconceitos, tomados pela condição do universo masculino. Cria-se assim um universo outro, utópico, somente de mulheres.

Pode-se dizer que Gilman utiliza-se da técnica do narrador-protagonista, onde ele conta a história na primeira pessoa, traduzindo seus próprios sentimentos, percepções, perdendo a possibilidade de flexibilidade no seu ângulo de visão.

Na obra de Gilman, o protagonista narra o que ele pode ver, permite que o leitor consiga identificar desde o início do livro que a história é conduzida através de um personagem, o seu ponto de vista descreve, inclusive, como o romance foi escrito, destacando suas falhas e carências, já que não é escritor:

> Se pudesse ter trazido comigo todo o material coligido com tanto cuidado, esta seria uma história bem diferente. Foram livros inteiros cobertos de anotações, registros atentamente copiados, descrições em primeira mão, e as fotos, estas a perda maior. Algumas mostravam uma visão geral das cidades e parques, enquanto um bom lote exibia vistas maravilhosas de ruas e edificações, interna e externamente, bem como vários daqueles cativantes jardins e, o mais importante de tudo, também fotos das próprias mulheres.
> Ninguém acreditará, jamais em como elas pareciam. Uma descrição nunca é suficiente, no tocante a mulheres e, por outro lado, nunca fui dos melhores para descrever alguma coisa. Entretanto, de um modo ou de outro, as descrições terão de ser feitas, porque o resto do mundo precisa tomar conhecimento daquele país.
> Não mencionei onde se situava, por temer que missionários autodesignados, mercadores ou expansionistas cobiçosos em busca de terras se arrogassem o direito de invadi-lo. Posso dizer a eles que não seriam bem recebidos e que, caso descobrissem onde fica esse país, teriam uma sorte pior do que a nossa (GILMAN, 1981, p. 21).

Para tanto, pode-se dizer que as impressões do personagem são vivas e as impressões de vida têm inúmeras semelhanças com as de pessoas comuns, como nós, ao surgirem quando evocadas. Logo, a impressão de vida, que se impõe à personagem de qualquer obra literária, representa uma possibilidade de entender o ser humano, como, por exemplo, algo que acontece no cotidiano. No caso de *Herland,* os personagens recebem do narrador que, também, é um personagem, um caráter mais nítido do que a própria realidade costuma

sugerir, levando-os a situações mais significativas do que se costuma vivenciar. Para Rosenfeld:

> (...) os personagens têm maior coerência do que as pessoas reais (e mesmo quando incoerentes mostram pelo menos nisso coerência); maior exemplaridade (mesmo quando banais (...); maior significação; e, paradoxalmente, também maior riqueza – não por serem mais ricas do que as pessoas, e sim em virtude da concentração, seleção, densidade e estilização do contexto imaginário, que reúne os fios dispersos e esfarrapados da realidade (...) (ROSENFELD, 2005, p. 35).

Pode-se perceber que as personagens de Gilman, segundo Candido (2005, pp. 54-58), ganham vida na história. No romance, os personagens tornam-se ainda mais coerentes e delimitados em sua existência do que nós, o que não quer dizer menos profundos, pois seu universo está todo à mostra e foi construído pelo seu criador, como o tempo da própria narrativa, também, é o escritor quem o sugere.

Em *Herland* a história é contada por um narrador que pode a qualquer instante intervir na narrativa, isso quando em momentos deixa a narrativa para expor seu ponto de vista ou fatos e acontecimentos que expliquem melhor o que está acontecendo. Conforme Genette (1995), o explorador Van seria um narrador autodiegético. O prefixo "auto" significa próprio, ou por si mesmo, designa a situação narrativa em que "o narrador conta as próprias experiências como personagem" central da história. Ele não fala apenas de si, mas inclui outros na história. Van, detendo naturalmente focalização interna, pode conhecer, descrever e analisar tudo o que passa consigo, embora esteja limitado à focalização externa no que tange aos demais personagens. Como afirma Lanser,

> Ele ou ela só pode especular a partir de fora sobre outras mentes e assim tudo o que esse tipo de narrador limitado referir sobre outras personagens deve estar baseado no que o narrador pode logicamente observar, conjecturar ou escutar. (Cf. LANSER, (1981), *apud* REIS & LOPES, p. 261)

De tal restrição, a consciência de Van projeta características de forma superficial dos elementos diegéticos, essencialmente com suas fisionomias, hábitos, atos, ou seja, tudo o que é materialmente observável. O protagonista está investido de narrador, conduzindo a história através dos seus olhos, como a descrição feita dos amigos (GILMAN, 1981):

Construção dos personagens pelo narrador: lados opostos da mesma moeda (GILMAN, 1981).	
TERRY	**JEFF**
"Terry O. Nicholson (costumávamos trata-lo de Velho Nick e tínhamos bons motivos para isso)" (p. 21) "Terry tinha dinheiro de sobra para fazer o que bem lhe apetecesse, mas seu principal objetivo na vida era a exploração. Costumava fazer grande estardalhaço, protestando que, atualmente, nada mais restara para explorar, tudo se resumindo em uma colcha de retalhos, com furos a preencher. Pessoalmente ele preenchia várias qualificações – eram muitos os seus talentos – em mecânica e eletricidade. Terry possuía todos os tipos de embarcações e de carros, sendo ainda um de nossos melhores aviadores. Sem ele, jamais poderíamos ter feito aquilo." (p. 22) "O forte de Terry eram os fatos – geografia, meteorologia, coisas assim; Jeff poderia derrota-lo em biologia quando bem quisesse." (p. 22) "Notei que Terry apertara as mandíbulas. Não era lugar para homens? Perigoso? Por sua expressão, parecia bem capaz de subir a cascata, a fim de verificar por si mesmo." (p. 25) " Era um homem muito viril – talvez até um tanto exagerado – generoso, ousado e inteligente." (p. 30) "Terry possuía um belo tórax" (p. 38)	"Jeff Magrave nascera para ser poeta, botânico – ou ambas as coisas – mas seus pais o tinham convencido a ser médico, em vez disso. E, para alguém da sua idade, ele era um bom médico, embora concentrasse o interesse no que adorava chamar de "as maravilhas da ciência"." (p. 22) "- Ou anil – sugeriu Jeff, com seu sorriso preguiçoso." (p. 24) "Jeff era uma alma sensível. Devia imaginar o país – se houvesse algum – como um jardim de rosas, bebês, canários, tudo muito arrumadinho e enfeitado, etc.., etc." (p. 28) "embora não me considere um bom crítico de arte, como Jeff." (p. 42)

Nota-se que Terry é enfático, comunicativo, foi ele o primeiro a manifestar-se num diálogo com as garotas, tendo um desempenho "espetacular" (GILMAN, 1981, p. 38), enquanto Jeff fez uma "mesura, o mais graciosamente possível". Porém Terry é também autoritário, não aceita sugestões e reage com indignação quando não ouve o que espera ou deseja, representando assim os aspectos machistas e dominantes de uma sociedade patriarcal.

Jeff é mais evasivo, não tão confiante em seus discursos, representa as atitudes gentis e idealistas que muitas vezes acompanham e ajudam a justificar um sistema de desigualdade sexual.

Essa comparação também é reforçada pelas atitudes de ambas as personagens, como podemos observar nos termos e trechos usados pelo narrador.

Inúmeras vezes no romance o narrador reforça as distinções nas ações ou maneira de falar.	
TERRY	**JEFF**
"- Escutem aqui, amigos – disse ele. – A descoberta foi nossa e não vamos contar nada àqueles velhos e empertigados professores. Voltaremos com eles para casa e depois retornaremos – só nós – em uma pequena expedição por conta própria." (p. 22) "- Cortou Terry, carrancudo." (p. 28) "Terry rejeitou o plano bruscamente. – Tolice, rapazes!" (p. 31) "Recusou-se a ouvir a sugestão de Jeff" (p. 33) "- Não adianta - ofegou Terry" (p. 40) "De nada adiantava discutirmos e Terry recusou-se a admitir que agira erradamente." (p. 40) "-Não há homens, hem? – grunhiu Terry. (p. 41) "Terry discordou, replicando com ar superior:" (p. 42)	"- perguntou Jeff, em voz branda (p. 28)" "- Sempre gostei daquele provérbio árabe "Primeiro amarre seu camelo e então confie no Senhor" – murmurou Jeff" (p. 28) "- Garotas! – Sussurrou Jeff, de maneira quase inaudível." (p. 37) "Acho que não deveria ter feito aquilo, Terry – protestou Jeff." (p. 40)

Observamos também que a voz do narrador não se isenta de construir seu próprio perfil.

Como o narrador se descreve (GILMAN, 1981)
"Quanto a mim, diplomei-me em sociologia. Trata-se de uma matéria associada a um número variado de outras ciências, naturalmente, e eu me interesso por todas elas" (p. 22) "Quanto a mim, procurava adotar um meio termo, altamente científico, é claro, costumando argumentar de maneira erudita a respeito das limitações fisiológicas do sexo." (p. 30) "Compreendam, sou originário da Califórnia e lugar algum tem uma zona rural mais esplêndida." (p. 42)

E percebemos ainda que o narrador possui consciência dessa diferença entre as personagens, em alguns momentos seu discurso é claro e objetivo quanto às diferenças observadas e deixa de ficarem implícitas as distinções na maneira de pensar o "sexo frágil".

Van fazendo comparações entre eles:
"Nem preciso dizer que eu e Jeff pensávamos da mesma forma. Entretanto, durante toda a viagem, tivemos diferenças de opinião." (GILMAN, 1981, p. 27)
"- Partiremos do lago no avião, deixando a lancha como uma base para o retorno. - Se houver retorno – sugeri jovialmente. - Receia que as damas o devorem? – zoubou ele. - Não devemos ter tanta certeza sobre elas – disse Jeff, lentamente. - Se não quiser, não precisa ir – retrucou Terry, com secura." (GILMAN, 1981, p. 27)
"Em vista de nosso pouco conhecimento, chegavam a ser divertidas as nítidas ideias que expúnhamos, sobre como deveria ser um país só de mulheres. De nada adiantava nos convencermos ou dizermos que tudo aquilo era pura especulação ociosa. Estávamos ociosos e especulávamos, tanto na viagem através do oceano, como depois, subindo o rio." (GILMAN, 1981, p. 29)
"Então, nenhum de nós não é nem um pouco "avançado" no tocante à questão da mulher." (GILMAN, 1981, p. 30)
"As ideias de Jeff e Terry eram tão discordantes entre si que, às vezes, tudo quanto me competia era evitar que brigassem." (GILMAN, 1981, p. 30)
Após descrever Jeff como um excelente rapaz, o narrador pondera:
"Poder-se-ia dizer o mesmo de Terry, caso seus pontos de vista acerca das mulheres fossem considerados tão polidos quanto os seus ideais." (GILMAN, 1981, p. 30)
"Então, nenhum de nós não estava nem um pouco "avançado" no tocante à questão da mulher." (GILMAN, 1981, p. 30)
"Entretanto, éramos três homens jovens. Havíamos falado sobre aquele lugar por mais de ano, quase não acreditando que existisse e agora – estávamos nele! Parecia-nos uma terra suficientemente civilizada e, entre aqueles rostos que se voltaram para o alto, no meio da multidão, embora alguns demostrassem o terror que os possuía, notava-se grande beleza – e, nisso, todos nós éramos da mesma opinião." (GILMAN, 1981, p. 34)
"Jeff no entanto, parecia absorto em sonhos celestiais, enquanto Terry se concentrava em planos altamente práticos." (GILMAN, 1981, p. 41)
"Tais eram os nossos comentários porque, em verdade, jamais tínhamos visto uma cidade semelhante." (GILMAN, 1981, p. 42)

Nas palavras de Bakthin (1993, p. 54), “a personagem torna-se o elemento que mais se sobressai no enredo, também, com o contato mais direto do leitor”. Logo, a personagem deve projetar a ideia que faz de si e do mundo. No romance de Gilman, as personagens surgem a partir de outra personagem, mais especificamente da personagem narradora, ou ainda pela personagem que fala de si mesma, protagonizando assim a história.

No narrador-personagem, protagonista do romance de aventuras, é possível autoconhecer-se e comunicar-se? Aquilo que o personagem diz de si mesmo deve ser analisado como sendo ou não verdade. Van, formado em sociologia e interessado em um variado número de outras ciências, fala do surgimento da ideia para a expedição em busca da terra das mulheres e do que ele pensava acerca disso. Ele revela o que a expedição representava para os três amigos e como o seu interesse fora despertado também pelo relato dos guias durante a primeira expedição. Convém lembrar que cada um tinha seus interesses na exploração, como a voz de Van relata:

> Surgiu para nós três a oportunidade de nos juntarmos a uma expedição científica de grande porte. Como precisavam de um médico, isso foi o pretexto para o Jeff fechar o consultório recém-aberto. Também precisavam da experiência de Terry, de sua máquina e seu dinheiro. A influência de Terry conseguiu-me um lugar na expedição.
> [...]
> Meu interesse foi despertado, inicialmente, pela conversa entre nossos guias. Sou bom em idiomas, conheço uma boa porção deles e consigo aprendê-los com rapidez. Possuindo tais especificações e tendo conosco um intérprete excelente, em pouco consegui coligir variadas lendas e mitos do folclore daquelas tribos dispersas. (GILMAN, 1981, p. 22)

Essa passagem descrita por Van mostra que o narrador-personagem passa a falar não apenas sobre como se deu a ideia de se lançar à aventura de encontrar Herland, mas o que aquilo representou para ele. Põe em evidência o interesse de Van pelo desconhecido. Entretanto, esse desejo de exploração não é apenas dele, mas, também, dos amigos Terry e Jeff. Desse modo, quando se espera a manifestação de cada um acerca da expedição, o texto evidencia na voz de Van que, “estou aberto à possibilidade de descobertas científicas, inexploradas”. É o que diria cada um de seus amigos se lhes fossem permitidos relatar acerca da experiência vividas.

Quanto a Terry, é na fala do narrador que seu personagem flui. Novas vozes aparecem, das tutoras e das jovens com quem eles convivem, e com elas novas posições que confirmam

a construção do ponto de vista do narrador, que desde o início do livro é autodiegético, descrevendo o cenário e a atmosfera em que se constitui Terry. Vê-se então o que diz o narrador-personagem, através da focalização externa, descreve Terry como um animal, um predador de mulheres. De acordo com a percepção do narrador, Terry chega a agir de forma impulsiva e amoral usando toda a sua capacidade de sedução:

> O sorriso de Terry era irrepreensível, mas não gostei da expressão dos olhos - davam a impressão de ser ele uma criatura prestes a saltar sobre a presa. Eu já podia imaginar o desfecho – o cordão caindo, a mão que aferrava de repente, o grito agudo da jovem, quando ele a segurasse e puxasse em sua direção. (GILMAN, 1981, p. 39)

Entende-se que "aquele que faz com que o livro se escreva" (BLANCHOT, 1987, p. 193), ou seja, o narrador, causa até certo estranhamento, pois intervém assumindo o discurso ao relatar a visão de Terry acerca das mulheres.

Isso de certa forma torna-se contraditório, porque o narrador descreve estas mulheres com tal força que lhe causa euforia e confusão ao tentar compreendê-las. Já no primeiro contato Vandick narra que Terry apenas apanhou "o colar, sem qualquer resultado e quase perdendo equilíbrio quando a sua mão agarrou o ar" (GILMAN, 1981, p. 39), mostrando a força de vontade com certo limite de ação: "há uma postura firme da busca pela conquista das mulheres que deseja ainda que isso ocorra sem extrapolar um comportamento polido". É o que diria Terry se permitido lhe fosse.

A personagem Jeff surge por meio das palavras do narrador, percebe-se a comprovação dos dados relatados pelo narrador-personagem: "Jeff sentia o mesmo que eu, eu podia perceber que sentia. Éramos como meninos, meninos de pouca idade, apanhados em flagrante, fazendo alguma traquinada, na residência de uma dama benevolente" (GILMAN, 1981, p. 43).

Jeff, ao avistar aquelas moças, revela seu pensamento: "É tão certo cada uma já ter passado dos quarenta, como eu ser pescador". Em vista disso, o texto permite que se compreenda porque este é quieto: "um médico que, geralmente, mantém uma postura apática e distante demonstra ter personalidade forte e ser debochado". Uma análise do narrador, como se pudesse dar vida e tomar o controle da obra em que é personagem.

A expectativa dos rapazes de encontrar moças frágeis, dependentes e delicadas cria espaço a uma realidade bem diversa: pessoas fortes, organizadas e independentes. Os três

americanos representam tipos sociais masculinos distintos, mas cabe a Van provocar uma reflexão, ora individual, ora coletiva, entre as múltiplas vozes masculinas:

> Quanto a Terry, certamente acalentava visões ocultas de uma espécie de balneário celestial – apenas Garotas, Garotas e Garotas – onde se tornaria um... Bem, Terry era muito popular com as mulheres, mesmo existindo outros homens por perto. Assim, não era de estranhar que tivesse sonhos agradáveis, a respeito do que poderia suceder. Eu podia ler seus olhos enquanto contemplava os longos vagalhões azuis deslizando à nossa passagem e alisando seu elegante bigode (GILMAN, 1981, p. 28).

Durante a viagem, paulatinamente, Van revê seus conceitos e passa a interferir nas falas e nas ações dos companheiros Terry e Jeff. O contato com Herland faz com que o narrador mude comportamentalmente, oferecendo uma perspectiva humanista à obra.

A capacidade de observação de Van, por exemplo, é uma importante característica atribuída aos narradores, que, ao longo do romance, serve como norte para a ação das personagens e desenvolvimento da trama.

Em tal contexto, o compartilhamento de experiências por meio da voz de Van demanda a habilidade de saber contar. Não por acaso a narrativa é organizada em torno da viagem dos homens à Herland – "quem viaja tem muito que contar, diz o povo" (BENJAMIN, 1994, p. 198).

O orientador do grupo durante a viagem é Vandick. Ele observa as pessoas e os lugares; pondera, faz movimentos anafóricos e catafóricos que sustentam o modo de pensar e agir, frente às questões sobre o feminismo, em concordância com o pensamento de Gilman. Segundo a perspectiva de Benjamin (1994), o narrador é um homem que sabe dar conselhos, e isso ocorre em *Herland* sem explicações exaustivas para se justificar, o que está passa a fazer parte da dimensão artística da obra.

Gilman, na "voz" de seu narrador, destrói alguns comportamentos pré-concebidos para as mulheres, como o de a maternidade ser parte fundamental de sua existência, pois elas devem ser respeitadas por seu valor, na mesma proporção que os homens e o reconhecimento de que estão aptas a formar uma sociedade em que a presença masculina não seja necessária, com cada uma desempenhando um papel sem ter que atender a pressões sociais.

Existem momentos em que o narrador tem vergonha de dizer como é de fato na realidade vivida em seu país, como nesses trechos: "À medida que me enfronhava naqueles métodos e os comparava com os nossos, crescia rapidamente um estranho incômodo senso de humildade racial". (GILMAN, 1981, p. 136). "Admiti honestamente que, em nossa terra,

muita coisa merecia críticas, mas preferia só mencionar nossos defeitos, depois que elas nos compreendessem melhor - a nós e as nossas condições". (GILMAN, 1981, p. 98)

Esse movimento que busca a expansão dos direitos políticos e sociais das mulheres na sociedade, promovendo a igualdade entre os gêneros foi e ainda é um movimento recorrente na literatura, e a função desempenhada pelo narrador deste romance é fundamental para a compreensão dessas utopias. Em *Herland*, ao longo da narrativa, Van sente imensa dificuldade em descrever como são as mulheres na sociedade em que vive, a representação feminina que busca direito à voz em contraponto com uma sociedade organizada essencialmente feminina em que o narrador observa perfeição.

Ao contar, Van não impõe ao leitor uma ideologia pronta, ele não fala quem é a personagem com quem dialoga, apenas conta o que ela disse ou fez. O narrador se dedica a contar os fatos sem explicações, mas contribui com o olhar atento, com o ritmo, com a forma de quem relata a história.

A voz de Van, que parece estar a serviço do pensamento e atitude de Gilman, é uma tessitura que relaciona outras vozes da sociedade em torno da causa. Durante a viagem, Van interage com outras formas de vida. Longe de seu país de origem, ele distancia-se também das convenções sociais, ouve e vê o *outro* no ato de viver. A sua formação em sociologia é um artifício que o permite relacionar a teoria à prática. Isso gera um fenômeno que Bakhtin define como "orquestração das intenções do autor":

> O plurilinguismo, desta forma, por assim dizer, em pessoa, e se materializa nele na figura das pessoas que falam, ou então, servindo como um fundo ao diálogo, determina a ressonância especial, o discurso direto do romance (BAKHTIN, 2003, p. 134)

A abordagem sobre o comportamento de Terry na viagem é parte do que se discute ao longo da obra: a visão sobre a mulher, a naturalização dos lugares sociais conforme os gêneros e a consequente forma de agir com pessoas de acordo com motivações masculinas ou femininas. Van nos prepara para as surpresas não identificadas anteriormente por Terry*:*

> – Oh, isso! As mulheres sempre foram fiandeiras, mas não passaram disso… vocês verão. Pilheriamos com Terry, sobre sua modesta impressão que seria calorosamente acolhido, mas ele continuou firme. – Vocês vão ver – insistia. – Ficarei unido com todas elas – mas jogarei um grupo contra outro (GILMAN, 1981, p. 29).

A tentativa dos amigos de desbravar Herland, subestimando a organização das habitantes por meio de táticas, como no episódio em que Terry tenta persuadir uma das mulheres oferecendo-lhe um colar, obriga os desbravadores a iniciar um processo de reavaliação das mulheres. Para Ribeiro (2006, p.139), "A utopia como gênero literário se caracteriza por seu vínculo intrínseco com a história. Daí resulta a descrição, motivada pela experiência histórica, de uma alteridade social, política, econômica e religiosa." E Prévost (2015, p. 11), ao analisar a utopia como gênero literário, afirma que "A inspiração que atravessa a obra e a eleva, a amplitude profética das perspectivas abertas por ela, a agudeza da visão e as ressonâncias afetivas que ela suscita lhe conferem, na literatura universal, uma posição única".

Nesse sentido, especialmente Van vai abrindo mão dos conceitos e preconceitos instituídos sobre identidade em favor de uma nova leitura das relações humanas. Assim, ao longo da obra, o essencialismo (ser) e o construcionismo (construir, quando os viajantes vão aprendendo sobre Herland detalhadamente, por meio de aulas e leituras instruídas por suas tutoras Somel, Zava e Moadine, que também vão aprendendo com os viajantes no convívio, juntamente com Ellador, Celis e Alima) dialogam em diferentes momentos.

Os direitos humanos, um dos temas centrais da obra, aproxima os gêneros e os reconhece como representação de pessoas com particularidades biológicas, mas sem atribuição de valores ou vantagens restritas ao sexo ou à sexualidade. Assim, Gilman defende que os homens e as mulheres devem ser livres para viverem, juntos, uma relação baseada em igualdade. Van narra essa intervenção materializada ficcionalmente. Logo, tem-se um narrador masculino capaz de absorver as vozes e os desejos femininos:

> Não é possível representar adequadamente o mundo ideológico de outrem sem lhe dar sua própria ressonância, sem descobrir suas palavras. Já que só essas palavras podem realmente ser adequadas à representação do mundo original, ainda que estejam confundidas com as palavras do autor (BAKHTIN, 2003, p. 137)

Em suma, oriundos de uma cultura ainda tão restrita e dominada pelo medo de perder o domínio masculino, pensar na possibilidade de uma restauração da sociedade, iniciando uma nova era habitada apenas por fêmeas, causaria um incômodo silencioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento de concluir, torna-se também pertinente retomar à introdução, no sentido de recuperar o princípio da definição de utopia como um instrumento de crítica social e assim, podermos afirmar pelos escritos de Charlotte Perkins Gilman que ela não sonhava com um mundo só de mulheres e por esse motivo fantasioso. Gilman almejava e projetava uma sociedade em que as mulheres fossem ativas no papel socioeconômico de uma sociedade.

Gilman foi além, construiu uma crítica com um leve tom de ironia sobre o que acreditava ser um mundo possível, longe de uma sociedade machista e patriarcal, questionando o entendimento do papel que a mulher ocidental reclama para si na sociedade contemporânea, sua contribuição para o progresso social e ainda a proposta de uma reformulação de ambas, cujo resultado prático consistiria, em última instância, na formulação de um novo conceito de sociedade.

Assim, tomando como ponto de partida para esta reflexão importante proposta por Gilman exploramos o romance *Herland*, que ainda que escrito e publicado em capítulos em 1915, fora publicado como livro apenas em 1979 pode-se afirmar que tem uma abordagem bastante diferente, mas revolucionária para um romance escrito há mais de um século e seria possível que não se percebesse que a data de publicação fosse tão antiga quando lido nos dias de hoje.

Não só pela narrativa, que é engenhosa, mas sobretudo pelas ideias originais e avançadas para a época, onde o contraste de uma sociedade exclusivamente feminina permite vislumbrar pessoas e não gêneros, sem condescendências ou agressividades.

Gilman vê-se como um agente de mudança para uma vida social melhor para as mulheres, especialmente a sociedade em geral. Além disso, a autora também se considera humanista (LANE in GILMAN, 1981, p. 7). De acordo com Lane, Gilman frequentemente afirma que,

> "O fato mais importante sobre os sexos, homens e mulheres, é a humanidade comum que compartilhamos ... Mas as mulheres são negadas a autonomia ... Os homens, também, sofrem de personalidades distorcidas por seus hábitos de domínio e poder. Um organismo social saudável para homens e mulheres, portanto, exige a autonomia das mulheres "

Ao que propôs esta pesquisa, realizar uma análise no foco narrativo no romance *Herland*, podemos assim concluir que pela narração de Vandyck, ele e seus amigos representam diferentes estereótipos masculinos de uma sociedade. Observados já no início, pelo modo que para cada um dos exploradores define a figura da mulher, levantando representações e necessidade diferente em relação ao sexo oposto.

A representação do machista Terry, que mesmo após toda a experiência de conviver em Herland não muda seu modo de pensar o sexo oposto. Jeff, como o eterno romântico, atenua sua admiração pelo sexo oposto ao ponto de não deixar Herland para voltar ao seu país, aceita, admira e usufrui de uma sociedade feminina. E o narrador, Vandyck, que é a personagem mais interessada nos feitos da terra delas, o tempo todo mostra-se disponível e curioso para compreender todo a construção daquela comunidade. Ainda que inicialmente apresenta-se incrédulo com o que se depara, Van recebe as influências das tradições e costumes daquela terra.

Logo Vandyck, como afirma Oliveira (2000, p. 87) "crítica os valores da sociedade americana, personificados na suas próprias atitudes e nas de Terry e Jeff". Expondo que chegava a ser ridículo presenciar as expectativas no tocante de que nenhum deles eram entendido sobre o assunto mulher logo no início do romance.

O narrador assim vai descrevendo e justificando cada ação que os surpreendem, como a surpresa com um país habitado por mulheres ser civilizado, a surpresa de mulheres pacíficas como as vacas, assim sugerido por Terry. Além de pacíficas, a surpresa dos eficientes edifícios, da sustentabilidade, cortes de cabelo que fugiam os padrões, roupas iguais, bom condicionamento físico.

Enquanto o narrador acaba por vangloriar o comportamento feminino e todas as características do local, chega a ironizar alguns comportamentos deles em relação ao modo como subestimaram aquelas mulheres e a sociedade, ficando aborrecidos e até envergonhados quando confrontados com a realidade do seu país. Incisivamente sobre o comportamento de Terry, com o seu excesso de masculinidade, galanteando as mulheres com os possíveis comportamentos aqui julgado por ele bem aceito pelas mulheres, isso incluíra até mesmo, levar joias para conquistá-las, ou ainda, seu comportamento agressivo quando as mulheres menosprezam as atitudes sedutoras que julgara que jamais falharia.

Para Terry, constatar que aquelas mulheres não eram como as com estava acostumado a conviver, gerava revolta, principalmente quando as tutoras, por várias vezes, colocavam

os personagens em situações que os obrigavam, ainda que de forma inconsciente, a admitirem as incoerências do modo como viam a figura feminina na terra deles, no nosso mundo.

Van, ao contar a história da formação de Herland, explora a ideia de que neste país utópico existe uma irmandade, característica do local, que desde o início elas lutaram juntas e o objetivo é zelar pelos interesses de todos os seus membros que estão ali sem distinção de quem é ou da função que ocupam. Por isso, a educação igualitária e voltada para os valores humanos de uma sociedade, isto desde o nascimento, como um ciclo, que começa desde a preparação para gerar as crianças até a educação sendo uma responsabilidade de todos.

Esse olhar que Gilman emprega em Vandyck, passível a compreender que todos os seres humanos são capazes de contribuir ativamente para na sociedade, são capazes de desenvolverem-se durante a vida, adotando novas ideias e atitudes favorece ao tão almejado mundo melhor que indaga em *Woman and economics*.

Por todos esses fatores, *Herland* se destina a uma crítica social e, como teórica sociológica, Gilman vê-se como este agente de mudança utilizando seu talento como escritora para projetar um mundo melhor. Como outros intelectuais na virada do século 20, Gilman lutou para teorizar sua visão social, ao mesmo tempo em que concentrou grandes esforços para promover sua visão em um pacote atraente para as massas. Ao se distanciar conscientemente dos intelectuais de seu tempo, ela criou suas obras como esforços para transformar a sociedade.

Nesta utopia, Charlotte Perkins Gilman prova que um país povoado só pelo sexo feminino seria tão cuidado, organizado e civilizado como um país gerido pelos homens, mostrando que o subdesenvolvimento da mulher da sociedade patriarcal resulta da imposição de valores androcêntricos, socialmente construídos e não naturais. De fato, Herland é um espaço de revelação de um mundo de possibilidades para as mulheres, não pretendendo, contudo, separar os sexos ou enfatizar a supremacia de um sobre o outro.

Não há, por conseguinte, a apologia de uma sociedade matriarcal em detrimento da sociedade patriarcal, mas a manifestação da necessidade de uma mudança nas mulheres e nos homens, facultada por um processo de descoberta, decorrente, por exemplo, destas leituras.

O romance propõe um novo olhar sobre o papel da mulher na sociedade quando juntos, os três exploradores descobrem Herland, uma sociedade de mulheres que desenvolveram sua

própria indústria, educação e direito. As mulheres também se apropriaram dos afazeres, da religião, maternidade, assistência à infância e todas as outras funções necessárias para o convívio de uma sociedade equilibrada – tudo sem a presença de qualquer homem – para se adequar à sua existência. Isso obriga os três homens a reexaminar sua visão da sociedade, o papel dos homens e das mulheres e a ideia de "progresso".

Escrever os temas aqui estudados durante o final dos anos 1800 e início de 1900, prova que Gilman esteve sempre e inegavelmente à frente de seu tempo. Atualmente, algumas de suas visões sociais utópicas em relação às mulheres tornaram-se realidade social para muitas das sociedades. A projeção de Gilman de imagens demasiadamente ousadas através das mulheres de Herland oferece alternativas aos papéis e modos de pensamento androcêntricos tradicionais. Ela ilustra como as mulheres foram forçadas a assumir papéis restritivos na sociedade – ficar em casa, proibidas de serem trabalhadoras ou buscar conhecimento. Através do romance *Herland*, Gilman também denuncia a divisão não natural de papéis de acordo com a visão androcêntrica onde acredita-se que a fêmea é caracteristicamente mais fina e fraca, necessitando assim de proteção masculina.

Em resumo, o romance de Gilman, *Herland*, projeta modelos e possibilidades sociais alternativas para mulheres e homens em uma sociedade em necessária transformação. Como afirma Lane (1979), "em sua utopia, Charlotte Perkins Gilman transforma o mundo privado de mãe e filho, isolado no lar individual, em uma comunidade de mães e crianças em um mundo socializado ... no interesse de todos nós", ou seja, Gilman expande a importância do feminino, como a maternidade e a assistência à infância, do domínio doméstico a um significado societário maior, sem cair na opinião simplista de que apenas as mulheres são oprimidas.

A autora formula a proposição de que a mulher não nasceu para ser necessariamente mãe e que o papel materno pode ser assumido por escolha e identificação em prol de uma nação, ao invés de imposição ao gênero, como podemos perceber no seguinte trecho:

> Desde aquela primeira raça de mães, reverentemente defendida e semi-adorada, subindo pela linha de ascendência, elas haviam mantido o pensamento dominante de construírem uma grande raça, através de suas crianças.
> Toda a dedicação incondicional de nossas mulheres às respectivas famílias, entre aquelas mulheres, era voltada para seu país e suas raças. Toda a lealdade e cuidados que os homens esperam das esposas, elas ofereciam, não individualmente a homens, mas coletivamente, umas às outras.

> E o instinto materno, entre nós tão dolorosamente intenso, tão minimizado pelas circunstancias, tão concentrado na dedicação pessoal a uns poucos, tão amargamente ferido pela morte, doença ou esterilidade, inclusive pelo crescimento dos filhos, deixando a mãe sozinha no ninho vazio – todos estes sentimentos entre elas fluíam em uma caldosa e vasta corrente, inquebrantável através das gerações, aprofundando-se e alargando-se no decorrer dos anos, incluindo cada criança em toda a terra. (GILMAN, 1981, p. 127).

Atenta-se pelo modo como o narrador explora o zelo de toda a comunidade com as garotas que nasciam de algumas mães, pelo processo de partenogênese, elas as cuidavam e educavam pensando em toda a nação. Na busca por melhorar a condição de vida de todas, elas descobriram e resolveram todos os problemas de saúde e educação que as crianças enfrentavam desde o nascimento, de tal maneira que "elas cresciam tão naturalmente, como árvores novas" (GILMAN, 1981, p. 127).

Para os viajantes, ao pensar na realidade vivida na América, é comum compreender que todas as mulheres possuem o desejo de ser mãe, além do que está entre as principais funções das mulheres na sociedade, cuidar e nutrir a vida, reproduzir. Ir além ainda é afirmar que a maternidade faz parte da realização pessoal da mulher na sociedade dos três amigos exploradores. Se levarmos em consideração essa função destacada na obra, podemos observar que o conceito de maternidade em *Herland* é utópico, pois todas as mulheres são capazes de ser mães, mas nem todas serão. Pela necessidade de controlar a população, a maternidade é direito de poucas mulheres, as filhas concedidas são de todas e todas assim as consideram. As mães escolhidas, são as mulheres mais preparadas, assim como Somel tenta explicar a Van:

> - Você nos falou sobre seus dentistas – disse finalmente -, aquelas pessoas altamente especializadas, que levam a vida tapando pequenos buracos nos dentes das outras pessoas – por vezes, até mesmo nos dentes de crianças.
> - Realmente – falei, ainda sem entender.
> - Entre vocês, o amor materno não impele as mães a, elas mesmas, taparem os buracos nos dentes de seus filhos? Ou a querer tapá-los?
> - Ora, é claro que não! – protestei. – Trata-se de um trabalho especializado. Entretanto, o cuidado com os bebês está ao alcance de qualquer mulher – de qualquer mãe!
> - Temos outra opinião – replicou ela, delicadamente. – Entre nós, o posto é ocupado por aquelas de maior competência e uma grande maioria de jovens candidatam-se ansiosamente a ele. Posso lhe garantir que contamos com os melhores elementos.
> - E, enquanto isso, a pobre mãe... afastada de seu bebê...
> - Oh, não! – apressou-se ela a tranquilizar-me. – Não é afastada em absoluto! Ele continua sendo o seu bebê – continua com ela -, a mãe não o

> perde. Entretanto, não será a única a cuidar da criança. Outras pessoas assumem também esse encargo, e a mãe sabe que elas são mais entendidas. Reconhece isso, porque estudou, praticou como essas especialistas, avalia sua real superioridade. Por amor ao bebê, é feliz em ter para ele o melhor tratamento disponível. (GILMAN, 1981, pp. 113-4)

Por este trecho podemos entender perfeitamente como a autora repensa o processo de criação de um filho, ainda mais se levarmos em consideração que Gilman teve sérios problemas de adaptação à maternidade, numa época em que foi julgada pela sociedade por ter abandonado sua filha ainda recém-nascida quando lhe recomendado repouso absoluto da mente. Muitas mulheres não adaptam aos filhos, a vida do lar e ao que a sociedade impõe, como foi o caso de Gilman.

A atribuição de um caráter utópico à ficção, entendida como ilustração da teoria mais próxima da realidade da mulher de hoje, esteve subjacente à definição de utopia de Ruth Levitas:

> Utopia is about how we would live and what kind of world we would live in if we could do just that...sometimes utopia embodies more than na image of what the good life would be and becomes a claim about what it could and should be; the wish that things might be otherwise becomes a conviction that it does not have to be like this. Utopia is then not just a dream to be enjoyed, but a vision to be pursued[30]. (LEVITAS, 1990, p. 1)

A ideia central de que a utopia oferece a promessa de uma sociedade melhor ou de estruturas sociais melhores que contrastam com a sociedade do autor tornou-se um fio condutor deste trabalho, na medida em que facilmente se operou a transposição desse princípio para os universos textuais em que não se verificava, tal como em *Herland*, a visão de um lugar aprazível, mas antes a enunciação de um conjunto de propostas conducentes à criação de tais lugares, num esquema estrutural fundado num processo de crítica e proposta alternativa ao universo criticado. Esta estrutura traduziu-se tematicamente numa vertente enunciadora da condição inferiorizada da mulher na sociedade e da necessidade de garantir a sua dignificação social. O que é realmente importante concluir:

[30] Utopia é sobre como viveríamos e em que tipo de mundo viveríamos se pudéssemos fazer exatamente isso ... às vezes a utopia incorpora mais do que a imagem original da vida como sendo boa e se torna uma reivindicação sobre o que poderia e deveria ser; o desejo de que as coisas possam ser de outra forma se tornam convicções de que não precisa ser assim. Utopia não é apenas um sonho para ser apreciado, mas uma visão a ser empreendida.. – Tradução nossa.

- A obra é uma utopia por fazer uma crítica quanto ao momento histórico, materializando-se numa recusa da incoerência do papel da mulher na sociedade.
- O narrador constrói seus personagens estabelecendo características opostas numa representação de dois perfis do sexo masculino, Terry, o machista, autoritário e Jeff um homem de alma sensível e romântica. Van induz que nenhum dos dois perfis sejam o correto, um por ser patriarca demais e outro por idolatrar a figura feminina como divina e sensível.

Concluímos então que a utopia *Herland* vai muito além de um romance que mostra uma sociedade onde as mulheres foram os agentes formadores como crítica a uma sociedade machista e patriarcal. Como Ghibaudi nos afirma sobre a importância de que para valorizar o estudo de qualquer utopia se faz necessário investigar o autor para uma melhor compreensão do projeto que se propõe a obra utópica.

Observamos que *Herland* é a ficção da teoria que encontramos no livro *Woman and Economics*, sendo dito e contado na voz de um homem, sociólogo, com um olhar aberto para novas ideias na sociedade, capaz de compreender, entender e aprender com toda a situação vivida. Gilman faz-se ouvir, quando identificamos os princípios socioeconômicos veiculados em *Women and Economics,* propondo uma mudança cultural na identidade da mulher, demonstrando sua consciência social.

O fato de fazer-se ouvida na voz de um narrador masculino, nos traz a possibilidade de compreender que ela busca atentar-se para o fato de que o sucesso desta sociedade não está no fato de ser formada apenas por mulheres, mas sim por ser construída sem estereótipos e imposições já existentes numa sociedade. O fato de Vandyck e as tutoras valorizarem o que de bom acontece em cada local também nos leva a afirmar isso.

Pela voz de Van, em seus relatos das descobertas da viagem, tomamos consciência que ele muda a sua opinião ao que o texto evolui, justo por ser aberto a compreender que o mundo pode ser melhor se assim buscarmos. Ao constatar o sucesso da sociedade feminina,

Convicta de que as mulheres são elementos fundamentais no progresso social, a autora idealiza uma sociedade organizada por elementos do sexo feminino e demonstra que a suposta inferioridade das mulheres não lhes é inata, mas antes inculcada por uma cultura androcêntrica.

Em 1915, *Herland* surgia como o país utópico no qual as mulheres eram seres humanos libertas das restrições impostas pela relação de gênero, a mulher pode desempenhar as suas funções de forma mais eficaz, participar em qualquer esfera, sem delimitações e usufruir de uma educação sem proibições ou regras impostas.

Logo, *Herland* é também a 'recusa da incoerência' que Dubois (2009) defende, mesmo na construção desse outro mundo pela autora, que usa traços de ironia em uma realidade em que o narrador é personagem e o universo feminino é descrito na visão masculina. Assim, Charlotte Perkins Gilman usa a utopia como ferramenta de desnaturalização de preconceitos, de construções sociais injustas, como afirma Prévost, quando mesmo sendo feminista, ela tenha utilizado a voz masculina na narração para ser ouvida.

Na terra delas, Charlotte faz com que a voz masculina narre o sucesso de uma sociedade perfeita: uma viagem pelo feminismo utópico que perdura até a atualidade.

REFERÊNCIAS

A COUNTRY WITHOUT MEN: HERLAND BY CHARLOTTE PERKINS GILMAN (1915). 2017. Disponível em: <https://fantasiesofpossibility.wordpress.com/category/charlotte-perkins-gilman/>. Acesso em: 02 fev. 2018.

ALAVARCE, Camila da Silva. **O humor é, assim, um processo de defesa que impede a eclosão do desprazer:** Um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso. São Paulo: Unesp, 2009. 208 p.

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no brasil e o protagonismo social das mulheres. In: SEMINÁRIO CETROS, p. 113 – 121. Fortaleza: Uece, 2013.

BAKHTIN, M.. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. A pessoa que fala no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: GREIMAS, A. J.; BREMOND, Claude et al. **Análise estrutural da narrativa**. Trad.: Maria Zélia B. Pinto. Petrópolis: Vozes, 1971.

BENJAMIN, W. O narrador**. In:___ BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política*:*** ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7 edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; vol. 1).

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad.: Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 193.

BRANDÃO, J. S. **Dicionário mítico etimológico da mitologia e da religião grega.** Petrópolis: Vozes, 1991. v. 1.

_____. **Mitologia grega.** Petrópolis: Vozes, 2009. v. 2.

CANDIDO, Antônio. "A Personagem no Romance". In: **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005, pp. 54-58.

CANE, Aleta; Susan, Alves (2005). *The Only Efficient Instrument:Women & The Periodical*. University of Iowa Press. p. 95.

CATT, Carrie Chapman. In: *Women's studies encyclopedia*. Edited by Helen Tierney. 1999.

CLAYES, Gregory. **Utopia: a história de uma ideia** / Gregory Clayes; tradução de Pedro Barros. – São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

CUNHA, Maria Carneiro da. **O feminismo entre a ideologia e a utopia.** Disponível em Acesso em 28 de Junho de 2016.

DE SIMONE, Deborah M. Charlotte Perkins Gilman and the feminization of Education. *WILLA*, Volume IV, 13-17. 1995. Disponível em https://scholar.lib.vt.edu/ejournals/old-WILLA/fall95/DeSimone.html. Acessado em 20 de outubro de 2017.

DEEGAN, Mary Jo. With an introduction by Mary Jo Deegan. In: **With her in Ourland: sequel to Herland.** Gilman, Charlotte Perkins. 1997.

DELEUZE, Gilles. Conversações. Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. ***Writing and difference*.** Chicago: The University Chicago Press, 1978, p. 30.

DUBOIS, Claude-Gilbert. **Problemas da utopia**. Tradução de Ana Cláudia Romano Ribeiro. Campinas: UNICAMP – IEL – Setor de Publicações, 2009. (Coleção Work in Progress)

ELLIOTT, Robert C. *The Shape of Utopia - Studies in a Literary Genre*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.

FAJARDO, Geraldo Andrés Godoy. **O mito das Amazonas.** HISPANISTA – Vol. XVI – n. 60 Revista electrónica de los Hispanistas de Brasil – Fundada en abril de 2000 ISSN 1676 – 9058 (español) ISSN 1676 – 904X (portugués) Jan, – Mar., 2015.

FARIA, Ricardo de Moura. **UTOPIAS DO SÉCULO XX.** Belo Horizonte: Edição do Autor, 2013. 150 p.

FILIPOVIC, Jill. **Justice Ginsburg's distant dream of an all-female supreme court**. Disponível em: https://www.theguardian.com/commentisfree/2012/nov/30/justice-ginsburg-all-female-supreme-court. Acesso em 14 de Janeiro de 2018.

FIRPO, Luigi. **Para uma definição da "Utopia".** Tradução de Carlos Eduardo O. Berriel. In: Revista Morus: Renascimento e Utopia. 2005, Nº 2.

FRYE, Northrop. "Variety of Literary Utopias". *Daedalus*, Vol. 94, nº 2, 1965.

GAGNON, Amy. **Charlotte Perkins Gilman.** Disponível em: <https://connecticuthistory.org/charlotte-perkins-gilman/>. Acesso em: 02 fev. 2018.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa.** 3.ed. Lisboa: Veja, 1995.

GHIBAUDI, Silvia Rota. **Métodos de análise da utopia: observações críticas (1976).** Tradução de Carlos Eduardo O. Berriel e Helvio Moraes. In: Revista MORUS – Utopia e Renascimento. v.11, n.1, 2016.

GILMAN, Charlotte Perkins. **Herland, A Terra das Mulheres.** Tradução de L. Ibañez. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1981.

_____. **Woman and Economics**. Small, Maynard & Co., Boston, 1898.

GOMES, Miguel Ramalhete, "Uma História Natural da Utopia: O Caso das Cidades Obscuras", E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia, n.º 12 (2011). ISSN 1645-958X. Acesso em: 02.02.2018

GYORY, Madeleine. **Herland, Charlotte Perkins Gilman.** 2017. Disponível em: <https://ecuabookblog.wordpress.com/2011/09/27/herland-charlotte-perkins-gilman/>. Acesso em: 02 fev. 2018.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HERLAND. Capa Original. Disponível em: <http://file770.com/wp-content/uploads/Gilman-Herland.jpg>. Acesso em: 02 fev. 2018.

HERLAND BY CHARLOTTE PERKINS GILMAN: Exploring Feminisms. Exploring Feminisms. 2013. Disponível em: <https://exploringfeminisms.com/2011/07/13/herland-by-charlotte-perkins-gilman/>. Acesso em: 02 fev. 2018.

JOHNSON, Kristin M.. **Oversimplified men: a striking comparison to society in the 21st century.** 2009. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de Arts In History, History, Western Oregon University, Monmouth, 2009.

KROMPINGER, Tara. **How the Socialist Ideology in Charlotte Perkins Gilman's Herland and With Her in Ourland Obscures th.** 2004. 67 f. Dissertação - Curso de Arts In English, Department Of English, Central Connecticut State University, New Britain, 2004.

LAGACÉ, Sophie. **Men are from Mars, Women are from Herland.** 2013. Disponível em: <https://mechanteanemone.wordpress.com/2013/03/21/men-are-from-mars-women-are-from-herland/>. Acesso em: 02 fev. 2018.

LANSER, S. S. (1981). ***The Narrative Act: Point of view in Prose Fiction***. Princeton, NJ: Princeton University Press.

LEVITAS, Ruth. The Concept of Utopia.1990. Disponível em https://books.google.com.br/books. Acessado em 12 de outubro de 2017.

MOLINA, Anelise Wesolowski. Androginia, história e mito: a fluidez de gênero e suas recorrências. In: mundo de mulheres & fazendo gênero, 13., 2017, Florianópolis. **Transformações, Conexões, Deslocamentos.** Florianópolis: Ufsc, 2017. p. 1 - 12.

NASCIMENTO, Simone Maria Barbosa Nery. A ironia como estratégia argumentativa em texto de crítica política da internet. **Entretextos**, Londrina, v. 10, n. 1, p.8-33, jun. 2010. Semestral.

OLIVEIRA, Ana Cristina Amaral. **Masculino e feminino: uma dualidade obrigatória?** Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. 2000.

PRÉVOST, André. A utopia: o gênero literário. **Morus**: – Utopia e Renascimento, Campinas, v. 1, n. 10, p.437-447, nov. 2015. Tradução: Ana Cláudia Romano Ribeiro.

RACAULT, Jean-Michel. "As utopias clássicas e a natureza humana" In: **Revista Morus – Utopia e Renascimento**, núm. 06 (Anais do II Congresso Internacional de Estudos Utópicos). Campinas: Unicamp, 2009.

RANEY, Katie. **Utopian Studies:** A Source for Enlightenment. 2011. Disponível em: <http://coursesite.uhcl.edu/HSH/Whitec/LITR/5439utopia/models/midterms/mt11/mt11Raney.html>. Acesso em: 02 fev. 2018.

REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de narratologia**. Coiambra: Almedina, 1994. Disponével em:

RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. A utopia e a sátira. **Morus**: Utopia e Renascimento, Campinas, v. 6, n. 1, p.139-147, dez. 2006.

ROSENFELD, Anatol. "Literatura e Personagem". In: **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SILVA, Alexander Meireles da. Utopia para quem? O desenvolvimento da literatura de utopia feminina. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, vol. VI, nº XXI, abril-junho/2007, p.1-14.

SIMONE, Alina. **A 1915 novel is now the blueprint for a real-life feminist utopia.** 2016. Disponível em: <https://www.pri.org/stories/2016-04-14/1915-novel-now-blueprint-real-life-feminist-utopia>. Acesso em: 02 fev. 2018.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários.** 7.ed. São Paulo: Ática, 2007.

SPARKNOTES. **Character list of Herland.** Charlotte Perkins Gilman. Disponível em: <http://www.sparknotes.com/lit/herland/characters/>. Acesso em: 02 fev. 2018.

STIELTJES, ClÁudio. **A ironia em a utopia de thomas more:** ideologia e história. 2005. 285 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Filosofia, Literatura Brasileira, Unesp, São Paulo, 2005.

THE Forerunner Vol. 1 (1909-1910). Disponível em: <https://uniteyouthdublin.files.wordpress.com/2015/01/the-forerunner-vol-1-by-charlotte-perkins-gilman.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

THE University of MIchigan Libraries: Radical Periodicals in United States 1890-1960. Radical Periodicals in United States 1890-1960. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015029758342;view=1up;seq=18>. Acesso em: 02 fev. 2018.

WEST, Lindy. **Herland**: **the forgotten feminist classic about a civilisation without men.** 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2015/mar/30/herland-forgotten-feminist-classic-about-civilisation-without-men>. Acesso em: 02 fev. 2018.